PREGUE MAIS EM MENOS TEMPO



JILTON MORAES

Vida
ACADÊMICA

PREGUE MAIS EM MENOS TEMPO



JILTON MORAES

Vida
ACADÊMICA

PREGUE MAIS EM MENOS TEMPO

JILTON MORAES

PREGUE MAIS EM MENOS TEMPO

Vida

Editora Vida Rua Conde de Sarzedas, 246 - Liberdade CEP 01512-070 - São Pau

Editor responsável: Gisele Romão da Cruz Preparação de texto: Sônia Freire Lul

1. edição revista: out. 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moraes, Jilton Pregue mais em menos tempo / Jilton Moraes. -- São Paulo : Edito

Índices para catálogo sistemático:

1. Pregação : Homilética : Cristianismo 251

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Dedicatória

O exercício da teologia na atualidade exige servos de Deus equipados e dispostos a ser pesquisadores que não se limitem aos livros, mas que se realizem no contato com as pessoas e suas necessidades.

A realização do teólogo segundo esse perfil está, além das especulações e dos conceitos teóricos, em proclamar a mensagem da justiça, fazendo brilhar a luz de Cristo onde há trevas. Tal teólogo se doa completamente ao outro, e sua alegria é ver o bem dele, ou a realização dos que os cercam. Penso em alguém assim: dr. Roberto Ervino Zwetsch.

Teólogo, missiólogo, pesquisador, professor, poeta e pastor. Autêntico seguidor do Filho do homem. A esse colega, a quem tenho o privilégio de chamar amigo, este livro é carinhosamente dedicado.

A quem honra, honra

À Faculdades EST, com mais de setenta anos de competência e dedicação a serviço do Reino de Deus, formando líderes, teólogos, pastores e missiólogos.

Agradecimentos

Cada livro que Deus tem me dado o privilégio de escrever me deixa mais convicto de que ele não é meu. Dependo da inspiração divina e da ajuda de amigos em cada projeto acadêmico na área da pregação. Significa que devo gratidão ao Senhor da pregação e a seus filhos, irmãos e amigos, que muito contribuíram para que este projeto se tornasse uma realidade.

Sou grato àquele que me tem dado o privilégio de servir. Sem a ajuda do Pai, nada do que foi feito se fez. Ele é antes de tudo, e dele vem a inspiração para toda boa obra. Ele tem me preservado a vida e me alentado com novas ideias; tem me dado forças para seguir e segurado minhas mãos, ajudando-me a não tropeçar. A cada novo dia, sinto o renovar de suas misericórdias e seu amor sem fim.

A Ester, minha doce esposa, dádiva de Deus, amiga de todos os momentos, presença fiel, cada dia mais próxima de mim: ouvinte, leitora, revisora, incentivadora. Ao dr. Jerry Key, professor e orientador que, apesar da distância geográfica, continua olhando para este aluno.

Aos colegas Alfrêdo Oliveira, Júlio Adam, Michel Augusto, Ricardo Arakaki, Washington Luiz, Wellington Barbosa e Glevison Soares, pelo apoio e pelas valiosas sugestões ao projeto.

Sumário

Prefácio

Introdução

1. Nos tempos do candeeiro

2. A briga por um espaço

3. Encontrando o espaço

4. Destino e itinerário

5. Detalhes do planejamento

6. A rota ideal

7. A viagem vai começar

8. Sem pressa, mas sem lentidão

9. Tornando a viagem proveitosa

10. Perigo: curva acentuada

11. As melhores estradas

12. A missão será cumprida

13. Freando no tempo certo

Conclusão

Referências bibliográficas

Sobre o autor

Um discurso longo pode parecer

curto, e um discurso curto pode ser

tediosamente longo.

John Broadus[1]

---

[1] O preparo e entrega de sermões, p. 369.

Alguns pregadores não

sabem parar quando, na realidade,

já terminaram.

Croft Pentz[2]

---

[2] I Preach Too Long, The Preacher's Magazine, p. 32.

Prefácio

A homilética no contexto brasileiro pode contar com este excelente recurso para a pregação cristã: refletir sobre o tempo do sermão no culto, especificamente sobre a brevidade na pregação. Já era hora de pensar sobre o assunto. É disso que trata o livro que o leitor tem em mãos.

Trata-se de um livro breve sobre o tema, no qual o professor Jilton Moraes, assim como em toda a sua vasta obra teológico-prática e homilética, nos brinda com uma excelente combinação de reflexão teórica com base nos princípios básicos da homilética e nos subsídios práticos para a elaboração da prédica, no formato de um manual de pregação. Quem precisa refletir sobre seu labor homilético, encontrará aqui um excelente subsídio.

Tendo em vista a proposta do autor quanto à brevidade, o livro também é breve, escrito com leveza, de forma vívida, combinando diálogo e conteúdo teórico-prático, usando várias metáforas e ilustrações — em especial a ideia de pensar a pregação como uma viagem —, dando pistas claras para o caminho rumo a uma pregação fincada nos novos tempos. Ou seja, o próprio livro segue o modelo daquilo que o autor mesmo propõe.

Segundo Jilton Moraes, vivemos em nossos sermões um dilema: uma tendência herdada a pregar sermões longos, como sinônimo de qualidade sermônica e como prova da piedade do pregador, por um lado, e, por outro, uma mudança profunda na cultura midiática, imediatista, rápida e volátil em que vivemos. Com um agravante: sermões longos sem preparo e competência, como se a duração por si só fosse garantia de qualidade. Diante desse dilema, faz-se necessário uma mudança profunda na pregação. A brevidade é uma possibilidade a ser alcançada ao lado da profundidade.

Em grande parte do livro, Jilton faz duras críticas aos sermões longos, prolixos, enfadonhos e sem preparo bíblico, teológico, hermenêutico e comunicativo que rondam muitas igrejas. Pregar brevemente é, portanto, mais do que apenas aprender outra maneira de pregar que comunique mais; é também desconstruir a maneira de pregar herdada do hemisfério norte, na qual a quantidade, por vezes, suplantava a qualidade. Acima de tudo, é urgente a conscientização de que pregar mais não significa pregar melhor. Sermões longos não são necessariamente sinônimo de qualidade teológica e homilética, nem garantia da fé e da competência de quem prega.

Para o autor, brevidade não significa apenas pregar menos para agradar aos ouvintes em suas tendências efêmeras, mas, sobretudo, comunicar mais em menos tempo, como expressa o título do livro. Um sermão breve poderia ser de quinze a vinte minutos. Mesmo assim, não é o tempo que determina sua qualidade. O sermão breve não é um sermão mais rápido ou mais curto, mas um sermão preciso e conciso. Sua qualidade advém de outros fatores, como considerar todo o culto um momento de pregação; usar, além do discurso, outros recursos, como a música e os hinos, metáforas, ilustrações; valer-se de outros modelos de pregação, como monólogos, narrativas e diálogos; levar em conta os ouvintes, o contexto e a vida da comunidade; aprofundar o estudo da Bíblia e dos textos que servirão de base para a prédica; e, acima de tudo, a autenticidade e a integridade humana e espiritual de quem prega.

Ao contrário do senso comum, pregar sermões concisos é tarefa difícil, porque implica trabalho sério e dedicado, profunda reflexão e capacidade de selecionar aquilo que deve ser pregado. Em uma sociedade acostumada com o fugaz e o efêmero, o sermão breve encara o desafio de comunicar a viva voz do evangelho a ouvidos cansados, distraídos e consumistas.

Jilton Moraes é doutor em Teologia Prática, tendo recebido em 2014 o título de “notório saber” por meio do Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST. É pastor batista, professor de homilética e autor de vários livros na área da

pregação cristã, tanto no contexto brasileiro quanto no latino-americano. Esse material perpassa as várias igrejas e tradições cristãs, seus seminários, centros de formação e faculdades de teologia. Sua obra se caracteriza pela boa combinação entre reflexão da realidade, fundamentação homilética sólida e proposta prática para a pregação.

Somos gratos a Deus por sua vida, por sua obra e por mais esta produção. Apresentamos mais este trabalho diante de Deus! Queira ele permitir que nossas igrejas comuniquem mais do evangelho e que pessoas, comunidades, igrejas e nosso país possam, na precisão e brevidade da pregação, viver em abundância o grande sonho de Deus.

São Leopoldo, RS, outubro de 2019

D

R.

J

ÚLIO

C

ÉZAR

A

DAM

Pró-reitor de pesquisa e pós-graduação — EST

Professor de teologia prática das Faculdades EST

Presidente da Rede Latino-americana de Homilética

Introdução

A brevidade é parenta da clareza e mãe do impacto. Não se alongue demais ao apresentar os pontos de sua mensagem.[1]

Há mais de trinta anos, desenvolvi pesquisa acadêmica sobre a importância da síntese na pregação. [2] Além da investigação bibliográfica, entrevistei professores de homilética, pregadores e ouvintes. A empreitada foi árdua: não encontrei um só livro sobre o valor da síntese na prédica. A constatação me entusiasmou: eu precisava explorar esse caminho aparentemente novo! O ponto de partida das pesquisas foi uma análise da pregação do dr. David Mein, pastor, missionário estadunidense criado no Brasil e que aqui trabalhou e pregou a Palavra durante quarenta anos. Ele foi um pregador revolucionário em sua época, conseguindo aliar profundidade e brevidade à sua fala. Em um tempo quando prolixidade era confundida com espiritualidade e erudição, suas prédicas raramente ultrapassavam a marca dos vinte minutos. Nele e em outros pregadores na história da pregação, encontramos sermões breves com resultados permanentes. Esse é o desafio.

A publicação mais significativa sobre o tempo de duração do sermão que encontrei na época foi um capítulo do livro de Andrew Watterson Blackwood,[3] que intitulou esse capítulo de “O problema da duração do sermão”, no qual, em 11 páginas, abordou o assunto com relevância para o tempo em que foi escrito: 1948.

Nessas quase quatro décadas, tenho sido cobrado por colegas, alunos, ex-alunos, leitores e ouvintes que me perguntam quando o livro sobre a síntese no sermão sairá do prelo. Desapontando aqueles que alimentavam tal expectativa, eu respondia não ter nada no prelo sobre o assunto.

Em 1991, Bill Bennett lançou o livro Thirty Minutes to Raise the Dead [Trinta minutos para levantar o morto]. Imaginei ser um enfoque sobre a brevidade no púlpito; no entanto, o trabalho de Bennett, mesmo sendo um bom livro de homilética, não é um tratado sobre o tempo de duração do sermão. O título do livro surgira da experiência do autor, de quando ele se lembrou da definição de pregação de seu professor de homilética, James Clelland: “um exercício no qual uma simples pessoa tem o privilégio de em trinta minutos levantar o morto”.[4]

No livro Homilética: do púlpito ao ouvinte, elaborei um capítulo sobre o assunto: “Quanto tempo pregar”; ainda assim, as cobranças persistiram. Quatro anos depois, no livro O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito, escrevi um capítulo na mesma direção: “Aprenda a parar”. No entanto, isso não quitou a dívida: a promessa ainda não havia sido cumprida.

Não é fácil falar sobre o tempo no púlpito, talvez porque, para alguns pregadores, esse tempo seja imensurável. Para eles, sendo a prédica inspirada pelo Eterno Deus, demarcar esse tempo seria tentar limitar o ilimitável. Mas nenhum sermão deve ser infindável pelo fato de apresentar valores sem fim. Outra razão dessa dificuldade pode estar no perigo de alguém propor-se a escrever um longo tratado em defesa dos sermões breves.

Fugi quanto pude; no entanto, não posso mais escapar. O tempo chegou! Há alguns meses, comecei outra vez a pensar na necessidade deste livro e, como diria o apóstolo Paulo, a mim me era imposta essa obrigação. O que fazer então? Criar coragem e prosseguir. Mas eu esbarrava no problema da falta de tempo.

Minha agenda estava repleta de compromissos no ano de 2014. Nesse ponto, o Pai interveio. Seus pensamentos e caminhos diferem dos nossos; seu agir está infinitamente além. Problemas de saúde me fizeram parar tudo para buscar com urgência correção por meio de cateterismo coronário e angioplastia para a

implantação de stent.

Impedido de viajar e de exercer atividades que me exigissem mais esforços, compreendi o recado do Pai. Ele me dera o tempo necessário e derrubara a mais contundente desculpa que eu apresentava. Só me restava reconhecer que o Senhor do tempo tomava as providências para que o plano dele acontecesse. Que Deus maravilhoso! Para o louvor de sua glória, no tempo por ele determinado, apresento-lhe Pregue mais em menos tempo, que traz ao pregador o desafio de impactar ouvintes em um tempo de praticidade e pressa.

Eis o livro com a abordagem sobre o tempo de duração do discurso religioso. Não é volumoso; se assim fosse, pareceria uma apologia à prolixidade. Como não pretendo defender sermões curtos, também não desejo respaldar as longas prédicas. Além disso, o livro não se limita à comunicação sermônica, uma vez que apresenta princípios válidos a comunicadores de outras áreas.

Como diferencial no trato do assunto, elaborei uma parábola com dois personagens: o pastor Êutico, experiente no pastorado e no púlpito, e o pastor Paulo, jovem promissor e líder dedicado. O primeiro com uma opção preferencial pela brevidade; o segundo, apesar de não se declarar defensor da prolixidade, não consegue pregar menos de cinquenta minutos. Um dia, o jovem encontra o ancião e trocam ideias sobre o assunto. O conteúdo deste livro é exatamente o fio condutor dessa conversa.

Peço a Deus que este livro seja útil a todos nós, responsáveis por comunicar a Palavra na era da comunicação. Mais do que de brevidade, o púlpito hoje necessita de qualidade. Um pregador pode fazer a proeza de apresentar um longo sermão e parecer breve; outro, na contramão da história, pregar um breve sermão que assume a aparência de algo longo demais.

Que o Senhor tenha misericórdia de nós e abra o nosso entendimento para que também tenhamos misericórdia de nossos ouvintes.

Brasília, outubro de 2019.

J

ILTON

M

ORAES

---

[1] Thimoth TURNER. Apud NEELY, Winford Omar. Sermões dinâmicos. In: KOESSLER, Manual de pregação, p. 330.

[2] MORAES, O valor da brevidade para a relevância da pregação.

[3] A preparação de sermões.

[4] Thirty Minutes to Raise the Dead, p. 9.

Capítulo 1

Nos tempos do candeeiro

Em termos de técnica de informação, a prédica ocupa o mesmo lugar que a lâmpada de querosene na área da técnica da iluminação.

Hans-Dieter Bastian

— Você gosta de viajar? Eu gosto muito. Deus tem me dado excelentes oportunidades de viagens, que trazem ricas e memoráveis experiências. Comecei a viajar com meu pai. Foi um itinerário de uns 250 quilômetros; no entanto, para um menino curioso, a aventura se tornou inesquecível. Meu pai viajava a negócios, e eu não passava de seu acompanhante. Cedo, aprendi a diferença entre uma viagem a negócios e um passeio. Você já pensou nisso? Todo pregador precisa aprender esta lição: passeio é diferente de viagem a negócios.

Assim começou o papo entre os dois: um ancião e um jovem. Eles já se conheciam; no entanto, naquela manhã, sem que nenhum deles propusesse, parecia estar nascendo um pacto de amizade entre ambos. O primeiro gostava de ensinar, e o segundo estava pronto para aprender. Era um pregador jovem, mas já com mais de cinco anos de experiência. Estava naquele ponto em que muita gente fica presunçosa, mas ele achava que não havia do que se convencer; ao contrário, sabia que precisava conhecer mais. Ali estava a primeira lição: passeio é diferente de viagem a negócios .

— Por quê?

Quis saber mais, mas, mesmo assim, não indagou. Em vez disso, fez uma observação:

— O senhor deve ter bons retalhos de sua infância...

A frase foi concluída, e o ancião retomou a palavra:

O CANDEEIRO NO PÚLPITO

Uma imagem que tenho em mente é a do candeeiro a querosene. Muita gente hoje nunca viu um candeeiro. Na minha infância, porém, era algo comum, pois não havia iluminação elétrica em muitas casas, sobretudo nos lugares mais distantes. Apesar dos meus 6 ou 7 anos, lembro-me de uma casa desprovida desse recurso. Ali a igreja tinha um ponto de pregação. Depois de caminhar bastante por ruas esburacadas e escuras, chegávamos à residência de um simpático casal idoso onde o culto era realizado. Sempre juntos, os anfitriões nos esperavam na sala. A alegria estampada no rosto de cada um era tão visível que ocultava a pobreza do lugar. A iluminação era fornecida por rústicos candeeiros abastecidos a querosene. A nossa chegada iluminava ainda mais, pois levávamos outros candeeiros, sem nos esquecer de que a mensagem ali pregada falava da verdadeira luz.

Para quem nunca viu um candeeiro funcionando, é preciso saber que, depois de abastecê-lo, era necessário colocar o pavio trançado de algodão e acendê-lo; a partir daí, a chama ia surgindo: primeiro, um tanto azulada; e, aos poucos, se tornava avermelhada, soltando pequenas faíscas, até se aprumar como luz. A luz amarelada ia tomando conta do ambiente, tornando-o menos escuro.[1]

O candeeiro naquela casa era feito de lata, tendo o bojo com querosene capaz de garantir a manutenção da luz por um bom tempo. Ainda assim, quando o pregador se esquecia da limitação do candeeiro, algum diácono já chegava com outro recém-abastecido, para não “faltar luz” no meio da prédica.

Hoje, vivemos novos tempos. São poucos os lugares ainda não alcançados pela energia elétrica, especialmente nos grandes centros. Nem dá para pensar em cultos realizados em casas iluminadas por candeeiros. A era do candeeiro acabou. Nem o querosene nem outro combustível gerador de energia são necessários: basta um clique no interruptor e as lâmpadas são imediatamente acesas.

As limitações do passado me lembram de que algumas vezes, na minha infância, ajudei nas mudanças do meu pastor, professor Plácido Moreira, quando muitos de seus livros precisavam ser transportados. Eu ficava sem compreender o porquê de tantos livros. Só alguns anos depois, quando fui ordenado pastor, é que pude compreender a prioridade do estudo na vida pastoral. Na época, início de 1971, entre o sonho de adquirir um televisor e a necessidade da informação, minha esposa e eu decidimos adquirir uma coleção enciclopédica usada.

— Nem dá para pensar em algo assim no momento atual — interrompe o amigo. O outro, contudo, parecendo nem ouvir, continua.

— Tal “sacrifício” hoje não seria necessário. Temos bem mais que uma enciclopédia! Um simples clique no mouse e um mundo de informações se descortina. Livros, de todos os gêneros e épocas, estão ao alcance. Aulas, palestras, prédicas, discursos, concertos musicais e as mais variadas informações.

Outra vez o jovem, expert em informática, interfere:

— Vivemos a era virtual, a era da velocidade! Mas afinal o que isso tem a ver com o tempo de duração da prédica?

CANDEEIRO E PREGAÇÃO

Dieter Bastian afirma: “Em termos de técnica de informação, a prédica ocupa o mesmo lugar que a lâmpada de querosene na área da técnica da iluminação”.[2] Essa constatação, mesmo parecendo um bombardeio direto contra os pregadores dos últimos dois séculos, deve servir de incentivo a um olhar analítico sobre a real situação da comunicação sacra em nossos dias.

A reflexão é urgente, de forma humilde e honesta, antes de se hastear qualquer bandeira defensiva da brevidade ou da prolixidade no púlpito. A busca de adequação do modelo do discurso religioso com a realidade atual deve abranger pontos como: a pregação e a música no culto; as funções do pregador e do dirigente de música; a biblicidade e o propósito na pregação; o planejamento da prédica; a importância do esboço; a velocidade do momento; os ouvintes e a pregação; a necessidade de fugir dos perigos; as novas formas sermônicas; os novos desafios, bem como a necessidade de frear no tempo certo.

— Mas isso é um verdadeiro tratado de homilética. Nem mesmo no meu curso de Teologia vi algo assim — corta o jovem colega.

O outro, mais uma vez, continua sem valorizar muito o elogio que acabara de receber.

NOVA ILUMINAÇÃO

O final da era do candeeiro originou profundas mudanças na sociedade e na comunicação interpessoal; a realidade é que “estamos dispostos a fazer sacrifícios imensos para conseguir mais velocidade porque hoje a sociedade pulsa com novas prioridades e novas demandas”.[3] Quando o orador pede a misericórdia de Deus para sua fala, deve se lembrar de que precisa ser misericordioso com os ouvintes a fim de que essa petição seja verdadeiramente atendida.

Até que ponto a igreja foi transformada por meio de sua comunicação e de seu modo de comunicar a Palavra no que diz respeito à relação fiéis e sociedade? O candeeiro cedeu lugar à energia elétrica, e com ela a comunicação foi se tornando cada vez mais veloz. A velocidade afeta tanto as pessoas que quem não se apressa a correr, acompanhando o ritmo acelerado do momento, acaba atropelado pela procissão que passa velozmente, ou retido no meio do caminho, sem completar o roteiro de sua viagem.

Que lugar a igreja ocupa em meio à multidão?

Neste tempo de praticidade e pressa, a velocidade tem sido grande aliada das ciências e trazido muitos benefícios às pessoas, de modo especial na área da comunicação. E aí, mais uma vez, surge a indagação:

De que modo a igreja vive o momento da velocidade, tornando sua comunicação mais veloz e mais dinâmica?

Os recursos multimídia, tão presentes e úteis na comunicação secular, começam a ser utilizados na transmissão de algumas prédicas. A presença desses recursos tem tornado mais atraente a comunicação sacra nas prédicas ou, em vez disso, tem prejudicado a interação pregador/ouvinte?

Vivemos em busca de iniciativas e ações cada vez mais rápidas. Já datilografei em máquinas de escrever manuais, que eram lentas e pesadas. Apesar disso, sendo o único recurso disponível para a produção de textos, não podíamos reclamar da falta de velocidade, pois não havia nada mais veloz. Depois vieram as máquinas elétricas, mais leves e com interessantes recursos que nos permitem apagar os erros com uma fita acoplada em seu mecanismo. Só quando surgiram os primeiros computadores, apesar de seus editores de texto não serem tão rápidos, começamos a ter ideia de que uma verdadeira revolução começava a ocorrer. Hoje, contamos com novos recursos que tornam a comunicação cada vez mais rápida.

— Que impressionante! — fala o jovem amigo, pastor Paulo, e completa: — Eu nunca havia pensado nesse assunto do ponto de vista da velocidade do momento!

O pastor Êutico, mais experiente, segue:

O TEMPO DA VELOCIDADE

Com certeza você já viu vários outdoors. Eles estão nas cidades, e nós os vemos a todo instante: alguns de bom gosto, bem projetados, despoluídos, com boa mensagem e sobretudo com a capacidade de alcançar de modo rápido e pontual as pessoas que passam por eles. Essa é sua finalidade.

A finalidade do outdoor é alcançar pessoas que passam com pressa.

O profeta Habacuque teve uma visão dessa época. As pessoas passavam apressadas, sem tempo ou motivação para se deter, mas ainda assim com a capacidade de receber a mensagem caso fosse rápida o suficiente para alcançá-las: “Escreva claramente a visão em tábuas, para que se leia facilmente” (Habacuque 2.2).

O tempo é chegado! Sem mutilar as nossas prédicas, precisamos exercitar o dom da síntese para sermos capazes de dizer mais em menos palavras.

Como estamos respondendo a esse desafio? O conteúdo de nossa pregação será sempre atual; no entanto, somos responsáveis por atualizar a forma com que nos comunicamos.

— Esse é exatamente o meu problema. Não sou defensor de longos sermões, mas não consigo pregar em pouco tempo.

Era o que o experiente mestre precisava ouvir para seguir com sua aula.

As descobertas e novidades provenientes das transformações entre os tempos: candeeiro — eletricidade — velocidade devem ser utilizadas para o engrandecimento do Reino de Deus. Isso inclui o aprimoramento da comunicação da Palavra, objetivando a excelência na difusão da prédica. Devemos pregar às pessoas do nosso tempo, convictos de que “a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas enchem o mar” (Habacuque 2.14).

Ao fazer referência de que não somos capazes de acrescentar mais horas ao dia, mas que podemos aproveitar melhor cada minuto, Poscente fala sobre a diferença entre o que podemos realizar em sessenta minutos hoje e o que era possível realizar durante esse mesmo tempo há trinta anos.[4]

A brevidade não é só virtude a ser admirada, mas recurso a ser buscado; não apenas habilidade a ser compreendida, mas solução a ser adquirida: não basta simplesmente analisá-la; precisamos utilizá-la. Nenhum proveito terá se nos embevecermos com ela, sem nos envolvermos nela.

Nenhum orador necessita ser escravo da brevidade, mas deve utilizar seus princípios para tornar mais dinâmico seu discurso. Em qualquer área da comunicação, "longos discursos, por melhor que seja o conteúdo, prejudicam a sua compreensão, sobretudo pelo cansaço. Esse cansaço é normal, pois o ouvinte naturalmente deixa de prestar atenção nas palavras proferidas".[5]

A responsabilidade de ministrar a ouvintes na era da rapidez não deve constituir um estímulo para a utilização da síntese. O desafio do momento é buscar fazer o máximo e o melhor em menos tempo. A era da velocidade no púlpito e no palanque deve ser também a era da perfeição. Não basta sermos mais rápidos; precisamos, antes de tudo, ser mais dependentes do Senhor que nos manda pregar. Só assim, e com mais tempo e atenção no preparo de nossas prédicas, podemos ser eficientes, atualizados e produtivos, e, em meio à praticidade e pressa, ser achados fiéis. Se quisermos ter ouvintes atentos ao que lhes comunicamos, precisamos atentar para o fato de que o momento atual é de praticidade e pressa: os ouvintes vivem correndo, numa sociedade apressada. E nesse contexto surge o problema da falta de espaço.

---

[1] COSTA, Rangel Alves da. No tempo dos candeeiros. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/>. Acesso em: 21 ago. 2019.

[2] Apud KIRST, Rudimentos de homilética, p. 22.

[3] POSCENTE, A era da velocidade, p. 6.

[4] Ibidem, p. 25.

[5] ROBALDO, José Carlos. A necessidade da brevidade nos discursos: reflexões.Disponível em: <https://joserobaldo.jusbrasil.com.br/artigos/121819755/a-necessidade-da-brevidade-nos-discursos-reflexoes?ref=amp>. Acesso em: 21 ago. 2019.

Capítulo 2

A briga por um espaço

No passado, os adoradores iam ao extremo, considerando a prédica como a parte mais importante do culto. No presente, algumas pessoas vão ao outro extremo questionando por que a permanência da prédica no culto.

Quando o objetivo do culto é glorificar a Cristo, a briga por espaço desaparece: pregamos enquanto cantamos e cantamos como parte da pregação. “As pessoas que fazem o culto não são apenas lábios que pregam e cantam, ou mãos que tocam e regem, mas vidas que se colocam no altar do Senhor.” [1] O espaço começa a ser disputado quando nos esquecemos de que “não somos chamados a ser profissionais do culto: servimos como adoradores”. Jesus advertiu: “Quem me serve precisa seguir-me; e, onde estou, o meu servo também estará. Aquele que me serve, meu Pai o honrará” (João 12.26). Se o que prega e o que canta não seguem Jesus, sua pregação e sua música não agradam ao Senhor.

O pastor Paulo sabia que Êutico não era prolixo. Aliás, era o tipo traumatizado com longos discursos; pregando, não excedia a marca dos vinte a vinte e cinco minutos. E isso era incomum. Na conversa, buscou coragem e perguntou ao ancião:

— Por que o senhor despende tão pouco tempo no púlpito?

Parodiando o próprio nome, ele respondeu, em tom jocoso:

— Prego pouco porque um dia um orador pregou um longo sermão e eu, que sentado na janela dormia, levei um tombo, e quase foi esse o meu fim. Quando me tornei um pregador, decidi levar a sério a questão do tempo.

SEM ATROPELOS

Comemorando seu aniversário, a igreja convida um pastor para pregar alguns dias. Eles investem financeiramente no evento, e o pregador dedica tempo e energia para fazer o melhor. A duração dos cultos nessa igreja é de uma hora e meia a duas horas em média. O problema é que um cantor também convidado acaba levando todo o tempo, pondo o povo para cantar e pular. Quando o pregador é chamado para começar sua prédica, o tempo do culto está prestes a terminar. No passado, vivendo uma experiência parecida, eu reduziria a minha fala a cerca de quinze minutos.

Hoje, não esperem que eu haja assim!

O tempo de exposição da Palavra deve ser resumido para aperfeiçoar a qualidade, nunca para encaixar a prédica à prolixidade de um programa musical que ignora o lugar da pregação e o todo do culto.

“A prolixidade é pesada [...]. É impossível manter a atenção por um tempo muito prolongado. A concisão, unida à brevidade, permite reter melhor na memória tudo o que foi dito pelo pregador.”[2] O desafio não é ser capaz de encurtar prédicas em algumas ocasiões, mas saber comunicar mais em menos tempo: “O orador relevante sabe dizer mais em menos tempo e, sem ser escravo do relógio, considera as necessidades e os problemas dos ouvintes, que vivem com pressa, numa sociedade apressada”.[3]

Nesse ponto, o pastor Paulo insiste: — O que posso fazer para ser menos prolixo?

Com um sorriso, o velho pastor devolve:

— Prolixo? Durante quanto tempo você prega?

— De cinquenta a sessenta minutos.

Por alguns instantes, o pastor Êutico nada fala. Parece buscar as palavras...

O DIA DO SENHOR

Não faz tanto tempo que domingo era conhecido como o dia especial para ouvirmos a Palavra de Deus. As famílias, reunindo todos os membros, iam ao templo. Era o dia sagrado, e a celebração tinha como atividade principal a proclamação da Palavra. As pessoas eram convidadas: “Ouçam um excelente pregador”.

Hoje, o convite é: “Ouçam um magnífico cantor, uma banda imperdível”.

Quem estava certo? Nessa disputa por espaço, trocamos seis por meia dúzia: querer atrair alguém ao templo para ouvir um cantor, uma banda ou um conjunto

é tão incorreto quanto desejar que as pessoas sejam conduzidas ao templo para escutar um pregador.

A motivação correta para convidar pessoas a irem ao templo deve ser a oportunidade de ver a glória do Senhor.

Esse é o sentido do culto quando, reunidos em espírito de adoração, nos abrimos completamente diante do Pai. E são esses os adoradores que ele procura. Jesus foi claro: “No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura” (João 4.23). É isso que dá sentido quando cantamos:

Jesus em tua presença, reunimo-nos aqui

Contemplamos tua face e rendemo-nos a ti

Pois um dia tua morte

Trouxe vida a todos nós

E nos deu completo acesso

Ao coração do Pai.[4]

Infelizmente, hoje são poucos os cânticos que enfatizam a importância de estarmos na presença do Senhor. Por vezes, nem é possível entender o sentido exato do que cantamos. Além disso, é lamentável o realce ao pretenso poder atribuído ao pregador e às badaladas credenciais dos músicos. Já não há tanta preocupação com uma liturgia séria que envolva pregação e música num mesmo nível com o propósito único de glorificar a Deus.

É terrível constatar que algumas igrejas trocaram a oração pela atração, o testemunho pela emoção e o discipulado pelo embalo.

— O senhor tem razão; há um caos litúrgico. Mas eu pergunto: de quem é a culpa? Esse assunto tem se tornado uma queda de braço entre pregadores e músicos.

O pastor Êutico rebate com perguntas retóricas, a que ele mesmo responde.

DE QUEM É A CULPA?

Não há mais lugar para a pregação da Palavra na adoração? Por que chegamos a esse estágio? Antes de buscar os culpados, precisamos compreender a realidade da situação.

As prédicas perdem seu lugar no culto porque deixam de ser relevantes na vida dos ouvintes: tornam-se irrelevantes por causa do descaso daqueles que deveriam dar a vida para comunicar com entusiasmo a mensagem capaz de transformar o mundo.

Precisamos reconhecer que não vale a pena ouvir uma palavra que diz apresentar a vida, mas é pregada sem vida; escutar que Jesus dá segurança, quando quem afirma parece completamente inseguro. No final dos anos 1980, quatro pastores serviram em uma atividade bem diferente no que tange a pregadores. Era um grupo de trabalho de uma denominação histórica[5] encarregado de elaborar um novo hinário. Foram três anos de trabalhos, nos quais pastores e músicos

serviram juntos. Agradeço a Deus ter sido parte desse grupo: foi abençoador! A convivência e a execução de tarefas compartilhadas possibilitaram grandes resultados: pastores valorizando mais a música e músicos valorizando a pregação.

DUETO TRANSFORMADO EM DUELO

Música e pregação não existem para a competição, mas para a proclamação; não ocorrem para a exibição dos que cantam e pregam, mas para que o nome do Redentor seja conhecido e engrandecido. Juntas ou separadas, acontecem, não para enriquecer cantores e pregadores, mas para anunciar a majestade divina. A finalidade de uma e da outra não está na promessa de riquezas materiais, mas no fato histórico de que o Filho de Deus se fez pobre para nos fazer participantes das riquezas de sua glória!

O jovem pregador, que pouco falara até então, busca um pouco mais do assunto:

— Como o senhor vê essa questão da queda de braços entre pregadores e músicos? O que está faltando? Como podemos resolver esse problema?

Trabalhando na dependência do Espírito Santo, constatamos que acusar a música como se ela fosse a causa do declínio do púlpito não traduz a realidade. Pregação e música perdem a condição de dueto quando pregadores e músicos saem do lugar de onde nunca deveriam ousar sair: afastar-se da cruz e do Crucificado.

Quem assim procede, assume uma posição que não deveria ser o foco: a de receber aplausos dos ouvintes ou participantes. Essa atitude cria um fenômeno deprimente, no qual os adoradores são transformados em espectadores; templos, em circos; pregadores, em animadores de palco; e cantores, em artistas. Ao contrário, devemos pregar e cantar movidos pela transformação que Jesus

realizou em nós, cientes de que a glória e o louvor pertencem a ele. Isso nos remete à condição de servos e nos faz viver para servir e honrar ao Senhor: não há lugar para “queda de braço” entre aqueles que servem no templo, pois sabem que não é por força, nem por violência, mas pelo Espírito do Senhor que vivemos (cf. Zacarias 4.6).

FALTA PROPÓSITO

O serviço cristão — no templo ou fora dele — é privilégio daqueles que se doam ao Senhor! Somos achados fiéis quando nos firmamos no propósito de servir. Jesus fez uso de uma parábola para falar dos trabalhadores que são realmente felizes:

“Portanto, vigiem, porque vocês não sabem em que dia virá o seu Senhor. [...] Assim, vocês também precisam estar preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam. Quem é, pois, o servo fiel e sensato, a quem seu senhor encarrega dos demais servos de sua casa para lhes dar alimento no tempo devido?” (Mateus 24.42,44,45).

Somos felizes na medida da nossa fidelidade ao Senhor, que nos convoca para seu trabalho. John Broadus declarou: “O pregador deverá estar com o pensamento voltado para a Verdade Divina, para a adoração real de Deus, e estar tomado inteiramente pelo desejo de salvar e edificar almas”.[6] Fidelidade e felicidade andam juntas; a realização está no serviço honesto e em fazer exatamente o que o Senhor quer que façamos.

Nessa parábola do servidor fiel, Jesus destaca o serviço dele: “dar alimento no tempo devido”. É o mesmo trabalho que ele tem confiado a pregadores e músicos hoje: repartir a Palavra falada e cantada, capaz de alimentar pessoas famintas. No entanto, é lamentável que esse propósito nem sempre

seja alcançado.

O jovem pastor que estivera a escutar, agora intervém:

— De que modo essa falta de propósito afeta o tempo de duração da prédica? A questão do propósito teria toda essa abrangência?

— O nosso propósito determina a nossa prioridade. Vejamos como posso tornar o meu pensamento mais claro. Não servimos para competir, mas para agradar ao Senhor...

Precisamos voltar ao prazer de servir como simples escravos; servir porque o Senhor comprou nossa liberdade com o preço de seu próprio sangue. O antigo hino “Compensa servir a Jesus” expressa bem essa realidade:

Servir a Jesus, que prazer sem igual! Nele há salvação e vida eternal.

É só confiar e seguir sua luz; compensa servir a Jesus.

Compensa servir a Jesus mais e mais, compensa, pois bênçãos produz.

Seja a senda da glória difícil demais, é prazer, sim, servir a Jesus.[7]

FALTA PRIORIDADE

O que vem primeiro no programa de um pregador? O que deve ocupar o lugar de destaque na vida de um músico? O músico no contexto eclesiástico é alguém com um treinamento específico na área da música que, atendendo a um chamado especial do Senhor, dispõe seus dons e capacitações a serviço do Mestre.

Nenhum pregador, na tentativa de justificar o declínio do púlpito, deve acusar a liturgia mais participativa. Os tempos atuais requerem mais participação do adorador, mais informalidade na comunicação, mais capacidade de síntese e persuasão no púlpito. Não há dúvida de que o culto é o evento mais exigente no qual pregadores e músicos se apresentam. Paradoxalmente, eles não se exibem; o que expõem é o brilho da glória divina na palavra e na música. Isso não exclui o valor dos princípios homiléticos e das técnicas musicais, como ferramentas indispensáveis para a consecução desse objetivo.

No templo, adoramos servindo e servimos adorando; não se trata de simples apresentação, mas apresentação ao Eterno, ao Rei dos reis e Senhor dos senhores. Nesse sentido, tem razão Don Hustad, ao declarar:

Adoração não é atração; é algo que a congregação faz para Deus. Não pode haver nada da personalidade humana para tirar a atenção de Deus. Você deve desenvolver sua sensibilidade ao mais alto nível, mas depois deve aprender a levá-la até a cruz de Cristo. E, na cruz de Cristo, ela será acomodada à necessidade do povo.[8]

Bill Bennett indagou: “Que podemos dizer sobre o lugar da pregação, quando é dado ao pregador um tempo de quinze a vinte minutos para proferir o seu sermão?”.[9] E aos músicos, quanto tempo é dado na mesma celebração? Qual é o lugar da música na liturgia? Qual é o lugar da pregação na liturgia? De que modo a música pode contribuir para a pregação e até onde a prédica e a música juntas podem ser relevantes? A causa principal dessa dificuldade é o tempo, ou esse

fator é simples consequência de uma situação que demanda ajustes mais sérios?

ADORADORES APRESSADOS

Ministrando neste tempo de velocidade e pressa, deparamos com o adorador apressado. Infelizmente, não se trata de um fenômeno isolado, mas de uma realidade constante, presente em um número cada vez mais expressivo. O problema não é o natural dinamismo que motiva a busca de aperfeiçoamento, mas a pressa, tão conhecida inimiga da perfeição. Pregadores que, diante da correria do momento, não têm tempo para dar o melhor no preparo de suas prédicas, e ouvintes que, no passo veloz da atualidade, são desmotivados a ficar atentos a um sermão preparado às pressas, mas pregado com terrível lentidão, sem vida e sem encanto. Que Deus nos ajude a reencontrar o espaço da pregação no culto.

---

[1] MORAES, Ministério e relacionamentos, Louvor, p. 6.

[2] OLIVAR, Alexandre. Tempo dedicado à pregação ontem. In: SODI, Manlio; Triacca, M. Achille (Orgs). Dicionário de homilética. São Paulo: Paulus/Loyola, 2010. p. 1631.

[3] MORAES, O valor da brevidade, p. 4.

[4] Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/asaph-borba/jesus-em-tua-presenca.html>. Acesso em: 21 ago. 2019.

[5] Convenção Batista Brasileira (CBB).

[6] O preparo e entrega de sermões, p. 270.

[7] Hinário adventista, no 332.

[8] Apud MORAES, Púlpito, pregação e música, p. 7.

[9] Thirty Minutes to Raise the Dead, p. 43.

Capítulo 3

Encontrando o espaço

Sermões intermináveis e desarrumados aborrecem tanto quanto os cultos longos. Tornam-se tão maçantes quanto a liturgia sem propósito de adoração; tão intoleráveis quanto o barulho ensurdecedor; tão insuportáveis quanto a inserção de elementos alheios à adoração; e tão irritantes quanto a exibição descabida.

A viagem é agradável quando temos boa companhia. Essa é uma das razões que me fazem viajar com minha esposa: juntos, estamos no nosso espaço. Quando viajo sem ela, fico preocupado com a pessoa que estará sentada na poltrona ao meu lado. É desagradável passar um tempo ao lado de alguém sem abertura para conversar, ou, ainda pior, com alguém cuja postura é de superioridade, tornando inviável a comunicação.

O pastor Paulo, não compreendendo a aparente digressão do colega mais velho, pensa em qual seria a relação entre viagens e cultos. Lembrando-se de que o assunto antes conversado tinha a ver com espaço, monologa silenciosamente:

“Será que a partir dessa experiência ele voltará ao assunto? Como fazê--lo voltar a falar sobre o espaço da pregação no culto?”.

Nem precisa apresentar suas indagações; logo em seguida, o pastor Êutico volta ao tema.

Pregação e música andam juntas e se completam; é no culto que a pregação acontece! Pensar no tempo de duração da prédica requer igual reflexão sobre o tempo despendido com a música.

O QUE OS PREGADORES PODEM FAZER PARA MELHOR APROVEITAR O TEMPO

1.1. Manter a pregação no lugar que lhe é devido na economia do Reino de Deus.

Não dá para pensar na expansão do Reino de Deus sem o exercício da pregação. Anunciar as boas-novas é missão da igreja. Jesus começou seu ministério pregando, enviou seus discípulos a pregar e declarou que a pregação estaria presente até o fim: “E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mateus 24.14).

Prédicas relevantes resultam de labor fatigante: no trajeto da pesquisa ao púlpito, inspiração e transpiração andam juntas.

2.2. Tratar a pregação como algo precioso que merece receber tempo e atenção.

O pastor Luiz de Assis foi notável por sua capacidade de síntese. Ele estava para completar 90 anos quando o visitei. Ao indagar-lhe sobre o tempo de duração de suas prédicas, transferiu a pergunta para a esposa; e, diante da resposta, de que pregava por vinte minutos, ele completou: “Ela está dizendo que eu prego por vinte minutos, mas pretendo melhorar e chegar aos 15”.[1] Jesse Northcutt,

destacado homileta do século XX, com toda a experiência no púlpito, admitiu: “Cada vez que fui pregar e não estive bem preparado, falei muito mais do que quando me preparei melhor”.[2]

Alguns pregadores falam mais porque não se preparam. Sobram-lhes palavras, mas faltam-lhes argumentos.

A brevidade no púlpito faz sentido quando o pregador sistematiza suas ideias, sintetizando o material a ser apresentado aos ouvintes. Quando dedicamos mais tempo ao estudo sério do texto bíblico e dos ouvintes e de suas necessidades, despendemos menos tempo no púlpito.

3.3. Juntar palavra e música na proclamação da Palavra.

Bom recurso para melhor aproveitamento do tempo no púlpito é a abertura de espaço capaz de trazer a música para dentro da pregação. Cantamos antes e depois da apresentação sermônica, e também podemos e devemos cantar dentro da prédica.

— Perdoe-me interromper, mas preciso compreender: o senhor está falando da possibilidade de pregar menos. Será que, juntando as palavras do pregador à música, não tornaremos o sermão ainda mais longo?

O jovem pastor estava realmente curioso. E tudo faz crer que ele tem razão. Mas o velho pastor, sabendo o que falava, prosseguiu.

O livro Púlpito, pregação e música trata do sermão segmentado, um modelo alternativo no púlpito. Você o conhece? As sugestões são válidas; no entanto, o

que mais precisa é lembrar que a música só deve entrar na prédica quando tem mensagem afinada com o foco sermônico. Tenho vivido essa experiência algumas vezes. Vamos criar uma situação assim? Imagine que você vai pregar um sermão sobre a paz; tem um texto e o foco de sua mensagem.

Texto: João 14.27

“Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês. Não a dou como o mundo a dá. N

Ao observar bem o foco de sua prédica, vemos que se direciona a um propósito básico pastoral: confortar pessoas aflitas. Em vinte, vinte e cinco minutos, você utiliza os melhores recursos explanando o texto, ilustrando e aplicando. O auditório está atento. Quem já conhece a paz de Jesus, quer cultivar ainda mais a comunhão com ele, e os que ainda não têm essa paz são persuadidos a alcançá-la. Você sente o Espírito de Deus agindo. É maravilhoso nos sentirmos como simples instrumentos nas mãos do Senhor!

Um recurso que podemos utilizar é contar a história do hino "Sou feliz com Jesus".[3] A narrativa é impactante! Você a sintetiza e a apresenta em, no máximo, dois minutos. Esse hino é bastante conhecido e querido. Os ouvintes estão impactados com o agir de Deus na vida do autor do hino; o Eterno quer agir na vida deles. Você é responsável por conduzir esse momento. Sua prédica ainda está sendo apresentada. Nada está sendo feito de improviso — os detalhes já estão providenciados. Você termina a ilustração; há comoção no auditório; cada segundo é precioso. Você olha as pessoas e diz: "Sei que gostaríamos de cantar esse hino". Nesse instante (tudo preparado), a letra é projetada, o pianista começa a tocar e o regente, com discrição, sem anúncios, sem dizer nada, conduz a congregação. Bastam duas estrofes e o estribilho. A mensagem da música serve como conclusão. E haveria melhor forma de concluir essa prédica?

Se paz a mais doce eu puder desfrutar,

se dor a mais forte sofrer,

oh, seja o que for, tu me fazes saber

que feliz com Jesus sempre sou!

Sou feliz com Jesus, sou feliz com Jesus, meu Senhor![4]

Depois do cântico, basta um simples convite, evitando apelo com muita

insistência. Deixe o Espírito agir. O melhor que se tinha a fazer, em termos de proclamação e louvor, foi feito: agora é com o Senhor; é o Espírito quem convence. Não precisa passar o resto do tempo em uma insistência sem fim.

Pequenos detalhes são importantes para a duração do culto. Por isso, o fator tempo precisa ser considerado como um todo.

Radiante, o pastor Paulo, já desejando experimentar algumas dessas sugestões, arrisca mais uma pergunta:

— O senhor falou no que cabe aos pastores. E quanto aos músicos?

O QUE OS MÚSICOS PODEM FAZER PARA MELHOR APROVEITAR O TEMPO

4.1. Considerar o espaço que é da pregação.

A boa música no culto nunca acontecerá em detrimento da pregação. Quem acha que a boa música faz carreira solo no culto, não tem condições de trabalhar em tão elevado empreendimento. A música participa do culto por sua capacidade de nos aproximar do Deus a quem adoramos. Sempre que alguém pretende colocá-la em um pedestal, prejudica a própria música que apresenta. Não é o brilho da música ou da pregação que deve aparecer; ao contrário, música e pregação devem trabalhar juntas para que o brilho de Jesus apareça. Al Fasol falou dessa realidade: “Palavra de Deus aplicada a uma congregação contemporânea, comunicada por uma pessoa chamada por Deus, de tal modo que promova a mensagem e esconda o mensageiro”.[5] Gosto dessa ideia. A prédica é promovida, e o pregador, escondido; ele desaparece, e ela acontece; o pregador é utilizado, e

o Eterno é glorificado!

Isso também se aplica à música ou a qualquer outra parte no ajuntamento cristão: se não for para que a glória do Senhor seja vista, por mais que contenha a melhor arte, a apresentação mais exuberante não preenche as condições de acontecer no culto. Pregação é vida diante do altar. Nesse sentido, os conceitos de pregação, música sacra e culto se confundem: o culto acontece quando nos colocamos diante de Deus; quem canta, coloca a vida no altar e apresenta-se a Deus, pois ele fala pela música; se quem prega não faz do púlpito um altar de entrega ao Senhor, suas palavras só farão barulho.

O espaço da pregação é da máxima relevância, mas esse destaque está no fato de ela provir da Palavra de Deus, apresentada diante dele para que todos reconheçam que ele é Senhor! Quando aqueles que dirigem a música na igreja firmarem o propósito de fazê-lo como sua adoração ao Senhor, será mais fácil obter melhor aproveitamento do tempo no culto.

5.2. Evitar a ocorrência de “pregações” não programadas.

Trata-se de falas dos dirigentes de música entre os hinos: eles leem textos, contam experiências, interagem com o auditório, assumindo função que caberia ao liturgo ou ao pregador. Ouvi, contado com uma pitada de humor, o que ocorreu em uma dessas ocasiões. Depois de um inacabável tempo de “música” e embalo, com inserções indevidas, deram a palavra ao pastor. Todos sabiam que sua pouca habilidade para cantar o mantinha longe do microfone nos períodos de louvor. Naquele dia, porém, ele começou a cantar. Cantou as seis estrofes de um longo hino. O povo estava inquieto. E ele, alheio ao desconforto da “plateia”, parecia confortável. Ao terminar, perguntou: “Gostaram?”. E seguiu: “Claro que não, sobretudo os ‘músicos’. Afirmo a vocês que também não me é agradável ouvir quem não é pregador insistindo em pregar”. Diante do auditório atônito, ele rematou seu acordo ameaçador: “A partir de agora, eu prego e vocês cantam. Se insistirem em pregar, eu volto a cantar”.

— Então, na sua opinião, o tempo de duração da prédica vai depender também do tempo do culto? Nesse caso, o pregador e o dirigente da música precisam atuar em comum acordo, não acha?

6.3. Pensar no tempo de duração do culto.

Para os dois grupos, tudo se resume a esse ponto convergente: pregadores valorizam a música, e músicos valorizam a pregação. Isso possibilitará aos pregadores amar e utilizar a música no ministério da Palavra e aos músicos ter a vida marcada pela pregação. Precisamos de pregadores que vejam a música pensando no que a pregação e a música podem fazer juntas, e músicos que reconheçam a importância da música e da pregação em sua experiência pessoal.

Um sermão breve em um culto longo é tão desagradável quanto um sermão interminável em um culto quase sem música. Uma medida inteligente é considerar a duração do culto como um todo, pensando em seus diversos componentes.

Precisamos ter uma ideia abrangente do culto: ele não é só pregação, nem só música, e não pode ser reduzido a interesses pessoais.

— Gostei dessa palavra! Realmente, precisamos valorizar o todo. Como o senhor vê essa composição do culto?

Visão da composição do culto

Leituras bíblicas	Ocorrem ao longo do serviço religioso; diferentes
Orações	Acompanham o culto; quem ora, deve ser objetivo
Boas-vindas	Acolhimento aos visitantes sem realçar ou constra
Testemunhos	São importantes, mas precisam ser utilizados com
Avisos	Precisam ser selecionados e apresentados de mod
Cânticos congregacionais	Devem ser selecionados de acordo com o assunto
Mensagens musicais	Valorizam o culto quando estão em consonância c
Prédica	Há de ser profunda e objetiva: mesmo falando de
Tempo para reflexão	Permite ao adorador um período de silêncio para o

Empolgado com o que viu e ouviu, o jovem pastor declara:

— Perfeito! Esse demonstrativo é completo, mas como mudar a situação em termos de prédica e culto?

— Além de muita oração, sérias medidas são necessárias para que a música não atropele a pregação, nem a pregação prejudique a música.

FREIO DE ARRUMAÇÃO

Imagino que você já sentiu de perto os chamados freios de arrumação. São paradas bruscas, aparentemente sem motivo visível; acontecem principalmente em ônibus. Dizem que alguns motoristas as utilizam para empilhar ainda mais os passageiros que estão em pé: é "arrumação" para possibilitar mais espaço. Esse recurso tem a ver com o tempo de duração da prédica e do culto. Você já pensou em um freio assim do ponto de vista homilético e litúrgico?

Paulo reage com outro questionamento: — Em termos de pregação, como esse freio pode ser dado?

E o amigo responde:

— Veja bem. Não falo só em pregação, mas igualmente em liturgia. Vamos pensar em alguns passos que podem ser dados.

Etapas do freio de arrumação

7.1. Excluir toda participação que objetiva a exibição pessoal.

O pastor, surpreendendo a todos, anuncia algo não planejado: “Temos aqui hoje um cantor que veio da Grande Borobozó. Vamos dar uma oportunidade para que se apresente”. O pretenso cantor vai à frente, faz uma longa saudação, canta músicas alheias ao culto, entre cada música, ameaça pregar. Isso se chama desperdício de tempo.

Diante de um caso desses, a melhor resposta é: “Não, não dá”. Única justificativa: “O culto é planejado com antecedência para nos apresentarmos ao Senhor!”. No entanto, para isso precisa estar de fato planejado.

8.2. Recusar toda participação que termine em destaques desnecessários.

O pastor anuncia: “O filho do irmão ‘Destacado Aparecido Primeiro’ está estudando violino; ele vai tocar: veja quanto ele se desenvolveu”.

O menino vai à frente, “arranha” umas notas, que mais ferem do que deleitam; a exibição nada acrescenta. E, ainda pior, a congregação aplaude.

O pastor tenta se justificar: “Se não abríssemos espaço para essa criança tocar, a família iria ficar zangada”. Culto não é lugar para desfile de calouros. O menino deve tocar quando estiver preparado e ser ensinado a fazê-lo com humildade,

sabendo desde cedo que é ao Senhor que nos apresentamos.

9.3. Rejeitar a atuação de músicos que reduzem o culto a uma apresentação pessoal.

Eles cantam e acintosamente se retiram logo depois do chamado “período de louvor ou adoração”; ficam fora do templo ou nos últimos bancos, enviando mensagens com seus celulares ou acessando as redes sociais.

Enquanto estão à frente, parecem adoradores consagrados, mas o culto para eles se reduz a isso. Não aprenderam o real sentido da adoração.

Cultuar é dispor a vida diante do altar. Quem não se alegra em ouvir prédicas, precisa se avaliar: como cantar e desafiar a igreja a participar?

Somente com um freio de arrumação, com a consideração aos limites, podemos ter qualidade no culto e na prédica.

O jovem pastor indaga: — Mas o senhor acha que só com freio de arrumação resolveria?

— Não. Precisamos de um conjunto de medidas que nos ajudem a ter participações que melhorem a qualidade do serviço religioso.

CONTROLE DE QUALIDADE

Prédica e música existem para proclamar a glória, nunca para destacar a capacidade de quem as executa. Isso, contudo, longe de ser um passaporte ao descontrole, deve significar um chamado ao máximo controle de qualidade. Pregando a mensagem do Senhor e fazendo música para Deus, o pregador — feito artista — e o artista — feito adorador — antes de tudo consagram a vida ao Senhor de todas as coisas, inclusive da pregação e da música! O controle de qualidade deve ser a declaração de Jesus: “Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (João 4.24).

Pregar é formar um discurso capaz de alcançar, comunicar e marcar os ouvintes. O trabalho do “artista”, seja músico, seja pregador, só tem sentido no culto quando usado para a glória e honra do Senhor. Com isso, não há razão para brigar por espaço. Quando se compreende isso, cada um passa a desempenhar a sua função considerando a importância do trabalho do outro.

— Gostaria de poder continuar conversando com o senhor sobre tão importante assunto. Ainda não encontrei nenhum livro com essa abordagem.

Com o assentimento do colega, o jovem se despede, deixando agendado outro dia para darem continuidade à conversa. O mais experiente promete continuar suas pesquisas, assegurando ser prazeroso estar com o jovem pastor.

---

[1] MORAES, Homilética: da pesquisa ao púlpito, p. 209.

[2] Apud MORAES, O valor da brevidade, p. 161.

[3] HINÁRIO PARA O CULTO CRISTÃO, p. 257.

[4] HINÁRIO PARA O CULTO CRISTÃO, no 329.

[5] A Guide to Self-Improvement in Sermon Delivery, p. 9.

Capítulo 4

Destino e itinerário

Viagens sem orientação e sem planejamento deixam os viajantes inseguros e desmotivados; no púlpito, também a falta de segurança e a incerteza quanto ao caminho a seguir prejudicam a motivação.

Todos nós viajamos ou planejamos viajar. Sempre que desejamos viajar, a primeira providência tem a ver com o destino: para onde pretendemos ir? A prudência ensina que só devemos partir depois de saber para onde realmente estamos indo. Sem destino, não há itinerário e, sem itinerário, a aventura de partir pode terminar na desventura de não chegar a lugar algum.

Passara uma semana desde que eles se encontraram, e o pastor noviço, admirado porque o ancião retomou do ponto exato onde haviam parado e com a mesma figura das viagens, pensou:

“Ele gosta de viagens! Ainda bem que não viaja no púlpito”.

Na continuidade da fala, ele mostrou que as prédicas se tornam prolixas quando quem prega, ignorando o texto bíblico apresentado como básico, tenta seguir sem um propósito: qual viajante perdido de seu destino, fala muito e, de tão perdido, não chega a nenhum lugar.

O jovem pastor estava curioso para ouvir mais.

Detalhe primordial, cada vez que viajo, é saber com exatidão para onde vou. Os demais itens surgem dessa informação. Não dá para planejar um itinerário sem ter bem definido para onde realmente pretendemos nos deslocar. O destino a ser alcançado traz privilégios e desafios. Assim é na pregação.

DESTINO

Há um alvo geral a ser alcançado: ele é inalterável, independe do texto, dos ouvintes e do foco. Expõe a essência da pregação: compartilhar a vida completa que só em Jesus pode ser encontrada. Contudo, precisamos ter em mente que é necessário um propósito específico, variável de acordo com as necessidades dos ouvintes, com o texto bíblico, com o foco, com o propósito básico e com os desafios a serem apresentados.[1]

Vamos compreender melhor isso? Você se lembra do que conversamos sobre a possibilidade de juntar palavra e música na proclamação da Palavra? Exemplifiquei mencionando um recurso na conclusão de uma prédica sobre a paz. Que tal utilizarmos a mesma pesquisa, agora partindo do planejamento inicial, segundo a perspectiva do destino e itinerário? Veja os detalhes:

Necessidades dos ouvintes	Encontrar paz para vencer a aflição.
Ideia (estalo inicial)	Falar da paz que só Jesus pode oferecer.
Texto bíblico (João 14.27)	“Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês. Não
Foco sermônico	A paz que só Jesus pode oferecer.
Propósito básico	Pastoral e evangelístico
Desafios	Refletir sobre a diferença entre a paz que o mundo di

Propósito específico	Encorajar os ouvintes a conhecer e receber a paz que
Título	PAZ, INIGUALÁVEL PAZ!

Com base nos elementos mostrados na figura, podemos compreender a ideia do destino e itinerário como fator importante para a objetividade e para o tempo de duração da prédica. Andy Stanley e Lane Jones[2] utilizam a parábola do pregador e do caminhoneiro, comparando a prédica com uma viagem para entregas. Nessa parábola, a meu ver, está a melhor maneira de compreender a necessidade que o pregador tem de estar atento ao desafio de ser objetivo para utilizar com discernimento o precioso tempo dos ouvintes.

Cheio de curiosidade, o jovem não resistiu:

— Deve ser fantástico!

— Realmente. Por isso resolvi continuar a nossa conversa ainda pensando na figura da viagem e do viajante.

PONTO DE PARTIDA

Dividimos a viagem em três partes: ponto de partida, itinerário e destino. Imagine uma viagem terrestre: A distância não é tão longa: pouco mais de mil quilômetros. Cuidaremos de alguns detalhes nessa fase inicial objetivando a tranquilidade.

1.1. Definição da localidade para onde desejamos ir

Que tal viajarmos de Brasília a São Paulo? Somente depois de saber para onde

iremos é que podemos pensar no tempo de duração da viagem.

2.2. Controle do combustível necessário para a viagem

Precisamos seguir na certeza de que não faltará combustível: mapearemos os postos de abastecimento na estrada para não deixar o tanque vazio.

3.3. Compreensão e atualização da estrada a ser percorrida

Pesquisaremos a pavimentação: Há trechos em obras? Há quantos postos de pedágios? Onde estão os pontos de patrulhamento?

Agora, raciocinando como pregadores, vamos trazer a figura do motorista para a realidade do pregador. Compare o sermão que você prepara com uma viagem. E a figura passará pelas mesmas etapas: partida, itinerário e destino. Estamos no ponto de partida. Que vamos fazer?

O pregador, no ponto de partida, busca entender o auditório e a ocasião, escolher um texto bíblico, definir a ideia a ser pregada, interpretar e atualizar o texto bíblico. Observe que, entre o ponto de partida e o destino, há outro pormenor importante. Trata-se da viagem em si; a previsão dos outros componentes e das possíveis ocorrências ao longo do caminho.

— Voltemos a pensar em nossa viagem de Brasília a São Paulo. Vamos planejar todos os detalhes necessários.

Compreendendo a metáfora do amigo experiente, o jovem completou: — Pois não, capitão; às ordens!

ITINERÁRIO

4.1. Comprando um pacote de viagem

Quem compra um pacote de viagem, espera que o itinerário seja seguido de acordo com a programação divulgada. Em contrapartida, quando você é o motorista, as ordens são suas. Alguns pontos nos ajudam nessa verificação.

Velocidade permitida

Há um limite máximo estabelecido, e o motorista prudente conduzirá o veículo dentro dessa margem.

Lugares a serem visitados

Determinação dos pontos turísticos que serão alcançados, onde ficam e quais as atrações desses lugares.

Horários marcados

São estabelecidos os horários de saída e, de acordo com a quilometragem do itinerário e a velocidade, calculado o tempo de chegada ao destino.

Enquanto Êutico falava, o jovem Paulo pensava em todo o argumento relacionado ao tempo de duração da viagem com a velocidade do veículo, ao programa a ser executado e ao cumprimento dos horários. No entanto, antes que ele falasse, foi o próprio Êutico quem tomou a iniciativa:

— Não há qualquer novidade nesses detalhes, eles são bem conhecidos. Imagino que você agora esteja perguntando: — O que isso tem a ver com pregação? — Mais uma vez, pense comigo: Como iremos planejar uma prédica?

Planejando uma prédica

Há diferença entre um pacote de viagem e um planejamento sermônico. Uma delas é que somente em umas poucas igrejas há o costume de entregar uma folha de papel aos ouvintes, com destaques do sermão. Mas o fato de esse planejamento não chegar às mãos dos ouvintes não significa que o pregador não o tenha preparado. Esse plano de estudos ainda não é o esboço; é algo que o precede. Podemos chamá-lo de PLANO INICIAL DE UMA PRÉDICA.

— O senhor pode explicar melhor?

— Sabemos que o pregador precisa conhecer os ouvintes, seus anseios e necessidades. A partir daí, com o texto e a ideia a ser desenvolvida na prédica em mente, trabalha a interpretação e a contextualização desse texto. É preciso que o pregador, ainda nesse ponto inicial, passe a pensar no itinerário ou no movimento de sua prédica do ponto de partida até alcançar seu destino.

— Começo a entender; ainda assim, preciso de mais detalhes para compreender totalmente.

— Vamos à Bíblia — sugere o colega —, detalhando a pesquisa sermônica que temos em mente.

Entusiasmado, o jovem diz: — Ah, isso vai ajudar.

Ainda há pouco, apresentei uma ilustração, na qual destaco oito elementos, indo das necessidades dos ouvintes ao título da prédica. Destes, vamos destacar três.

Texto bíblico: João 14.27	“Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês. Não a
Foco sermônico	A paz que só Jesus pode oferecer.
Propósito específico	Encorajar os ouvintes a conhecer e receber a paz que s

Nesse ponto, antes mesmo de pensar no esboço, começamos a lidar com um dos segredos da síntese na pregação: a brevidade só tem sentido na prédica quando trabalha com a base bíblica para alcançar o ouvinte.

Parecendo seguro de si, o jovem pastor afirmou:

— Uma desculpa comum, apresentada como argumento em defesa de longos sermões, é a de que uma prédica precisa de tempo para que o texto seja bem trabalhado.

— É verdade. Apesar disso, se pedirmos a alguns desses pregadores para definir o que vem a ser um texto bem trabalhado, certamente alguns não encontrarão resposta. O problema é que o assunto nos leva a alguns questionamentos.

O QUE É UM TEXTO BEM TRABALHADO?

É uma porção das Escrituras estudada com seriedade e tenacidade e partilhada com integridade, clareza e profundidade. É a parte do sermão que não pode ser deixada de lado, mas que, em todo o tempo da prédica, é explanada, ilustrada e aplicada. O foco sermônico e os desafios vêm dessa porção bíblica, que de tal modo é trabalhada no púlpito que sua compreensão e o entendimento das palavras do pregador se tornam inseparáveis. Sem um texto bem trabalhado, por mais erudito que pareça ter sido o sermão, este não passou de um amontoado de palavras soltas ao vento.

Continuemos a trabalhar em João 14.27. Como com qualquer outra porção

bíblica, enquanto não compreendermos o sentido exato que ela transmite, não seremos capazes de pregar de modo acessível. Veja alguns pontos que podem ser trabalhados em João 14.27 para melhor compreensão e aproveitamento do texto:

A motivação de Jesus

Ajudar os discípulos a enfrentar as tribulações (v. 1): “Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim”.

O motivo da nossa pregação

O que nos motiva a pregar sobre essa promessa? De que modo ela influencia o nosso comportamento?

O propósito de Jesus

Mostrar que sua paz estava além das aflições (v.27a): “Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês. Não a dou como o mundo a dá”.

O impacto das palavras de Jesus

Tomé contestou (v. 5); Filipe pediu um pouco mais (v. 8).

Qual é o impacto dessa palavra hoje? De que modo ela nos afeta?

O impacto destas palavras hoje

O modo com o qual pretendemos impactar os ouvintes é coerente com o modo com que temos sido impactados?

Os desafios hoje

Os desafios que cogitamos apresentar estão coerentes com o desafio de Jesus e o nosso modo de viver?

Atento ao que ouvia, Paulo pede:

— O senhor tem falado em foco sermônico. Poderia me explicar melhor o que vem a ser? Também gostaria de saber de que modo ele é útil para a síntese na pregação.

A IMPORTÂNCIA DO FOCO SERMÔNICO

Ele funciona como a linha de intenção da prédica. Esse foco garante a unidade do sermão; faz com que o texto e a ideia sermônica (estalo inicial) caminhem na mesma direção. As prédicas se tornam excessivas não só quando o texto é longo e o tempo é curto para explaná-lo, mas também porque o conteúdo apresentado não caminha no mesmo sentido do texto. Os argumentos, em vez de seguir em

linha reta (do texto ao ouvinte), ficam soltos, saem do texto e, sem um propósito definido, vagueiam sem direção. Isso acontece porque falta o foco sermônico. O pregador conta um amontoado de casos: enumera as maravilhas de sua igreja, fala do time de futebol, narra peripécias dos filhos e sai contando casos que lhe vêm à mente. Assemelha-se ao motorista que, por se desviar do itinerário traçado, não chega ao destino. Os ouvintes se entreolham e perguntam: “O que isso tem a ver com o que ele quer falar?”.

QUANDO O ESBOÇO DEVE SER ELABORADO?

Alguns pregadores se arriscam na preparação de um esboço imediatamente após encontrar o texto. Esse caminho pode parecer o mais fácil, mas não é o mais seguro. Quem quiser pregar com base na Palavra de Deus, precisa pesquisar e estudar seu texto cuidadosa e incansavelmente.

Pense comigo: para compreendermos essa realidade, retomaremos, mais uma vez, a pesquisa em João 14.27, lembrando que o foco sermônico é: a paz que só Jesus pode oferecer.

Sabemos que esse foco foi estabelecido com base no texto básico. Em seguida, surgem outros detalhes importantes da pesquisa, como a ideia central do texto e a tese, já mencionados.

Veja no quadro abaixo a relação entre eles.


Necessidades dos ouvintes: paz para vencer as aflições
Texto bíblico
Ideia central do texto
Tese
Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o seu coração, nem tenham medo.
Preparando os discípulos para enfrentar a aflição, Jesus lhes garantiu paz inigualável, desafiando-os a confiar nele.
Somente confiando em Jesus, temos a paz inigualável, que nos faz viver sem medo.
Foco sermônico: a paz que só Jesus pode oferecer
Título: Paz, inigualável paz!

Observe que os seis itens nessa figura se entrelaçam, garantindo a UNIDADE DA PRÉDICA e, consequentemente, o melhor aproveitamento do tempo no púlpito.

— Sensacional! — intervém Paulo.

Parecendo não querer incentivar a empolgação do outro, Êutico continua...

PASSO A PASSO NA CAMINHADA SERMÔNICA

Responsável por partilhar a Palavra, o pregador pede ao Senhor que lhe dê a ideia que, tal como embrião, servirá para o desenvolvimento de sua prédica.

1. Pensa nas NECESSIDADES DOS OUVINTES: eles precisam de paz capaz de vencer a aflição.

2. Encontra em João 14.27 o TEXTO BÍBLICO no qual baseará sua prédica.

3. Estuda o texto, destaca os vocábulos principais, o contexto e o significado das afirmações no tempo em que foram comunicadas.

4. Resume o pensamento do texto em uma frase sucinta; trata-se da ideia central do texto.

5. Transporta a mensagem do texto para o momento atual, que é o trabalho de contextualização da IDEIA CENTRAL DO TEXTO (ICT).

6. Considera o trabalho exegético já realizado e resume-o em uma TESE, que é a proposição central de tudo o que comunicará.

7. Determina o foco sermônico de acordo com a compreensão fiel do texto (ICT) e seu transporte (TESE).

8. Estabelece o TÍTULO de modo que venha a servir de base para o desenvolvimento do sermão.

Agora o pastor Paulo lança a questão crucial:

— Estou pensando em mim mesmo... Tento organizar o meu sermão, estudo cuidadosamente o material a ser apresentado e ainda assim não consigo falar pouco. Por que não consigo pregar sermões breves?

POR QUE OS SERMÕES SE TORNAM LONGOS?

Uma das principais causas de sermões longos é a falta de preparo adequado. Talvez não seja o seu caso.

Quando o pregador pula etapas de estudo, termina tropeçando em obstáculos que prejudicam a comunicação.

Não dedicando tempo para estudar, o pregador perde a capacidade de explanar com maestria, de encontrar e utilizar boas ilustrações e de aplicá-las. Como resultado, o sermão fica desprovido de biblicidade, atualidade, unidade, equilíbrio e atração. Essa realidade fez Joan Sutton declarar: “Muitos sermões transmitidos durante o culto são recados quilométricos resultantes de meditação e estudo milimétricos”.[3] Cremos em milagres, mas o labor sermônico é uma exigente tarefa que cabe ao pregador.

O pregador que não trabalha pacientemente sua pesquisa encontra ouvintes impacientes, desmotivados a ouvir um discurso desarrumado, sem começo, meio e fim: uma fala distante, sem lógica e sem rumo.

Winfred Neely lembra a sugestão de William Strunk: “O texto que causa impacto é conciso. A frase não deve conter nenhuma palavra desnecessária, o parágrafo nenhuma frase desnecessária”. Como se não bastasse a clareza desse conselho, o autor justifica: “[...] pelo mesmo motivo que um desenho não deve ter nenhuma linha desnecessária ou uma máquina não deve ter nenhuma peça desnecessária”.[4]

Alguns pregadores se perdem no itinerário por desconhecimento da importância da missão que deveriam desempenhar. É o caso de um pastor que lê o texto e depois se prende em apresentar infindos comentários elogiosos à passagem bíblica. Nada mais natural que realçar o texto bíblico como literatura da mais alta qualidade; o problema é quando o pregador não apenas se prende em elogiar o texto, mas nesses comentários se perde. Na multidão dos elogios, ele diz: “Não tenho condições de acrescentar nada mais a esse texto; qualquer coisa que eu dissesse, tiraria a beleza de suas palavras”.

Alguém que assim pensa ignora a sublime missão do pregador e não tem condições de pregar. Alonga-se em falar, mas não entra no texto. Pode ser comparado ao chefe de cozinha que, na hora da refeição, diz às pessoas (que aguardam o alimento) da beleza do principal ingrediente de sua receita, suas propriedades nutricionais, o sabor e a beleza do prato, mas não se arrisca a servir-lhes o alimento que tanto esperam. Simples elogios ao texto bíblico não saciam a fome; o que sacia realmente é a degustação do alimento. Isso, porém, exige tempo, habilidade e disposição para preparar-se.

Precisamos criar oportunidades a fim de que o ouvinte, ao ouvir a mensagem, se

sinta como se estivesse participando de uma animada conversa, nunca ouvindo um discurso desinteressante, distante e demorado. “A vida de todos nós tornar-se-á muito melhor, menos cansativa, mais agradável e com mais aproveitamento, na medida em que o interlocutor for lembrado.”[5]

O tempo é um bem tão valioso que é irrecuperável. Isso deve nos motivar a uma maior dedicação ao que é precioso, objetivando expor o melhor no púlpito: mais tempo no preparo, mais possibilidade de pregar com concisão e exatidão. O sermão deve ser valioso para nós; só assim será importante para os ouvintes.

— Estou praticamente persuadido a gastar menos tempo em minhas prédicas; o problema é que os meus ouvintes já estão acostumados com sermões de mais de cinquenta minutos. Imagine se eu apareço pregando apenas vinte minutos?

Não reduza bruscamente o tempo de suas prédicas; experimente um encurtamento gradual do seu discurso. Passe da marca dos 50 para 45 ou 40 minutos; veja como você mesmo se sente; depois de algumas semanas, continue nesse processo de redução até chegar à marca que mais se ajuste ao seu estilo e à capacidade de atenção dos ouvintes. Garanto que você terá ouvintes mais atentos.

Ele sugeriu ao jovem pregador:

— Se ainda estiver interessado em conversar sobre este assunto, podemos nos encontrar em outra ocasião.

O interesse do colega era tão intenso que, de imediato, deixou agendado o próximo encontro, justificando que precisava conhecer mais detalhes.

[1] MORAES, Homilética: do ouvinte à prática, p. 204-215.

[2] Comunicação que transforma. São Paulo: Vida, 2010.

[3] Apud MORAES, O clamor da igreja, p. 146.

[4] Apud NEELY, Winfred Omar. In: KOESSLER (Org.), Manual de pregação, p. 331.

[5] ROBALDO, A necessidade da brevidade nos discursos.

Capítulo 5

Detalhes do planejamento

Viagens e prédicas sem planejamento podem findar em decepção; somente estudando os detalhes de seu discurso, o pregador pode comunicar em um curto espaço de tempo a mensagem que muda a vida inteira.

Estamos fazendo um mapa para nossa viagem. Sabemos quanto isso é importante para a segurança e a tranquilidade. Vamos pesquisar também as condições das estradas, das paradas para lanches e dos serviços ao longo da rodovia. Esse mapa tem a ver com as quilometragens: não só para onde iremos, mas por onde iremos e como iremos. No púlpito, não é diferente — o mapa da nossa prédica é o esboço. Assim como em uma viagem, ele fornece as informações necessárias do início ao final.

— Assim deve ser! — aprova o jovem pastor. — O mapa é tão importante que precisa ser do tamanho certo.

— Exatamente — reage Êutico. — Não pode ter dados desnecessários, e você não pode se desviar dele. Quando o viajante se perde do mapa, corre o risco de sair da rota planejada.

— Já sei aonde o senhor quer chegar.

MAIS QUE IMPORTANTE

Na estrada e no púlpito, precisamos de algo realmente simples. Lembre-se de que, conforme vimos, são três os pontos que buscamos nesta fase. Precisamos saber para onde ir, por onde ir e como ir. Vamos à explicação da parábola.

Para onde ir?	O destino é o coração dos ouvintes; eles vivem em aflição e precis
Por onde ir?	A “estrada” é a exposição bíblica, com base em João 14.27. Ela pa
Como ir?	Equilibrando a explanação bíblica, com ilustrações vinculadas ao a

O principal detalhe é considerar a verdade central a ser comunicada. Só será possível comunicar com relevância e síntese se conhecermos a verdade central e a levarmos em consideração o tempo todo. Assim como não largamos a mão de uma criança pequena sob nossa responsabilidade, para não a perder, também não podemos nos afastar do texto básico e de sua interpretação. Sem isso, a prédica irá para um lado e o texto, para o outro. Veja mais uma vez os elementos da pesquisa sobre a paz que nos ajudarão a seguir os detalhes do planejamento.

Conhecendo as necessidades dos ouvintes, PAZ PARA VENCER A AFLIÇÃO, escolhemos, em oração, um texto bíblico, que, após bastante tempo de meditação, estudo, pesquisa e reflexão, foi interpretado, surgindo assim a ICT e esta, uma vez atualizada, deu origem à TESE, como nos mostra a próxima figura.


Texto bíblico
Ideia central do texto
Tese
"Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o seu coração, nem tenham medo."
Preparando os discípulos para enfrentar a aflição, Jesus lhes garantiu paz inigualável, desafiando-os a confiar nele.
Somente confiando em Jesus temos a paz inigualável, que nos faz viver sem medo.

O pastor Paulo continuava bastante atento à explicação, mas precisava de mais esclarecimentos para compreender melhor.

— Parece ótimo, mas como utilizar esses princípios na prática?

O exercício de interpretar o texto bíblico e atualizá-lo é o começo da estrada que nos possibilita seguir com biblicidade e síntese. Para melhor compreensão dessa realidade, vamos tentar compreender o porquê de tal afirmação.

BUSCANDO A BREVIDADE

A BIBLICIDADE será garantida uma vez que, em todo o tempo, o pregador trabalhará a tese (que vem da ideia central do texto).

• A manutenção da UNIDADE é assegurada pelo fato de o texto e o assunto estarem juntos, formando uma só realidade.

• A OBJETIVIDADE surge como resultado lógico de uma abordagem que, trabalhando três tempos, passado (texto bíblico e sua interpretação), caminha para o presente (tese, que alcança o ouvinte), visando a mudanças comportamentais, futuro.

• E a SÍNTESE vem como consequência de um trabalho bem planejado, esboçado, com um texto da Palavra, escolhido e trabalhado, de tal modo que o pregador saiba realmente para onde se dirige e por que caminha nessa direção.

Brevidade séria não se conquista unicamente ao reduzir o tempo da apresentação, mas implica dedicar mais tempo em sua elaboração. Palavras precisas em menor volume produzem maior resultado que muitos vocábulos desconexos que partem do nada para lugar nenhum.

SÍNTESE DA SÍNTESE

Um dos passos para a brevidade no púlpito é a capacidade de sintetizar o que se pretende apresentar. Não importa se o esboço será utilizado no púlpito; o importante é que tenha sido preparado e que o pregador conheça seu conteúdo. Alguns comunicadores não se habilitam a falar pouco porque são incapazes de resumir as muitas palavras que lhes vêm à mente.

Sobre o discurso na área judicial, Luiz Roberto Barroso afirma que hoje "a virtude está na capacidade de se comunicar com clareza e simplicidade, conquistando o maior número possível de interlocutores". Ele diz mais: "A linguagem não deve ser instrumento autoritário de poder, que afaste do debate quem não tenha a chave de acesso a um vocabulário desnecessariamente difícil".[1]

Reduzir a dimensão de um discurso sem prejudicar seu conteúdo não é tarefa fácil. É uma arte a ser desenvolvida pelos pregadores.

Síntese em homilética é a arte de abreviar, desprezando o superficial para que brilhe o essencial.

Observe que na prédica sobre A PAZ QUE SÓ EM JESUS PODE SER ENCONTRADA, o resumo é: somente em Jesus temos paz inigualável que nos

faz viver sem medo e sem perturbação. Essa afirmação, reduzida a 15 vocábulos, já ocorreu aqui anteriormente como a tese da prédica. Trata-se de uma frase completa, capaz de expressar em poucas palavras o pensamento desenvolvido em todo o sermão. Por outro lado, para possibilitar a objetividade da apresentação, pode ser ainda mais reduzida. E assim surge a síntese da síntese, o TÍTULO DA PRÉDICA: verdade incompleta que se completa na tese, como podemos observar na ilustração.

Tese
Somente confiando em Jesus temos paz inigualável que nos faz viver sem medo.

UTILIZANDO A ESTRUTURA PARA SINTETIZAR

O título é importante para a objetividade e a síntese: ele funciona como a base sobre a qual as paredes dos tópicos serão erguidas. Veja no quadro a seguir:

O fato de haver três tópicos não significa que será assim sempre. A melhor estrutura é a que tem o número de divisões capaz de abranger o assunto em pauta. Pensemos outra vez em termos de viagem. É como se você a dividisse em etapas, e o número delas mudará de acordo com a própria viagem. O importante é lembrar o antigo princípio que nos assegura que a soma das etapas de uma viagem resulta no todo de seu itinerário. Pense comigo: a viagem de São Paulo a Brasília pode ser dividida em duas partes: 1) São Paulo — Uberlândia e 2) Uberlândia — Brasília. O motorista prudente, com uma missão a cumprir, não se desvia do itinerário, pois considera todos os detalhes para tornar a viagem mais útil, mais agradável e mais ágil.

Quanto mais lógicas as divisões, mais possibilitam a fiel abordagem do assunto (título) evitando a divagação e assegurando a manutenção do foco sermônico. Esse fator está presente na estrutura aqui proposta:

• Os tópicos surgem diretamente do título. A afirmação — PAZ, INIGUALÁVEL PAZ! — origina-se da tese. Ao dividir o título, dividimos também o texto.

• Cada tópico apresenta uma ideia distinta: “concessão”, “distinção” e “manutenção”. Nas três ocorrências, os vocábulos estão ligados à paz proposta no título.

• No título, há uma palavra enfática — INIGUALÁVEL. Ela é determinante, uma vez que, com base nela, surgem os enunciados dos tópicos: 1 ... em sua concessão; 2 ... em sua distinção; 3 ... em sua manutenção.

• Para garantir ainda mais a objetividade, o enunciado de cada tópico é precedido por uma pequena frase que o torna ainda mais claro — PAZ, INIGUALÁVEL PAZ! — (1) concedida pelo Príncipe da Paz; (2) diferente da que o mundo dá; (3) vivenciada até na aflição.

• A base textual é garantida pelo fato de o texto ser dissecado e utilizado nos tópicos, como vimos na figura Visão do título, tópicos e base textual.

Trabalhar a estrutura é uma das atividades mais exigentes na elaboração do esboço. Cada peça precisa estar no devido lugar para possibilitar que o discurso seja elaborado e pronunciado com objetividade, conteúdo e exatidão. Uma vez instituídos os tópicos, o próximo passo é a escolha das demais partes que formarão o todo da prédica.

— Tem toda a razão! Quando eu trabalho melhor a estrutura do meu sermão, isso facilita a apresentação, tornando-a mais curta.

— Certo. Estamos pensando numa viagem, não é? Então, quanto mais bem planejada, mais agradável o caminho será.

Nesse ponto do planejamento, quando já temos os enunciados dos tópicos, surge a oportunidade de determinarmos o que entrará e o que não entrará na "viagem sermônica". Essa não é uma tarefa fácil. É quase tão difícil quanto determinar quais membros da família precisam ficar fora do passeio se o carro não tem capacidade para levar todos. Às vezes, temos uma ilustração predileta e queremos muito incluí-la, mas, antes de decidir sobre seu uso, precisamos considerar a extensão de sua narrativa de acordo com o tempo disponível à apresentação da prédica como um todo. Na junção das peças, devemos levar em conta não somente as ilustrações, mas de igual modo todo o material de explanação e aplicação. Devemos indagar: Como posso explanar com exatidão? Como ilustrar a explanação para torná-la mais clara? O que pretendo explanar? Como aplico o conteúdo apresentado de modo que o ouvinte compreenda que a verdade é dirigida a ele e exige resposta?

Imagino que a nossa estrutura sobre a paz inigualável está montada de modo que facilite a explanação do texto básico de João 14.27. Lembrando que não é pela extensão das palavras do pregador que a mensagem se torna eficaz, mas pelo fato de ser Palavra do Senhor, atualizada e dirigida ao nosso cotidiano.

EXPLANAÇÃO

Como devemos trabalhar a explanação? Buscaremos na pesquisa (João 14.27) o material para o desenvolvimento dos tópicos. Lembre-se de que nesse primeiro momento estamos preocupados apenas com a explanação.

O título é PAZ, INIGUALÁVEL PAZ!

1.1. INIGUALÁVEL EM SUA CONCESSÃO

• Essa paz é concedida pelo Príncipe da Paz; é Jesus quem assegura: “Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês [...]”.

Como podemos compreender a iniciativa dessa oferta de Jesus?

• Jesus veio ao mundo como o Príncipe da Paz. Tanto que, mais de setecentos anos antes dele, Isaías profetizou que ele seria chamado: “Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz” (Isaías 9.6).

• Depois que ressuscitou, nas primeiras vezes em que apareceu aos discípulos, Jesus lhes disse: “Paz seja com vocês!”. Desejar a paz era (e continua sendo) a saudação usual entre os judeus.

• A promessa foi feita quando os discípulos precisavam de paz: estavam aflitos em saber que Jesus os deixaria. A palavra tem a ver com abrigo. Ao garantir deixar a paz, o Mestre tinha algo concreto: eles não ficariam sozinhos. O Espírito Santo estaria com eles e os assistiria.

Veja que o material dos tópicos, além de pertinente ao texto, é entrelaçado. Significa que as ideias se unem, formando um todo. São encaixáveis tais quais

peças de um quebra-cabeça. Tudo a ser dito nos próximos tópicos é coerente com o foco sermônico, visando tornar o texto bíblico mais claro e mais próximo dos ouvintes e a ajudá-los a compreender e aderir à verdade central do sermão.

Observe o mesmo detalhe no próximo movimento.

2.2. INIGUALÁVEL EM SUA DISTINÇÃO

• Seu valor a distingue — Jesus garante: “Não a dou como o mundo a dá”. Em que sentido a paz de Jesus é diferente?

Enquanto homens e mulheres, em todos os tempos, tentam a concessão da paz por meio da destruição dos inimigos, Jesus concede a paz ao dar a vida pelos inimigos. Os líderes das nações matam em nome da paz; Jesus, ao contrário, morre para nos dar paz.

A paz de Jesus é diferente porque ela vem como resultado da justificação: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5.1).

Note que trabalhamos a explanação visando tornar o texto bíblico relevante de acordo com a verdade central do sermão. O desenvolvimento de toda a estrutura trabalha a ideia da paz inigualável alcançada somente por meio de Jesus.

Vamos ao terceiro e último movimento nesta pesquisa.

3.3. INIGUALÁVEL EM SUA MANUTENÇÃO

• A paz que Jesus oferece é um novo estilo de vida — paz vivenciada até na aflição — “Não se perturbe o seu coração, nem tenham medo”.

Como essa paz pode ser mantida?

• Quando entendemos que a paz não significa isenção de problemas e angústias.

• Jesus mesmo advertiu (João 16.33): “Eu disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo”. A paz de Jesus é realidade quando ele se torna o Senhor e quando somos guiados pelo Espírito Santo, porque, como assegurou o apóstolo Paulo, a paz é fruto do Espírito.

Dicionários bíblicos, chaves linguísticas, comentários bíblicos são importantes recursos quando trabalhamos a explanação. No entanto, ainda estamos começando a jornada em termos de elementos funcionais. Com a explanação, precisamos trabalhar também as ilustrações e a aplicação.

ILUSTRAÇÕES

Nessa fase, precisamos encontrar ilustrações capazes de arejar o discurso, tornando-o mais atraente, leve e penetrante. Elas também ajudarão na retenção da verdade exposta e podem ser encontradas em várias fontes. Constatemos essa possibilidade nos movimentos da prédica.

No tópico 1 - INIGUALÁVEL EM SUA CONCESSÃO

• Apresentar o contraste entre a concessão de Jesus e as promessas dos políticos.

• Lembrar a letra de um hino que fale sobre a paz que Jesus concede.

No tópico 2 - INIGUALÁVEL EM SUA DISTINÇÃO

• Trabalhar poeticamente a explanação sobre o contraste entre o comportamento das pessoas e o exemplo de Jesus.

No tópico 3 - INIGUALÁVEL EM SUA MANUTENÇÃO

• Narrar experiências como a do pastor Heber Souza (veja essa narrativa no capítulo seguinte).

• Falar do contraste entre a paz vivida em uma experiência de extrema aflição e a condição de extrema fartura sem paz.

Trabalharemos agora a aplicação: o ouvinte precisa sentir que a mensagem é dirigida a ele.

APLICAÇÃO

Aqui, precisamos de material pertinente ao conteúdo, capaz de ajudar cada ouvinte não apenas a compreender melhor a importância e exequibilidade do que está sendo dito, mas a aplicabilidade à sua própria vida. As palavras do pregador precisam ser recebidas como mensagem capaz de transformar. E isso se aplica não apenas às pessoas que ainda não firmaram um compromisso com Jesus, mas a todos nós que, professando a fé, precisamos crescer mais e mais.

Trabalhando o tópico 1 - INIGUALÁVEL EM SUA CONCESSÃO

• Indagar sobre as concessões recebidas.

• Desafiar o ouvinte a refletir sobre a paz que tem vivido em seu dia a dia.

Trabalhando o tópico 2 - INIGUALÁVEL EM SUA DISTINÇÃO

• Utilizar perguntas retóricas para checar com os ouvintes se eles vivenciam a paz de Jesus no dia a dia.

• Desafiar os ouvintes a firmar um compromisso com Jesus, fazendo da paz que ele nos dá o diferencial em seu comportamento.

Trabalhando o tópico 3 - INIGUALÁVEL EM SUA MANUTENÇÃO

• Comparar o nosso comportamento em situações críticas com o de pessoas que na aflição se mantiveram em paz.

• Apresentar o contraste entre estar em paz e viver a verdadeira paz.

Principiamos a empreitada de ajuntar os detalhes para a elaboração do esboço com os dados que compõem a estrutura sermônica. Nesse processo, em nossa pesquisa sobre a paz, procuramos material de explanação, ilustrações e aplicação, pensando nos três tópicos desse desenvolvimento. A esta altura, ainda como parte dos detalhes do planejamento, surge a dupla indagação: Como começar e como concluir a prédica? Algumas considerações são pertinentes:

• Somente depois de haver trabalhado no material da estrutura, tendo em mente o que usaremos no desenvolvimento do assunto, devemos elaborar a introdução e a conclusão.

• A introdução e a conclusão devem ser breves. Ambas ocupando no máximo 10% do tempo da apresentação, deixando 80% para o desenvolvimento. Não deve ser obrigatoriamente assim, mas esses percentuais nos disciplinam a evitar longas introduções e conclusões.

• A introdução não é momento para se falar de assuntos pessoais; é ocasião apropriada para despertar o interesse pelo texto e pelo foco sermônico.

• A forma correta de começar a pregar é com a Bíblia, encorajando os ouvintes a viverem de acordo com o propósito de Deus.

• Atrair a atenção deve ser o propósito. Se o pregador não conseguir motivar as pessoas a ouvir, de que terá valido a introdução?

• A conclusão deve ser elaborada considerando o propósito específico. Só assim conseguimos alcançar os ouvintes em linha reta.

• Qualquer apelo (convite) deve ser planejado em consonância com a tese, evitando a ideia de que outro sermão está sendo pregado.

• Devemos trabalhar a aplicação e os desafios todo o tempo. As palavras capazes de tocar profundamente as pessoas devem ser deixadas para a conclusão.

• Terminar é tudo que o pregador tem a realizar na conclusão. Quanto mais longa a prédica, mais os ouvintes perdem a capacidade de prestar atenção.

Esses detalhes são imprescindíveis na elaboração do mapa da nossa viagem. No púlpito, nós o denominamos ESBOÇO: são as anotações levadas conosco para, diante dos ouvintes, podermos seguir o que traçamos.

[1] Disponível em: <http://oab-ms.jusbrasil.com.br/noticias/70514/a-revolucao-da-brevidade-luis-roberto-barroso>. Acesso em: 21 ago. 2019.

Capítulo 6

A rota ideal

O viajante lança mão das indicações da rota para possibilitar uma viagem sem imprevistos; o pregador utiliza o esboço como um mapa indicativo para manter o foco e alcançar seu propósito.

A rota é imprescindível para se chegar bem ao destino. Nas viagens mais distantes, quando é maior o itinerário a percorrer, somente com o auxílio de uma rota nos é possível chegar bem. Quando uma rota é preparada, pretendemos tê-la diante de nós e seguir suas orientações. O bom pregador é cauteloso: segue o plano traçado e cuida para, no empenho de esgotar o assunto, não terminar esgotando os ouvintes.

Não adianta pretender completar a apresentação de uma longa prédica quando a curta capacidade de atenção dos ouvintes já acabou.

— Pode me explicar melhor? — solicitou Paulo.

Êutico devolveu: — Não basta ter um esboço; o pregador precisa conhecer e seguir a direção indicada. Para isso, precisamos juntar as peças, conhecer a engrenagem e seguir com bom senso.

JUNTANDO PEÇAS

Na conversa anterior, destaquei a importância de buscar o material próprio a ser utilizado em cada parte da prédica. Como pequenas peças, somente cumprem seu papel quando encaixadas no lugar certo. O modo em que são montadas depende não só de princípios homiléticos, mas também do estilo do pregador. É bom lembrar que nenhuma marca pessoal justifica a bagunça no púlpito e o atropelamento de normas para a boa comunicação. A negligência afeta a eficiência.

No processo de juntar as peças que formam o sermão, a harmonia e o equilíbrio são ingredientes indispensáveis para a garantia da qualidade e da síntese. Pense novamente nas ilustrações. Por mais importante que seja uma ilustração, se alongar o tempo de sua apresentação, ela prejudicará as demais partes e não cumprirá a finalidade pretendida.

Quando qualquer parte foge do texto bíblico, prejudica a harmonia e desequilibra o fluir da apresentação. As pessoas se queixam: “Houve uma longa introdução, sem nenhuma relação com o texto, na qual o pregador falou de tudo, até de pessoas no templo; só depois, parecendo lembrar-se do texto, começou a apresentá-lo, como se fosse um estudo à parte do sermão”.[1]

Uma viagem se tornará bem mais longa se o condutor do veículo, em vez de seguir a rota, for parando a cada instante para contemplar a beleza da estrada; isso acrescentará mais tempo à viagem. Assim também, os sermões se tornam difíceis de suportar quando o pregador alonga detalhes, deixando-os fora da capacidade de recepção dos ouvintes. Se você deseja comunicar mais em menos tempo, comece desde já, mas não se esqueça de que a primeira recomendação é remir o tempo.

— Lembrei-me das perguntas que as reportagens jornalísticas geralmente respondem. Será que isso ajudaria na concisão sermônica?

— Excelente lembrança! Para descrever com exatidão uma notícia, os jornalistas utilizam um método denominado lead. A técnica é constituída de seis perguntas, visando oferecer a essência do enfoque a ser exposto: [1] Quem? [2] O quê? [3] Quando? [4] Onde? [5] Como? [6] Por quê? Quem observar as reportagens dos jornais e revistas, constatará que o conteúdo é a resposta a essas indagações.

— Daria para vermos como o conteúdo do sermão trabalha isso?

— Claro! Vamos ver.

CONHECENDO PALAVRAS E FRASES

Palavras e frases são proferidas com um objetivo definido. Assim como nas reportagens, não há lugar para afirmações soltas dentro de uma boa prédica; declarações desconexas em nada contribuem para a objetividade e clareza. Quando você descobre que um tópico não se encaixa, procure aprofundar a pesquisa, sintetizar materiais excessivos e ampliar partes em que há carência.

Um exercício com as seis perguntas do jornalismo nos ajuda. Se utilizarmos a pesquisa de João 14.27 com os seus já conhecidos elementos, constataremos que as principais indagações são respondidas com base na ICT e principalmente na tese. Confira no quadro:

Quem?	Ideia central do texto	A quem?
Jesus.	*Aos discípulos aflitos, Jesus*	Aos que vivem
	garantiu sua paz inigualável,	com ele.
O quê?	*desafiando-os a viver sem*	
Garante a	*medo.* **Como?**	
sua paz.	Pela fé nele.	

Tese

Quando?	*Somente confiando em Jesus,*	**Para quê?**
Em tempos	*temos paz inigualável que nos*	Para vivermos
de aflição.	*faz viver sem medo.*	sem medo.

CONHECENDO A ENGRENAGEM

Pense nas engrenagens de um carro, que funcionam com absoluta harmonia. Uma das primeiras lembranças de engrenagens que tenho é de algumas máquinas na panificadora do meu pai. Eu ficava admirado ao ver como as peças trabalhavam formando um todo. Rodas dentadas, grandes e pequenas, funcionavam aos pares, unidas, objetivando mover o cilindro que alisava e estirava a massa.

Na prédica, é assim: todo material sermônico tem um propósito. “Um sermão não deve ser um amontoado de peças fora do lugar, mas, sim, um discurso completo a ser introduzido, desenvolvido e finalizado. O ouvinte quer receber o sermão com todas as partes em seu devido lugar.”[2]

Ser orientado por um esboço no púlpito é mais ou menos como seguir a rota. Com uma rota mal traçada, o motorista pode se perder pela falta de indicações. No entanto, com uma exageradamente cheia de voltas, ele corre o risco de se desviar das indicações e perder detalhes da própria estrada. Com um pequeno esboço, o pregador terá mais condições de contato visual com os ouvintes; com um esboço longo, correrá o risco de ter anotações, mas ficar sem ouvintes atentos. O ideal é optarmos por um modelo de esboço facilmente manuseável, sem perder o contato com as pessoas que nos ouvem.

Que tal pensarmos em engrenagens com base naquele exemplo que vimos anteriormente sobre a paz?! Veja a “engrenagem” deste sermão, com “peças” já bem conhecidas. Trata-se de um manuscrito quase completo, exibido na mesma sequência em que poderá ser apresentado.[3]

Introdução:

Leitura do texto bíblico	“Deixo a paz a vocês; a
Perguntas retóricas para introduzir a ideia a ser pregada	• De que modo a paz é u
ict	Aos discípulos aflitos, J
Tese	Somente confiando em J
Título	PAZ, INIGUALÁVEL P

Na composição dessa introdução, entram: leitura do texto, indagações visando à introdução do assunto, da ICT, da tese e do título. Assim, chegamos ao primeiro tópico:

Transição	Só Jesus tem poder de nos dar paz inigualável.
1o tópico	PAZ INIGUALÁVEL EM SUA CONCESSÃO
Explanação	Ela é concedida pelo Príncipe da Paz: é Jesus quem assegura
Perguntas retóricas	– Como podemos compreender a iniciativa desse oferecimen
Ilustração	As pessoas muitas vezes não cumprem o que prometem. Bas
Aplicação	Você crê nas promessas de Jesus? Encontramos paz quando c
Explanação	Jesus cumpre o que diz: ele veio ao mundo como o Príncipe
Ilustração	Depois que ressuscitou, nas primeiras vezes em que aparece
Explanação	A promessa de paz foi feita quando os discípulos precisavam

A apresentação segue e, sem rodeios, vem o enunciado do segundo tópico. O conteúdo desse e demais tópicos é formado pelos elementos funcionais: explanação, ilustração e aplicação:

2o tópico	PAZ INIGUALÁVEL EM SUA DISTINÇÃO
Explanação	Ela é distinguida por sua preciosidade — Jesus garante: “Não a dou
Ilustração	É essa a paz de Jesus. Em várias músicas, cantamos essa realidade.
Aplicação	A realidade dessa paz faz diferença em nosso viver: nada melhor do
Ilustração	Enquanto homens e mulheres, em todos os tempos, tentam a conces
Aplicação	Pense no quanto a paz de Jesus é diferente; ela vem como resultado

— Vejo que o senhor usou duas ilustrações nestes dois tópicos. É preciso ter uma ou duas em cada tópico? Ou nem sempre preciso usar esse tipo de recurso? Eu sempre tenho dificuldade de ilustrar e fico me perguntando: quando usar, em que parte do sermão é melhor, qual tipo e tamanho de história a ser utilizada...

As ilustrações nem sempre vêm em forma de histórias. As duas utilizadas nesse movimento são a citação de parte de um cântico clássico e algumas palavras mostrando o contraste: os homens que matam em nome da paz e o Filho de Deus que morre para nos dar paz. Precisamos considerar que, quanto mais ilustrada, mais atraente se torna a mensagem. Isso, no entanto, não significa que uma prédica seja um amontoado de histórias. Cada palavra está aqui com uma finalidade. Não é simplesmente pela beleza que uma ilustração cumpre seu papel. Você só ilustra bem quando o material utilizado tem uma relação direta com o texto, com o foco e com o propósito da prédica. Ela lança luz sobre o assunto e sensibiliza os ouvintes à aceitação dos desafios.

Voltemos ao nosso esboço.

3o tópico	INIGUALÁVEL EM SUA MANUTENÇÃO
Explanação	A paz de Jesus é um novo estilo de vida; paz vivenciada até na
Ilustração	Um jovem pastor partilhou sua experiência quando cuidava do
Pergunta retórica	Como essa paz inigualável pode ser mantida, mesmo em situaç
Explanação	Após a admissão de que paz não significa isenção de problema
Explanação	A paz de Jesus é realidade quando ele se torna o Senhor, quand
Textos paralelos	Efésios 4.3: “Façam todo o esforço para conservar a unidade d

Uma vez concluída a exposição do conteúdo dos tópicos, devemos lembrar que os recursos necessários para tornar a tese mais clara já foram oferecidos; com isso, a inclusão de material novo se torna desnecessária, e a comunicação será mais atraente, precisa e penetrante. Isso contribui também para a retenção e a aceitação da verdade apresentada.

No caso da conclusão, não podemos esquecer que o propósito específico é o principal elemento em sua composição, considerando que toda a explanação do texto e defesa da tese já devem ter acontecido no desenvolvimento dos tópicos.

Pergunta retórica	O que nos cabe fazer?
Ilustração	Horatio Spafford foi um advogado e professor univers
Aplicação, baseada no pe	Podemos experimentar a paz que só Jesus oferece ao e
Aplicação final	Entregue o comando da sua vida a Jesus; deixe que ele

— Que bom que eu posso utilizar uma nova ilustração na conclusão sem alongar demais o sermão!

— Mas fique atento ao tamanho da ilustração!

A inserção dessa ilustração na conclusão pode fazê-la ocupar mais espaço que os 10% indicados: não há problema quando isso acontece. O mais importante é estarmos atentos para que uma parte não fique enormemente maior que a outra. Nesse ponto do preparo para pregar, devemos revisar o esboço, o máximo de vezes possível, para detectar lacunas e exageros e fazer substituições, acréscimos e cortes. Precisamos estar atentos à viagem: o labor da comunicação sermônica.

---

[1] MORAES, O clamor da igreja, p. 46.

[2] Ibidem, p. 46.

[3] Os elementos constantes da coluna à esquerda são indicativos para controle do pregador, razão pela qual não precisam ser enunciados; exceção ao convite para se ouvir a leitura do texto e, na conveniência do pregador, a declaração do título. Até mesmo o enunciado dos tópicos, quando declarado, deve ser feito sem grande ênfase quanto à questão quantitativa.

Capítulo 7

A viagem vai começar

O conhecimento da viagem, com suas atrações, motiva a participação dos viajantes; do mesmo modo, a introdução da prédica, com a leitura do texto bíblico e o assunto, aplicados ao dia a dia, motiva a atenção dos ouvintes.

O começo da viagem equivale à introdução no púlpito. Para quem dirige e para quem viaja, há indagações, dúvidas e o desejo de que tudo saia como planejado. No púlpito não é diferente. Pregar é algo fascinante! Antes de estar ali, o pregador, diante de Deus, ouve a voz do Altíssimo, que o desafia a compartilhar sua Palavra às pessoas. Uma prédica deve começar de modo tão cativante que conquiste os ouvintes logo de início e há de seguir tão relevante que os mantenha atentos até o final.

Considerando que a capacidade de atenção é limitada, o pregador jamais deverá comunicar sem limites.

Quem prega, deve conhecer a Deus, em nome de quem fala, e as pessoas que o ouvem. Clyde Fant, em sua definição, realçou essa necessidade: “Pregação da Palavra de Deus é a interpretação da revelação divina à luz da situação contemporânea, por uma pessoa que conhece bem tanto esta quanto aquela”.[1]

— O problema é que as pessoas hoje não só querem correr muito aproveitando seus veículos velozes, mas também querem tudo muito rápido. E isso às vezes é

prejudicial.

— É verdade — diz Êutico. — Esse é um dos argumentos que as pessoas contrárias à brevidade no púlpito utilizam. Contudo, precisamos considerar que não é nos extremos que encontramos a solução.

Ao afirmar isso, lançou o desafio:

— Que tal pensarmos um pouco mais nas características da atualidade?

PASSA VELOZMENTE, E NÓS VOAMOS

A correria do momento é algo visível: as pessoas estão com pressa — a capacidade de esperar desapareceu. A rapidez dos meios de comunicação coopera para a conduta apressada. Lembro-me de quando fiz minha primeira viagem interestadual: de Maceió ao Rio de Janeiro. Foram quatro dias na estrada para um trajeto de pouco mais de dois mil quilômetros! Hoje, o mesmo percurso é feito em duas horas e alguns minutos, em voo direto. Não há mais tempo a perder.

A televisão nos dá uma ideia da velocidade do momento: é incrível a rapidez com que os comerciais são exibidos. Em no máximo trinta segundos é apresentada uma mensagem que fica gravada na mente e nos acompanha por vezes o dia todo. Há um programa de auditório na televisão que mantém um quadro no qual os participantes têm só trinta segundos para mostrar suas habilidades, e nesse tempo muita coisa acontece.

A televisão apresenta seus programas em segmentos breves e, quando se tornam mais longos, os ouvintes mudam de canal. Acontece algo parecido na igreja: quando o pregador se torna prolixo, o ouvinte tem o mesmo comportamento: “muda de canal”, ou seja, transfere seu pensamento para outro assunto, ou simplesmente se desliga das palavras do orador. Os ouvintes têm um “desligador automático” que é acionado quando o sermão se estende muito.

É importante que o pregador trabalhe com diligência para que não aconteça o acionamento desse desligador. E, na introdução, que é o momento de conquistar o ouvinte, e não de perdê-lo, esse trabalho é ainda mais exigente. A esse respeito, David Larsen afirma: “Bem-aventurado é o pregador que consegue fazer seu sermão decolar sem precisar gastar muito tempo. A decolagem — ou introdução — é essencial na determinação da fluidez”.[2]

Ainda sobre o início da prédica, ele diz: “A introdução deve ser relativamente curta; senão, para onde iremos depois dela?”.[3]

— Nesse caso, eu devo me preocupar em economizar as palavras, de modo que o meu sermão seja sempre bem curto, para agradar os ouvintes?

Seria o desejo de aprender, ou a expressão irônica de uma resistência? Êutico, alheio a essa segunda possibilidade, segue com seu pensamento.

VALE A PENA PARTICIPAR

Nenhuma prédica será notável pela brevidade. O discurso religioso é algo tão sublime que não pode ser resumido a simples apresentação sucinta. Ouvintes inteligentes não se contentam com uma prédica que, a despeito de ser breve, é pequena em conteúdo, reduzida em qualidade e pobre de arte e vida. A pregação notável é capaz de unir profundidade e síntese.

Nessa fase do planejamento, tudo parece pronto, mas a empreitada ainda não começou. Quem vai viajar, revisa o carro e faz tudo para evitar surpresas desagradáveis. O pregador, por sua vez, separa mais algum tempo para orar, pedindo a direção de Deus; para rever o esboço e meditar no texto; para refletir nas palavras-chave do manuscrito e internalizar o material a ser apresentado no púlpito, fazendo-o sair do papel para entrar em sua própria vida. Melhor que memorizar o manuscrito é conhecer e viver o que se pretende apresentar. De acordo com Clyde Fant, esse é o tempo de transformar o esboço em um discurso oral.[4] Esse período tem sido chamado também de tempo de qualidade. É o momento adequado de "buscar com segurança as palavras certas para exprimir nossos pensamentos e sentimentos".[5]

— Estou entendendo aos poucos. Vou aprender ainda mais, tenho certeza. Então, quer dizer que não adianta eu me preocupar tanto em economizar as palavras, mas organizar o sermão de modo claro e objetivo? Significa que devo estudar cada passo, cada detalhe? E principalmente que devo me colocar na dependência de Deus para apresentar a mensagem com simplicidade, para explanar bem e fazer as devidas aplicações para a vida do ouvinte, não é isso?

— Exatamente! Você é bem inteligente!

A OPÇÃO PELA BREVIDADE

Vale a pena ouvir a mensagem quando a Palavra de Deus é lida, explanada e aplicada. Algo que me conquista, na condição de ouvinte, é constatar que o pregador trabalhou como um garimpeiro. O modo com o qual expõe o texto diz que houve seriedade na pesquisa. Às vezes, o texto é bem conhecido; mesmo assim, alguma novidade relevante é apresentada.

Antes de nos preocuparmos com a brevidade, precisamos realizar um controle de qualidade. Só vale a pena ouvir sermões breves quando o preparo do pregador não foi abreviado. Não podemos descuidar do conteúdo da prédica.

VALE A PENA SERMÕES BREVES

Entrevistei ouvintes de um pastor cuja pregação ficava sempre na marca dos quinze a vinte minutos. Ele pastoreou a mesma igreja por mais de trinta anos. Os fiéis responderam apresentando diferentes razões para a validade de ouvir seu pastor. Considerando que esse pregador foi conhecido por suas breves prédicas e que os ouvintes sabiam que estavam participando de uma pesquisa sobre o assunto, é relevante observar como as razões apresentadas valorizaram a síntese, o conteúdo e a dinâmica da apresentação.

CONSIDERANDO O MATERIAL APRESENTADO NO PÚLPITO

Vale a pena ouvir sermões breves quando...

• o pregador busca em Deus a mensagem que ele tem para aquela ocasião;

• a pesquisa conecta a prédica ao texto bíblico e ao presente;

• a síntese torna a prédica mais clara e objetiva;

• o conteúdo é capaz de confortar os perturbados;

• a explanação vem acompanhada de ricas ilustrações;

• a prédica não é longa, mas é corajosa para combater o pecado;

• a brevidade está aliada à seriedade, sem ser superficial;

• as palavras são limitadas, mas o alcance é ilimitado;

• a escassez de tempo não atrapalha a explanação do texto;

• a mensagem não perde a condição de exposição bíblica.

Os ouvintes querem saber quem está no púlpito e que prédica tem a comunicar. Se o pregador não tem vida para comunicar, as pessoas que o conhecem se desmotivam antes mesmo de ele começar a falar. Quando falta vida, é pior do que quando sobram palavras: o pregador ainda nem começou a falar e as pessoas que o conhecem já se dispõem a não o escutar.

CONSIDERANDO A PESSOA QUE PREGA

Vale a pena ouvir sermões breves quando...

• a vida de quem prega é coerente com a palavra pregada;

• o pregador fala em nome do Senhor;

• a simplicidade, não a complexidade, realça a sabedoria;

• quem prega comunica com excelência;

• a brevidade não prejudica a comunicabilidade;

• diz muito em poucas palavras;

• fala com naturalidade e vida;

• é fiel ao texto bíblico, jamais fugindo dele;

• conserva-se firme no foco proposto;

• prepara-se o suficiente para falar sem rodeios.

A opção pela brevidade considera não apenas o material apresentado no púlpito e a pessoa do pregador, mas, de modo especial, é uma consideração aos ouvintes e a suas necessidades. Na era da velocidade, seria incoerente insistirmos em um modelo prolixo de comunicação. As pessoas não perderam a condição de ouvintes; perderam a motivação por sermões que começam precários, seguem insípidos e de tão enfadonhos parecem intermináveis.

CONSIDERANDO O OUVINTE E SUAS NECESSIDADES

Vale a pena ouvir sermões breves quando o pregador...

• fala como instrumento de Deus;

• pede a Deus sabedoria para pregar o que as pessoas precisam ouvir;

• é tão simples que até os mais iletrados compreendem suas palavras;

• é tão profundo que até os mais instruídos obedecem a suas palavras;

• presta atenção ao esboço, sem se tornar desatencioso para com os ouvintes;

• tem o máximo respeito pelo tempo dos ouvintes;

• cultiva a capacidade de falar enquanto os ouvintes estão atentos;

• termina a prédica deixando os ouvintes com o desejo de ouvir mais;

• apresenta desafios à obediência, à consagração e ao serviço;

• instrui seus ouvintes a escutar e a obedecer à Palavra.

Ao comunicar uma mensagem, mais do que de um grande auditório, precisamos de ouvintes atentos. Nosso intuito deve ser que as pessoas estejam realmente ligadas. “O ouvir ativo requer esforço disciplinado para silenciar toda conversação interna, enquanto ouvimos outro ser humano.”[6] Fazer que as pessoas calem seu interior para ouvir as palavras do pregador não é fácil! Não seria justo esperarmos a atenção automática dos ouvintes simplesmente pelo fato de estarem no culto ou como um exercício natural da piedade. Sobre esse processo, James Hunter esclarece:

Isso exige sacrifício, uma doação de nós mesmos para bloquear o mais possível ruído interno e de fato entrar no mundo de outra pessoa — mesmo por poucos minutos. O ouvinte ativo tenta ver as coisas como quem fala as sente. Essa identificação com quem fala se chama empatia e requer muito esforço.[7]

Ouvintes atentos geralmente procedem de comunicadores eloquentes. O bom pregador se doa completamente para despertar no ouvinte o interesse pela verdade comunicada. Comunicação sem empatia não é pregação cristã. Não importa quanto tempo você gasta para comunicar seus sermões, o importante é que você se ponha na perspectiva do ouvinte. Por quanto tempo os ouvintes ficam atentos às nossas palavras? Como eles reagem diante de uma prédica que parece interminável? Como nos sentimos quando, durante a comunicação, constatamos ouvintes completamente distantes?

Enquanto falamos aos ouvintes, devemos ter a capacidade de ouvi-los. Enquanto nos debruçamos sobre o texto, devemos ter em mente as pessoas que nos ouvirão. Larsen afirma: “Assim como o pregador deve interpretar o texto a ser pregado de maneira fiel e diligente, do mesmo modo deve interpretar os padrões de pensamento e os sistemas de valores que moldam e determinam o contexto de percepção dos ouvintes”.[8]

— Estou pensando: quando é que o sermão pode ser considerado longo? Quantos minutos é o ideal?

O pastor Êutico bem que ouviu a pergunta do jovem colega; mesmo assim, não apresentou explicações em resposta ao questionamento levantado.

— Apesar do valor da síntese, nem todos a aceitam; e também, por mais que sermões longos não pareçam o ideal, há ocasiões em que precisam ser pregados.

A OPÇÃO POR SERMÕES MAIS EXTENSOS

Duas perguntas surgem e reclamam respostas: Até quando um sermão é breve? A partir de quantos minutos um sermão é considerado extenso?

Uma boa mensagem, pregada de vinte cinco a trinta minutos, se o estilo do pregador não a tornar enfadonha, pode ser considerada breve. Por outro lado, um sermão quando ultrapassa a marca dos trinta minutos de apresentação será considerado prolixo, a não ser que o estilo do pregador e a preciosidade do conteúdo o tornem breve.

Há alguns anos, fui convidado a falar em um congresso de jovens. Fiquei alarmado quando me informaram que o tempo que eu teria era de duas horas. Mesmo argumentando que não precisaria de todo esse tempo, fui convencido a confirmar o compromisso — o presidente do encontro me falou: “Esse é o tempo que reservamos para ouvir a Palavra de Deus”. Preparei uma mensagem. Duas vezes, como parte do sermão, eles cantaram músicas que complementaram o assunto. Foi uma experiência bem diferente. Eu estava admirado de me arriscar a falar tanto tempo em uma tarde; no entanto, o que mais me impressionou foi ver

aqueles jovens, com a Bíblia aberta, acompanhando os textos, atentos a tudo quanto estava sendo comunicado. A inusitada experiência me trouxe algumas lições no que diz respeito ao tempo de duração da prédica.

QUANDO VALE A PENA OUVIR UM LONGO SERMÃO

1.1. Quando o pregador tem muito a dizer, tem uma única chance para comunicar, tem a habilidade para fazê-lo e o faz pedindo sabedoria a Deus.

Ao comunicar longos sermões todos os domingos, o pregador dificilmente conseguirá ter ouvintes atentos todo o tempo. No passado, multidões afluíam aos templos para ouvir a pregação da Palavra; mas hoje a capacidade de atenção a longos discursos está desaparecendo. As pessoas são capazes de ficar mais tempo diante de um pregador quando ele sabe explanar a Palavra de Deus, sem a opção de dividir esse conteúdo.

2.2. Quando as pessoas se dispõem a ouvir todo o tempo e, de tão enlevadas com a Palavra, conservam-se realmente atentas.

Ouvir a Palavra é uma das necessidades fundamentais na vida cristã; os fiéis precisam viver essa realidade. Tenho constatado que as pessoas mais atentas são aquelas que se acostumaram a ouvir excelentes mensagens: quando têm um pastor que ama a Palavra de Deus, prega com alegria e, sejam seus sermões breves ou longos, são sábios no uso do tempo.

3.3. Quando o pregador se conscientiza de que dispor de mais tempo não significa ter concessão para falar todo o tempo.

Se em qualquer ocasião o tempo deve ser valorizado, mais ainda no púlpito. Daniel Hamermesh afirma que “o progresso, o sucesso, tem tornado o tempo cada vez mais valioso. A cada ano que passa, os minutos ficam mais preciosos e mais onerosos”.[9] Dispor de mais tempo para a apresentação sermônica não significa estar com um tempo disponível para falar desenfreadamente.

Quando há necessidade de mais detalhamento do texto ou do assunto, o pregador deve ser capaz de fazê-lo sem cansar os ouvintes.

4.4. Quando o pregador expõe a Palavra com arte e vida e assim mantém os ouvintes interessados durante todo o tempo da apresentação.

Poucos são os pregadores capazes de comunicar um longo sermão e contar com ouvintes atentos e interessados, os quais, quanto mais falam, mais deixam as pessoas desejosas de ouvir. Eles têm a habilidade de dar vida às palavras. A desenvoltura deles no púlpito faz arder o coração dos ouvintes, criando o raro fenômeno traduzido na afirmação: “O tempo passou, e eu não vi”. Lamentavelmente, tais pregadores tornam-se cada vez mais escassos.

Sobre a revolução da brevidade no campo jurídico, Luiz Roberto Barroso afirma:

“Agora que finalmente conseguimos nos comunicar com o mundo, depois de séculos falando para nós mesmos, está na hora de fazermos outra revolução: a da brevidade, da concisão, da objetividade. Precisamos deixar de escrever e de falar além da conta. Temos de ser menos chatos”.[10]

Essa advertência é pertinente no âmbito do discurso religioso. O pregador precisa deixar de falar para atender a seu próprio ego e falar para glorificar o nome de Jesus.

Os tempos mudaram, e isso exige adequação à atual conjuntura. No quadro comparativo a seguir, destaco atitudes dos ouvintes no passado e nos dias atuais.

Ouvintes no passado...
Tinham disponibilidade de tempo: sabiam esperar, a vida seguia sem pressa. Erar

[11]Afirmamos às vezes: “Já não se faz ouvinte como antigamente”. Devemos estar alerta, todavia, porque os ouvintes também afirmam: “Já não se faz pregador como antigamente”. Partindo das queixas dos ouvintes, poderíamos, inclusive, elaborar um quadro comparativo dos pregadores do passado e do presente.[12]

---

[1] Apud MORAES, Homilética: do púlpito ao ouvinte, p. 50.

[2] Anatomia da pregação, p. 71.

[3] Ibidem.

[4] Apud MORAES, Homilética: do púlpito ao ouvinte, p. 156.

[5] POWELL; BRADY, Arrancar máscaras! Abandonar papéis!, p. 131.

[6] HUNTER, O monge e o executivo, p. 82.

[7] Ibidem, p. 82.

[8] Apud MORAES, Homilética: do ouvinte à prática, p. 156.

[9] Apud POSCENTE, A era da velocidade, p. 17.

[10] Disponível em: <http://oab-ms.jusbrasil.com.br/noticias/70514/a-revolucao-da-brevidade-luis-roberto-barroso>. Acesso em: 21 ago. 2019.

[11] MORAES, A fé vem pelo ouvir, p. 59.

[12] Ibidem, p. 59.

Capítulo 8

Sem pressa, mas sem lentidão

As viagens se tornam indesejáveis quando o motorista imprime velocidade acima do limite permitido e insuportáveis quando quem dirige segue lentamente. Assim também no púlpito: os ouvintes desprezam prédicas apressadas e rejeitam sermões longos demais.

No passado, as cartas levavam semanas para chegar ao destino. Hoje, enviamos mensagens eletrônicas que os destinatários recebem em tempo real. Há algumas décadas, era difícil a comunicação interurbana e internacional. Era preciso utilizar o serviço de uma telefonista que possibilitava que a ligação fosse completada, o que era um serviço dispendioso. Atualmente, temos vários dispositivos ao nosso alcance que nos permitem falar e ver as pessoas com as quais nos comunicamos, por mais distantes que estejam, sem precisar da intermediação de terceiros e, por vezes, sem nenhum custo.

— Será que devemos dar uma repaginada no sermão de tal modo que ele deixe de ser uma longa e interminável carta, passando a ser um e-mail?

— Não é bem assim, inclusive porque alguns e-mails são terrivelmente longos.

Pregar é uma tarefa que não pode ser encurtada para atender ao capricho de ouvintes que perderam a condição de escutar. Minha opção preferencial é por sermões breves. No entanto, mais do que curtos, eles precisam ser adequados; é a junção de que tanto falo: BREVIDADE COM QUALIDADE. Existem sermões curtos que nem merecem ser ouvidos — não têm nada a oferecer. Em

compensação, há sermões longos que merecem ser ouvidos. Também há sermões longos que pouco comunicam e sermões curtos que muito comunicam. O ouvinte sábio não se dispõe a ouvir considerando o tempo de duração do sermão, mas o benefício que ele pode obter em sua vida, seja ele longo, seja breve.

A falta de um planejamento adequado tem feito alguns pregadores confundir suas prédicas com uma caixa sem tampa, com espaço para tudo que surge. A palavra deles, longe de ser um discurso com começo, meio e fim, é um projeto inacabado, sem conexão com o texto bíblico e sem significado para os ouvintes. Eles falam de tudo e de todos, menos do que realmente deveriam falar: da verdade apresentada no texto bíblico.

— Se o pregador falar mais rápido, ele não vai conseguir dizer mais em menos tempo?

— Sim e não, porque não adianta falar mais e o ouvinte compreender menos. Precisamos pensar que a mensagem comunicada tem o propósito de alcançar pessoas e para isso devemos usar a voz de modo correto.

A VELOCIDADE DA VOZ

Os locutores esportivos têm grande capacidade de falar velozmente. Eles têm um tempo curto para dizer tudo quanto está acontecendo em campo; detalhes que precisam ser descritos, especialmente em transmissões pelo rádio. Não tenho paciência para ouvir esse tipo de narrativa: a velocidade da fala está acima da minha capacidade de receber o que é falado. No púlpito, alguns oradores parecem apreensivos com o tempo. Justificam que falam rápido porque têm muito a dizer. É preciso considerar, contudo, que não dá para falar tão rápido a ponto de os ouvintes ficarem sem condições de acompanhar o raciocínio que está sendo partilhado. O volume no qual se comunica deve ser avaliado à luz do

tempo disponível para a comunicação e da capacidade dos ouvintes de receber o que lhes comunicamos.

Outro extremo na velocidade da voz tem a ver com oradores lentos demais. Ouvi-los é um convite ao sono. Ninguém fixa a atenção em um pregador tão lento que dá para fazer uma lista de compras enquanto ele fala: entre uma palavra e outra os ouvintes completam a lista com os itens em falta.

POR QUE ALGUNS PREGADORES FALAM MUITO?

1.1. Insensibilidade às mudanças do momento

Na era digital, alguns oradores insistem em comunicar como faziam os pregadores há um século. Vivem no presente, mas com modelos do passado. Ainda nem se aperceberam das vantagens da informática e da internet na comunicação. Assim, alheios à velocidade do momento, insistem em um modelo prolixo: enquanto pregam vagarosamente, os ouvintes se distanciam visivelmente. A opção dos ouvintes na atualidade é por breves sermões: “As pessoas têm seu tempo todo cronometrado: não há disponibilidade de tempo extra para se gastar; a pressa e a praticidade são marcas da época, e o sermão não pode ficar alheio às características do momento”.[1]

2.2. Inflexibilidade para adequar a ordem de culto

Um pastor desejava pregar em uma igreja, até que um dia foi convidado. Um detalhe, todavia, o atrapalhou: o fato de nas manhãs de domingo naquela igreja a maior parte do tempo ser dedicada ao estudo bíblico nas classes. Ao saber que pregaria, mas não poderia ultrapassar a marca de vinte minutos, respondeu que o

tempo era insuficiente. Vivi situação idêntica. Aceitei pregar sabendo que o tempo a meu dispor era entre doze a quinze minutos. Comumente, eu pregaria vinte a vinte e cinco minutos. Preguei quinze minutos. Sou grato a Deus pela experiência. Não houve perda por ter pregado em menos tempo, mas eu teria perdido se não tivesse pregado.

3.3. Impropriedade no trato do texto bíblico e seu contexto

Trabalhar bem um texto não é fácil, pois envolve sério processo: escolha, encaixe entre a perícope (porção do texto bíblico) escolhida e a ideia a ser desenvolvida, leitura comparativa, análise textual, meditação exaustiva, sentido do texto aos primeiros destinatários, mergulho no contexto para conhecimento de detalhes históricos e geográficos, estudo das personagens mencionadas e sua relevância ao assunto; e — não menos importante — a atualização do texto para chegar a nós e aos ouvintes. Só será possível pregar bem se o pregador aproveitar ao máximo o tempo; se ele der o melhor de seu tempo ao estudo do texto básico. O pregador que não conhece o texto e seu contexto fica dando voltas em torno dele, sem nunca se aprofundar, ou foge dele e nunca mais encontra o caminho de volta.

4.4. Incompreensão do significado de prédica ungida

Alguns acham que o sermão ungido não pode ter um tempo de exposição limitado. Unção, porém, não resulta do tempo que o pregador emprega falando, mas do quanto ele depende de Deus. Uma prédica não é ungida por ser longa, mas por ser recado divino. Ela não está limitada ao tempo: é tão longa que começa antes de ser apresentada e tão breve que até sem palavras pode ser partilhada; exige do pregador não só o tempo em que a profere, mas a vida toda de submissão ao Senhor. Um sermão longo pode ser prolixo, sem unção; o outro, mesmo sendo breve, pode carecer dela.

5.5. Impropriedade quanto ao conceito da pregação

Um pregador, para justificar seu modo excessivo de se comunicar, pergunta: “Se eu pregar um sermão breve, o que os ouvintes vão pensar de mim?”. Pregar não é demonstração de conhecimento do pregador, mas apresentação da glória de Deus. Estamos, conforme a teologia paulina, proclamando que “Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo” e rogamos às pessoas que se reconciliem com Deus (2Coríntios 5.19; cf. v. 20): esse é o papel do pregador. A propriedade da pregação não está em apresentar.

6.6. Incapacidade de manter o foco

Junto com a base bíblica e a atualização, a manutenção do foco sermônico está entre as tarefas mais importantes no púlpito, razão pela qual esse assunto tem sido vastamente tratado e exemplificado neste livro. Muitos pregadores não mantêm o foco porque o ignoram. Para nos fixarmos no assunto, precisamos encontrar a perfeita sintonia entre o que pretendemos dizer e a verdade textual. Se assim não for, o sermão se tornará um amontoado de ideias, sem nexo: o texto não tem a ver com o que o pregador diz, e os desafios nada mais são que intimidações autoritárias.

— Como o senhor definiria essa falta de habilidade? Acho que isso me atinge.

Sem se fazer de rogado, o pastor Êutico responde:

— Perguntei a alguns ouvintes, e eles ofereceram respostas bem interessantes.

7.7. Falta de habilidade para narrar ilustrações

Essa falta de habilidade é vista quando (1) o pregador conta longas histórias; (2) as histórias apresentam detalhes pouco relevantes; (3) o pregador dá voltas e se perde em sua narrativa; (4) as ilustrações são autopromocionais; (5) falta conexão entre a narrativa e a verdade pregada. Dois terços do conteúdo das ilustrações podem ser considerados material irrelevante: a desarrumação alonga a narrativa. Boa prática é escrever a ilustração antes de utilizá-la. Isso expõe as afirmações desconectadas, que pouco ou nada têm a ver com o que esperamos comunicar. Síntese no púlpito não se traduz em omissão de ilustrações, mas na sabedoria em utilizá-las; precisamos ser sábios para destacar o que é precioso. A mesma ilustração narrada em um minuto, na maioria das vezes tem mais força do que a que é contada em cinco minutos.

ANTES QUE OS OUVINTES PERCAM O INTERESSE

Nossa primeira luta é conquistar e manter a atenção das pessoas. Essa tarefa se torna cada vez mais difícil no do corre-corre. Poscente afirma: “Nossa tolerância à lentidão tem diminuído com a mesma intensidade que a ânsia pela velocidade tem aumentado”.[2] A dificuldade se torna ainda maior quando pensamos que não basta conquistar a atenção; é preciso manter os ouvintes atentos; mais que atentos, ligados o tempo todo, da primeira palavra ao amém final.

O QUE O PREGADOR PODE FAZER PARA NÃO CANSAR O OUVINTE?

8.1. Atualizar-se para alcançar pessoas.

Uma comunicação antiquada não prende a atenção de pessoas atualizadas. O bom pregador se avalia sempre e se atualiza continuamente. Do mesmo modo, acompanha os noticiários pela internet, pelo jornal, pelo rádio e pela televisão; lê bons livros de homilética, hermenêutica, teologia, comunicação, psicologia, relações humanas e áreas das mais variadas; faz cursos que ajudam no conhecimento bíblico e do ser humano e mantém contato com os ouvintes a fim de conhecê-los melhor.

9.2. Apegar-se ao texto básico e não o largar.

A prática de apresentar um bocado de textos desconectados, simplesmente para ter a desculpa de ter usado a Bíblia, alonga a prédica e nem sempre facilita a compreensão do assunto. Textos paralelos são porções bíblicas trazidas para tornar mais claras as ideias do texto básico, ilustrar e fortalecer os argumentos apresentados. Alguns textos dispensam a utilização de textos paralelos. Lanço mão desses textos frequentemente, mas com cuidado no tamanho de cada texto e na quantidade utilizada.

10.3. Acompanhar as indicações do mapa.

Os sermões se tornam desinteressantes quando o pregador se desvia das indicações da rota. Ou, no último minuto, decide mudar a mensagem. Pior é que alguns desses comunicadores alongam mais ainda a fala, justificando que vão mudar o assunto porque Deus lhes falou ao coração. Por vezes, isso acontece não pela fartura de espiritualidade, mas pela carência de tempo diante do Senhor. O esboço precisa estar bem estudado para que possamos facilmente seguir suas instruções, como mencionado.

11.4. Aprofundar ideias para se tornarem sólidas.

O pregador tem uma ideia principal — a tese — que, como sabemos, é um resumo do assunto apresentado. No capítulo 6, vimos como, com base nessa ideia, toda a argumentação é estabelecida e os tópicos surgem conectados ao assunto principal. Precisamos ser humildes para admitir que o excesso no púlpito resulta de ideias soltas, incoerentes e inconsistentes, que tornam mais difícil, e às vezes impossível, a comunicação eficaz. Os ouvintes distinguem quando quem prega tem algo a comunicar e quando está ali apenas para preencher o tempo. Apenas ideias consistentes prendem a atenção de ouvintes inteligentes.

12.5. Apresentar argumentos lógicos.

Alguns sermões podem ser comparados ao viajante que vai do extremo norte ao sul para cumprir sua missão e, depois de percorrer essa distância, volta sem a executar. Eles dão voltas intermináveis, falam vários temas ao mesmo tempo e não se aprofundam em nenhum: ainda pior, confundem profundidade com escavação despropositada e arriscada. Têm um amontoado de conceitos que não leva a lugar algum. Jay Adams lembra que “a verdade de Deus não deve ser misturada desordenadamente na pregação”.[3] A comunicação lógica apresenta argumentos racionais: cada palavra e cada frase têm sua função, um propósito a cumprir. “Um pregador diligente toma tempo para pensar não apenas a respeito do conteúdo, mas também sobre a forma em que ele é apresentado.”[4]

13.6. Aproximar a mensagem do ouvinte.

Pouco adiantará o elevado nível de conhecimento do pregador e sua aparente desenvoltura na exposição do assunto se não tiver a capacidade de trazer a mensagem ao mundo do ouvinte, de tal modo que ele sinta que as palavras do pregador são realmente importantes em sua vida. O sermão carece de aplicação para cumprir seu papel como mensagem do evangelho, capaz de alcançar e transformar. O poder de Deus para a salvação de todo aquele que crer (Romanos

1.16) há de ser compreendido e recebido pelas pessoas.

14.7. Afastar-se do algodão-doce.

As crianças se empolgam com o algodão-doce. Mas, quando crescem, aprendem que esse algodão é só água e açúcar. Alguns sermões belos e coloridos são exatamente assim, mas não passam de água com açúcar; agradam aos ouvidos, mas não alimentam. E alguém diz: “Que mensagem linda! Como esse pregador fala bem”. E você pergunta: “Ele fala bem, a prédica foi bonita, e o que você aprendeu? Que desafio trouxe à sua vida?”. O ouvinte pensa, mas não acha uma saída e rebate: “O sermão que ele pregou não foi para ensinar nem para desafiar; foi para divertir e encantar”. Mas nós não pregamos para divertir ou encantar: pregamos para proclamar o amor de Deus; o anúncio salvífico jamais poderá ser reduzido a água com açúcar.

15.8. Amar os ouvintes.

Somos mais capazes de ouvir um amigo, ou alguém simpático, do que pessoas estranhas e apáticas. O pregador distante cansa os ouvintes não apenas pelo tempo gasto; cansa muito mais pela falta de afinidade — o desencontro entre o púlpito e os bancos inviabiliza a comunicação. E, quando o pregador começa advertindo duramente as pessoas, a tendência é que o ponteiro do relógio nem precise se mexer para que o sermão seja considerado enfadonho.

16.9. Aperfeiçoar a eloquência.

Não significa ter de abandonar seu estilo natural, mas aprimorar as técnicas já utilizadas a fim de otimizar os resultados. O sermão eloquente é elaborado e

pregado com paixão e vida. E o pregador, à semelhança de Pedro e João, afirma: “Pois não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos” (Atos 4.20); ou, como Paulo, declara: “[...] Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1Coríntios 9.16).[5] Para o sermão ser eloquente, deve ser pregado com tanta vida a ponto de impactar os ouvintes, deixando-os atentos ao que está sendo comunicado.

17.10. Abandonar a tentação de pregar a sua “sabedoria”.

Paulo falou dessa verdade, desafiando-nos com seu comportamento:

Eu mesmo, irmãos, quando estive entre vocês, não fui com discurso eloquente nem com muita sabedoria para lhes proclamar o mistério de Deus. Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado. E foi com fraqueza, temor e com muito tremor que estive entre vocês. Minha mensagem e minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus (1Coríntios 2.1-5).

A única sabedoria capaz de transformar é a mensagem da cruz; é o poder de Jesus Cristo crucificado. Não há limites para a pregação, mas não podemos esquecer que essa capacidade não nos torna ilimitados. Um dos limites que estão sempre diante de nós é o do tempo. Por melhor que seja a prédica, se não tivermos a sensibilidade de parar em tempo hábil, receberemos o castigo de perder até o que já foi conquistado em termos de atenção. As pessoas inteligentes são desmotivadas a continuar ouvindo um pregador que, mesmo não tendo mais nada a acrescentar, insiste em continuar falando. Aliás, a conclusão desse fenômeno é óbvia: não vale a pena escutar quando o pregador não tem mais nada a comunicar.

[1] MORAES, Homilética: do púlpito ao ouvinte, p. 336.

[2] A era da velocidade, p. 13.

[3] A teologia e a pregação cheia de poder. In: ROBINSON; LARSON. A arte e o ofício da pregação bíblica, p. 40.

[4] Ibidem.

[5] MORAES, Homilética do púlpito ao ouvinte, p. 106.

Capítulo 9

Tornando a viagem proveitosa

Quanto mais o sermão abrange, motivando o ouvinte a refletir, mais proveitoso se torna: o texto bíblico e seus desafios são compreendidos, e as palavras comunicadas no poder do Senhor marcam para sempre.

Somos responsáveis por elaborar e apresentar um discurso profundo e útil, e isso não é fácil! Ele deve ser profundo, objetivo e exequível, com base bíblica e fundamentação teológica. Em um espaço de tempo limitado, devemos apresentar uma verdade capaz de marcar para sempre a vida das pessoas. Diante desse desafio, Wayne McDill afirma que a comunicação oral é o mais importante trabalho para o pastor, o que requer mais tempo e atenção. [1] Tão grande responsabilidade fez o apóstolo Paulo declarar: “[...] quando prego o evangelho, não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1Coríntios 9.16).

A IMPORTÂNCIA DO OUVIR

Algumas pessoas vão ao templo, mas sem motivação para ouvir prédicas. Estão diante do pregador, mas distantes de suas palavras; ele fala, enquanto elas manuseiam tablets e celulares: embora estejam entre os fiéis, são apenas internautas disfarçados de adoradores — estão no santuário, mas plugados nas comunidades virtuais. Felizmente, em termos de manuseio de equipamentos de informática no santuário, nem tudo é desatenção! Há ouvintes que, mesmo parecendo internautas, permanecem fiéis, uma vez que acompanham o texto e acessam os textos paralelos mencionados pelo pregador. Na contramão da

aparência, ainda que pareçam desligados do pregador, estão conectados à pregação.

— Enquanto o senhor menciona esse lado, eu me lembro de alguns jovens que estão sempre acompanhando a mensagem, conferindo os textos no celular. Minha dúvida é: O que podemos fazer diante de dois grupos?

— Cabe a nós, pregadores, não apenas pesquisar o porquê dessa indiferença do primeiro grupo, mas fazer a nossa parte para que as pessoas presentes no culto sejam fiéis adoradores, que adorem autenticamente ao Pai (João 4.24). Vamos responder em dois tempos.

O QUE FAZER PARA TER OUVINTES ATENTOS?

1.1. Considerar o fato de que o tempo de cultos e sermões quilométricos passou.

O orador sábio aproveita os recursos atuais. David Fetzer recomenda: “Lembre-se de que a linguagem clara, conhecida, concreta e concisa os ajudará a ver, sentir e entender a mensagem de modo que a apliquem na vida pessoal”.[2]

2.2. Aprimorar a comunicação buscando transformar internautas em ouvintes.

A luta para obter ouvintes atentos deve começar pela atualização e pelo treinamento de pregadores a fim de que os sermões deixem de ser intermináveis na apresentação e sejam duradouros nos resultados. “Se o pregador não for capaz de saber o que vai dizer, dificilmente os ouvintes serão capazes de reter e

praticar o que ele diz. A falta de lógica prejudica a audição, a compreensão e a prática.”[3]

APROVEITE A PAISAGEM

As viagens terrestres e marítimas nos brindam com o encanto das paisagens. Até viajando de avião algumas vezes fico contemplando a beleza do horizonte multicolorido e das nuvens em seus diferentes contornos e cores. Por trás de toda a beleza, há a lição maior: a realidade do Criador e de sua Palavra a nos falar: “A glória de Deus viaja pelos céus. As obras de arte de Deus estão expostas no horizonte” (Salmos 19.1, A Mensagem).

As ilustrações são como paisagens: vêm, encantam e, mais que isso, ensinam. Ilustrar não é apenas partilhar uma experiência, contar um fato ou experiência, ou utilizar a poesia. É desenvolver a habilidade de pintar quadros, dando vida às paisagens; é perceber e realçar o dia que amanhece, a flor que desabrocha e o pântano que floresce. A boa ilustração, cada vez que nos lembramos dela, trará à mente as lições aprendidas no todo da mensagem, de tão conectada que está à verdade central. Por mais que a ilustração pareça encantadora, se não for capaz de trazer luz sobre o assunto, não merece ser contada.

As ilustrações perdem força, encanto e vigor quando se tornam excessivas. Assim como os quadros de paisagens, as ilustrações devem ser breves. A fórmula é simples: resuma o máximo possível, firmando-se em realçar o ponto sobre o qual essa história deve lançar luz; caso contrário, cuidado com os riscos.

RISCOS DO EXCESSO NO USO DE ILUSTRAÇÕES

3.1. Uso de material que poderia ser dispensado

O desafio é descartar o que pode ser deixado de fora sem prejuízo. Até mesmo textos paralelos devem ser usados com moderação. Devem-se apresentar apenas aqueles que têm algo relevante a ver com o assunto. Se um ou dois versículos cumprem essa missão, não há por que ler dez ou mais versículos. Seleções extensas de trechos bíblicos alongam a prédica. O exagero de dados tem feito alguns pregadores se perderem. Eles perguntam: “Onde eu estava mesmo?”. Pobres pregadores, perdidos em seu próprio sermão!

4.2. Menção de detalhes alheios ao foco

Essa prática arrasta o pregador à vergonha de ficar falando em círculos intermináveis qual avião que precisa aterrissar, mas não tem as condições necessárias para fazê-lo. Isso ocorre com oradores prolixos que persistem em detalhar muitas coisas desnecessariamente. Eles tornam frases e períodos que poderiam ser breves e de fácil compreensão em narrativas intermináveis e com sentido ambíguo.

COMUNICAÇÃO VERSUS COMPREENSÃO

Há uma distância entre o que falamos e o modo no qual as pessoas ouvem e compreendem. “Não adianta ser um discurso repleto de profundos conceitos, apresentados em linguagem rebuscada; se não forem compreensivas, terão sido apenas um turbilhão de palavras: furacão que passou, sem nada de positivo deixar.”[4] Um pregador em sua ilustração falou de um homem tão valente que dormia com a peixeira. Essa afirmação ficou sem sentido para os ouvintes, uma vez que, naquela região, peixeira era a mulher que vendia peixes. O pregador, oriundo de outra região, referia-se a um tipo de faca lá utilizada, especialmente por criminosos.

Izidoro Blikstein conta e analisa a história do gerente que escreveu um bilhete à nova secretária, “instruindo-a” a comprar uma passagem:[5] “Maria, devo ir ao Rio amanhã sem falta. Quero que você me reserve um lugar, à noite, no trem das 8 para o Rio”.

Blikstein aproveita a confusão causada por esse bilhete para mostrar o contraste entre a intenção do comunicador e a compreensão do receptor:

Mensagem transmitida
Que a secretária comprasse uma passagem para o chefe viajar às 8 horas da noite

Desencontros nesta comunicação

A secretária só reservou a passagem

A secretária foi, à noite, reservar a passagem para o chefe viajar na manhã do out

O processo de comunicação se completa quando a mensagem se torna, no dizer de Paulo, útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça (2Timóteo 3.16). Nesse processo, há os estágios de compreensão, assimilação e retenção. Praticamos o que retemos, retemos o que assimilamos e assimilamos o que compreendemos, razão pela qual o tema da necessidade de um discurso simples e objetivo não pode ser negligenciado.

Paulo, que estivera calado certo tempo, intervém:

— Não há risco de a pregação, por ser breve, deixar de ser teológica? O que o senhor me diz sobre a teologia na pregação apresentada em poucos minutos? Será que profundidade e brevidade podem seguir juntas?

Sem hesitar, o amigo responde, sem rodeios:

— Essa preocupação tem sentido.

A TEOLOGIA NA PREGAÇÃO BREVE

Um sermão pode ser breve com sólida fundamentação teológica e outro ser longo e ainda assim carente de conteúdo teológico. Não é na quantidade de palavras que reside o valor de uma prédica, mas na autenticidade de seus conceitos. Para a preservação desse valor, nós, pregadores, precisamos ter como ponto de partida dois pilares no que diz respeito à teologia da pregação:

5.1. A qualidade do bom sermão passa pela autenticidade da teologia que apresenta.

Uma das maiores carências do púlpito na atualidade é sua teologia. Já mencionei pregadores que, desfigurando a finalidade da pregação, deixam de glorificar o Criador e transferem essa glória a valores transitórios, segundo sua própria conveniência. O Deus deles não é soberano, mas um ser subserviente: a súplica foi sufocada pelas ordens do "soberano pregador", que declara: "Eu ordeno". Isso cria uma confusão entre autoridade e autoritarismo. O autoritarismo é aplicado em detrimento da liberdade pessoal, é impiedoso e desprovido de fundamentação bíblica e teológica. Já a autoridade se baseia no poder. Enquanto o pregador autoritário comunica objetivando impor seus conceitos, a pessoa que prega com autoridade busca base bíblica para tudo quanto comunica no púlpito.

Não dá para aceitarmos o autoritarismo daqueles que pregam o caminho das facilidades. A pregação deles atrai porque, mesmo havendo Jesus afirmado que teríamos aflições, segui-lo — no conceito deles — passou a ter o significado de "vida fácil". Eles não apresentam a necessidade de tomar a cruz, mas incitam os ouvintes a apoderar-se da bênção. Pena que eles se esqueceram de que a bênção maior é seguir os passos do Senhor. O sermão autenticamente cristão independe do tempo de duração, mas não pode ser dissociado de sua fundamentação bíblica. A teologia da pregação e a teologia do pregador se confundem.

6.2. Sermão não é um tratado teológico, é comunicação acessível aos ouvintes.

A comunicação deve ser tão clara que o ouvinte mais simples possa compreendê-la: é anúncio breve que fala do Eterno. Não dá para transformar prédica em conferência teológica. A verdade "deve fluir inexoravelmente do começo ao fim de maneira racional e lógica. Isso significa que um pregador diligente toma tempo para pensar não apenas a respeito do conteúdo, mas sobre a forma em que ele é apresentado".[6] É comunicada em linguagem acessível a todas as pessoas. "Uma teologia da pregação começa com um reconhecimento humilde de que a

pregação não é invenção humana, e sim uma criação graciosa de Deus e uma parte central de sua vontade revelada para a igreja.”[7] Deve proclamar as verdades mais profundas em linguagem compreensível. Sermões que produzem resultados concretos têm uma teologia que os motiva a conhecer Deus e os ensina a viver em comunhão com ele. O conteúdo teológico é próprio à prédica cristã; não acontece em detrimento da ocasião em que a mensagem é pregada e a seu propósito, mas como recurso para que o alvo seja alcançado.

ANOTE AS LIÇÕES

Prática bem conhecida são anotações em viagens. Elas nos ajudam a gravar as imagens, pois somente quando retemos recordações somos capazes de lembrar. Os lugares visitados nas viagens continuam presentes por meio das fotos. Há ouvintes que, à semelhança desses viajantes, também costumam fazer anotações enquanto o pregador comunica o sermão. A vantagem é que elas ajudam a lembrar a verdade apresentada. Há condições importantes para que a anotação do sermão aconteça enquanto ele é pregado: a mensagem precisa ser tão rica a ponto de oferecer pontos para anotações; tão objetiva que as pessoas tenham condições de fazê-lo com facilidade; deve fornecer incentivos e condições aos ouvintes para que façam anotações durante a pregação, e o pregador deve valorizar as anotações que são feitas. Em algumas igrejas, uma folha própria é distribuída para que as pessoas anotem enquanto ouvem. Dias depois, tais anotações são estudadas em pequenos grupos.

---

[1] The Moment of Truth, p. 58.

[2] Agora, transmita a mensagem! In: KOESSLER, Manual de pregação, p. 369.

[3] MORAES, Homilética: do ouvinte à prática, p. 146.

[4] Ibidem, p 34.

[5] Técnicas de comunicação escrita, p. 5-12.

[6] ADAMS. A teologia. In: ROBINSON; LARSON, A arte e o ofício da pregação bíblica, p. 40.

[7] MOHLER, Deus não está em silêncio, p. 47.

Capítulo 10

Perigo: curva acentuada

A redundância faz o pregador entrar em curva acentuada como se fosse linha reta; ele desperdiça tempo e dificulta a compreensão do foco do texto e de seus desafios, desviando-se do alvo proposto.

Curvas acentuadas são um grande perigo na estrada. O pastor Êutico, motivado por experiências marcantes, cada vez que viajava ficava atento às curvas; sabia que elas, quanto mais acentuadas, mais perigosas são. Havia um caso que ele sempre compartilhava com os amigos: o dia em que o carro rodopiou diversas vezes e causou um grande susto. Naquela manhã, em mais um encontro com seu jovem amigo, mencionou o episódio a fim de tirar algumas lições para o desempenho do pregador no púlpito. Ele parecia ter muito a conversar e a esclarecer. Mal se cumprimentaram e, sem perder tempo, falou animado:

— Lembrei-me de uma experiência. Viajávamos, a minha esposa e eu, com um casal amigo, quando, em um trecho repleto de curvas, sofremos terrível susto. O nosso amigo dirigia velozmente; tudo parecia bem, até que ele entrou numa curva acentuada em excesso de velocidade. A experiência foi atemorizante. Em fração de segundo, o carro rodopiou e, desgovernado, parou na pista em sentido contrário. O susto foi grande. Só por livramento de Deus não capotamos, nem colidimos, em uma estrada bastante movimentada.

— Suponho que, além da ocorrência, há lições que ficaram. O que o senhor quer me ensinar com essa descrição?

A experiência me fez sentir de perto o perigo das curvas acentuadas. As placas educativas lá estavam para alertar; no entanto, nós não lhes demos a devida atenção. No púlpito, temos também algumas curvas acentuadas. São detalhes na comunicação que exigem cuidado redobrado. E, quando o pregador entra em uma curva acentuada com esse excesso de velocidade, desperdiça tempo e põe a prédica em risco. Quais são as curvas acentuadas que exigem cuidado no púlpito?

GENERALIZAÇÕES

Os assuntos desenvolvidos na pregação têm base em um texto das Escrituras. Por conseguinte, estão ligados a um tema teológico geral. Cada vez que nos dispomos a pregar, trabalhamos uma abordagem ligada a uma área teológica: ANTROPOLOGIA — analisa a realidade do homem; CRISTOLOGIA — enfoca a pessoa de Jesus; ESCATOLOGIA — particulariza a doutrina das últimas coisas; HAMARTIOLOGIA — estuda a doutrina do pecado; PNEUMATOLOGIA — enfatiza a doutrina do Espírito Santo; SOTERIOLOGIA — destaca a doutrina da salvação.

No púlpito, a teologia se transforma em prática. Procura apresentar o novo sentido encontrado em Jesus. Como já mostrado, não se pode negligenciar o lugar do foco, essencial para a comunicação eficaz. O valor desse assunto foi vastamente apresentado nos capítulos 3 e 4. Para compreendermos o perigo das generalizações, destacarei alguns elementos da pesquisa; entre eles, o foco sermônico.

Para exemplificar o que pretendo ressaltar, usarei como modelo um sermão a ser desenvolvido sobre o texto de Apocalipse 21.1-4.

Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham

passado; e o mar já não existia. Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: “Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou”.

Após a escolha e a análise do texto, podemos trabalhar quatro itens, com destaque para a área teológica:

Ideia central do texto	João viu a não existência da morte como detalhe de perfeiç
Tese	É bênção morar numa cidade onde a ordem, a paz e a comu
Foco sermônico	Mostrar a bênção do céu como lugar de plena comunhão c
Área teológica	Escatologia

Dentro desse planejamento, devemos trabalhar o texto e seu transporte para o momento atual com objetividade e clareza, a fim de persuadir os ouvintes a viverem em comunhão com Deus. Ao contrário, quando o pregador amplia a exposição e se fixa na área teológica, alonga desnecessariamente a prédica. Enquanto expõe percepções da vida futura, conceitos sobre o milênio e detalhes escatológicos, reduz a objetividade e a força para alcançar e marcar o ouvinte. É assim que os sermões se tornam longos: falta consideração quanto aos limites da área teológica. Trabalhando um conteúdo escatológico, não precisamos dar uma aula de escatologia. No pastorado, boa prática para tornar mais clara uma área da teologia é trabalhar uma série de sermões em tema geral. Aprofundar-se em determinada doutrina é possível em vários sermões; o que não devemos é tentar dizer em uma só prédica tudo sobre o assunto.

EMPOLGAÇÃO

Com isso, quero dizer exagerada animação; euforia incontida que induz a pessoa a agir sem refletir. É o pregador que, de tão empolgado com a campanha para a ampliação do templo, reduz a prédica a experiências da construção que em nada ilustram o que deveria comunicar. Ou o orador que, empolgado com sua denominação, desperdiça parte preciosa do tempo falando sobre os planos e as dificuldades da convenção, ou associação de igrejas. Ou, ainda, aquele que vive um tempo de euforia, porque a esposa foi nomeada a uma elevada função e essa bênção passa a ser partilhada a todo instante, invadindo até o púlpito. Mas a pior empolgação é a que faz o pregador confundir púlpito com palanque político: ele deixa de refletir nas bênçãos de Jesus para propagar as falsas promessas de candidatos.

DESCONHECIMENTO DO TEXTO

O pregador que desconhece o texto básico de sua prédica pode ser comparado ao

motorista que, além de não conhecer a estrada pela qual viaja, é incapaz de compreender as placas indicativas de trânsito que estão ao longo do trajeto para orientá-lo. Além de interpretar corretamente, o pregador há de ser sábio em atualizá-lo. “O transporte do texto do passado (tempo em que foi escrito) ao presente (tempo em que está sendo explanado) é um fator de grande importância à objetividade e à síntese no púlpito.”[1]

Vejamos alguns exemplos tirados do Novo Testamento:

Texto: Marcos 10.17-23 Quando Jesus ia saindo, um homem correu em sua direç

Ideia central do texto Apesar da religiosidade, o moço rico retirou-se triste por se

Aplicação equivocada

As pessoas ricas são incapazes de viver com Jesus por não conseguirem repartir.

Conhecer o texto e o ensino de Jesus é um recurso fundamental para se chegar à aplicação adequada. O equívoco aqui está em fechar as portas do Reino para as pessoas abastadas. Jesus não fala de impossibilidade, mas de dificuldade (v. 23): “Como é difícil aos ricos entrar no Reino de Deus!”. Observe o segundo exemplo, agora com um texto de apenas um versículo:

Texto: João 12.26 “Quem me serve precisa seguir-me; e, onde estou, o meu servo

Ideia central do texto Jesus desafiou seus servidores a primeiramente serem discí

Aplicação equivocada

Devemos servir à igreja o máximo que pudermos para sermos honrados por Deus

Servir à igreja é necessário, mas como consequência do compromisso com Jesus. Não é no ativismo eclesiástico que somos abençoados, mas na comunhão com Jesus. O ensino do texto é que o discipulado antecede o serviço. O próximo exemplo vem do livro de Atos.

Texto: Atos 16.25 Por volta da meia-noite, Paulo e Silas estavam orando e cantar

Ideia central do texto Cantando e orando, à meia-noite, na prisão em Filipos, Pau

Aplicação equivocada

Somos desafiados a orar e cantar nas prisões para apresentar Jesus aos encarcerad

O equívoco aí não é dos piores, a mensagem pode até ter uma boa aplicação: despertar nas pessoas o desejo de ir aos presídios para alcançar os detentos para Jesus. No entanto, devemos lembrar que o texto não fala de pessoas visitando presídios, mas de pessoas que, mesmo estando encarceradas, ainda oravam e cantavam hinos a Deus.

DIVAGAÇÕES

Outro fator que requer consideração, a respeito do perigo das curvas sinuosas no púlpito, é a divagação. São as ocasiões quando o pregador parece caminhar sem rumo certo; ele continua falando, mas o conteúdo de sua fala não faz sentido. John Henry Jowett afirma: “Os homens não são profundamente influenciados por pensamentos improvisados. Não são eles transportados pela correnteza da eloquência que não sabe para onde vai”.[2]

O principal responsável pela divagação é a inclusão de material alheio à prédica. A certa altura, o pregador olha para alguém e, ignorando as demais pessoas e o que estava a explanar, passa a conversar com aquele ouvinte. Pode ser uma banalidade, como lembrar o resultado do jogo, o dia em que foram pescar, o encontro que tiveram etc. A partir daí, segue falando alheio a tudo e ignorando a todos, até o ponto de não saber mais o que queria comunicar. Em algumas ocasiões, a digressão parece menos profana; o pregador olha para determinado fiel e diz: “Ah, meu irmão, que bom que seu filho está recuperado”. A menção é ótima, mas a partir dali a comunicação fica de lado, e ele passa a contar detalhes da enfermidade da criança e da visita que lhe fez; o tempo passa e a mensagem se perde. Uma vez que pregar é a tarefa mais importante, o uso do tempo nessa tarefa deve ser também mais preciso. Em que se fixará aquele que divaga enquanto prega?

TEORIZAÇÃO

O conteúdo de uma boa prédica não pode ser reduzido a teorias. A mensagem que pregamos é a narrativa do fato mais maravilhoso da história da humanidade: a Palavra de Deus, que apresenta a condição humana e a iniciativa do imensurável amor do Pai; seu Filho, que deixa a glória, vem até nós e morre para nos dar vida. A mais bela e impressionante história que o mundo conheceu não pode ser tratada teoricamente. “O pregador não está apresentando uma erudita pesquisa de um texto, nem fazendo exibição de seu próprio conhecimento; ele está tratando com almas vivas e deseja comovê-las, conduzindo-as com ele, guiando-as à verdade.”[3]

Alguns pregadores se perdem na apresentação de conceitos que, apesar de aparentemente bem elaborados, dificultam a compreensão, a retenção e o resultado do que anunciam. Em um dos meus pastorados, fiz amizade com um ébrio. Ele passou vários meses ouvindo as prédicas. As mensagens se apresentavam bíblicas, mas certamente lhe faltava a simplicidade necessária para sair do campo da teorização. Um dia, após um dos mais simples sermões que já ouvi, o meu amigo ébrio respondeu positivamente ao convite e entregou sua vida a Jesus.

Pregação não é a simples defesa de uma tese, um aglomerado de conceitos ou a apresentação de um assunto. Deve estar alicerçada na Bíblia, mas deve também mirar sempre as pessoas que a ouvirão. “A pregação não deve ter foco voltado apenas para a Palavra de Deus, mas também para o povo de Deus. Se nos lembrarmos disso, trataremos nossas ovelhas do mesmo modo que tratamos o texto bíblico: com toda diligência, paciência e cuidado.”[4] Pregação é palavra simples: compartilhar a vida alcançada pelo pregador e oferecida pela graça de Deus.

PROLONGAMENTO DESNECESSÁRIO

Por um princípio lógico, tudo o que prolonga o discurso o afasta da brevidade. No capítulo 8, mencionei a falta de habilidade para narrar ilustrações como uma das causas do exagero e excesso: nada prolonga uma pregação tanto quanto uma história mal contada.

— A propósito desses prolongamentos desnecessários, penso nos recursos multimídia que são utilizados por muitos pregadores. Tenho visto alguns pregadores que parecem um tanto perdidos entre o material sobre o qual vão falar e as projeções na tela... O que o senhor acha deles?

A utilização dos recursos visuais constitui também um perigo para tornar o sermão extenso. É preciso cuidado na seleção e na apresentação desse material. Eles devem tornar mais claro o conteúdo da prédica, sem estender o tempo da apresentação. É melhor não utilizar o projetor do que lançar mão desse recurso para projetar todo o seu esboço na tela. Boa prática é a utilização de figuras que chamem a atenção para a verdade a ser comunicada.

O QUE PRECISAMOS FAZER PARA SINTETIZAR SEM PREJUDICAR O CONTEÚDO?

Enquanto elabora a prédica, faça um teste. Seja criterioso. O objetivo é descartar o superficial e priorizar o essencial. Consideremos alguns pontos.

Explanar sem divagar

• Esta explanação me ajuda a chegar, em linha reta, do texto básico ao ouvinte?

• Que prejuízo abreviar ou suprimir esse item traria à compreensão do texto e ao

foco sermônico?

Ilustrar sem se desviar

• Esta ilustração valoriza a fala, ou sua inclusão só interessa a mim?

• Que detalhes desta narrativa podem sem suprimidos?

Aplicar sem forçar

• Esta aplicação visa acomodar a mensagem à vida do ouvinte?

• Qual é a melhor forma de narrá-la com eficácia, brevidade e elegância?

Pregar sem ostentar

• Prego com o objetivo maior de glorificar a Jesus, apresentando sua mensagem?

• Comunico com vocabulário simples, para ser compreendido?

Não podemos nos descuidar da realidade das curvas na estrada: isso deve nos desafiar a seguir com prudência.

---

[1] MORAES, Homilética: do púlpito ao ouvinte, p. 340.

[2] O pregador, sua vida e sua obra, p. 75.

[3] LLOYD-JONES. Apud MORAES, Homilética: do púlpito ao ouvinte, p. 335.

[4] MILCO, Michael. A exegese de sua congregação. In: KOESSLER, Manual de pregação. p 359.

Capítulo 11

As melhores estradas

Os motoristas preferem estradas com mais recursos, menos curvas e melhor sinalização. Desse modo, nada mais natural que o pregador escolha a melhor via para comunicar, com menos palavras e mais objetividade, uma prédica atraente, relevante e desafiadora.

Durante mais de vinte anos residindo no Recife, fui diversas vezes às praias de Porto de Galinhas, uma viagem de 60 quilômetros, com trânsito intenso e a dificuldade de passar dentro de alguns municípios. Recentemente, voltei ali e fiquei surpreso! Uma via expressa nos brindava com uma economia de vários minutos; reduzia vários quilômetros e tornava possível a fluidez do trânsito. Nada melhor do que ser surpreendido por placas de boas-vindas. A experiência dessa viagem me lembrou o púlpito.

— De que modo a experiência dessa viagem o transportou ao púlpito?

— Lembrou-me da alegria sentida quando, na condição de ouvinte, o pregador nos surpreende com o término do sermão! Como é bom não precisar olhar o relógio, na expectativa da conclusão da prédica. Encontrar novas estradas para seguir com os nossos ouvintes é o desafio. Devemos construir pontes e viadutos que nos aproximem de modo mais inteligente das pessoas que nos ouvem, para fazê-las compreender com mais facilidade a verdade que queremos comunicar.

Antes de apresentar uma prédica, devemos decidir o modo em que ela será pregada. O ideal é que se trabalhe a forma expositiva, ainda que isso não

significa necessariamente que toda a apresentação deva assumir esse formato. O material sermônico deve começar a ser trabalhado seguindo os passos e exigências de um sermão expositivo, mas, em determinado momento, é preciso decidir o melhor meio de partilhar esse material e a melhor forma de apresentá-lo.

— Além da prédica expositiva, devemos usar outras formas?

— Devemos utilizar novas formas ao nosso alcance.

Há várias formas sermônicas ao nosso alcance: biográfica — focaliza uma personagem bíblica e trabalha o material sermônico com base nela; segmentada — une palavra e música em uma mesma comunicação; narrativa — dá vida à comunicação seguindo a estrutura do texto; monólogo — personaliza a narrativa para apresentá-la na primeira pessoa; diálogo — destaca duas personagens, apresentando um diálogo ou debate entre elas.

Às vezes, a forma já está definida por um expositivo; mas um bom cardápio oferece o melhor alimento e se preocupa com a variedade. A pergunta é: o que pode determinar a escolha de uma forma sermônica? “Essa definição depende das possibilidades do texto e dos limites da pesquisa; do local e dos ouvintes; da ocasião e do propósito do culto.”[1] Voltemos à nossa pesquisa de João 14.27.

Pesquisa
Texto bíblico: João 14.27 “Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês. Não a
Ideia central do texto Aos discípulos aflitos, Jesus garantiu sua paz inigualável, d
Tese Somente confiando em Jesus temos paz inigualável que nos faz viver sem n
Propósito básico Pastoral

Propósito específico Encorajar os ouvintes a conhecer e receber a paz que só Jesu

Ao terminar de ouvir essa prédica, as pessoas devem conhecer mais sobre a mensagem que o texto encerra. Se, em qualquer forma sermônica utilizada, a verdade bíblica não for exposta de modo claro, não terá valido a pena pregar.

A pesquisa sermônica exibida anteriormente tem três detalhes relevantes: um texto, uma personagem e um assunto. A particularização desses detalhes nos ajuda a seguir pensando em novas formas sermônicas.

— O senhor mencionou cinco diferentes formas sermônicas além da expositiva: biográfica, segmentada, narrativa, monólogo e diálogo. Estou querendo saber se, com base nessa pesquisa em João 14.27, podemos optar por uma das cinco formas e manter o selo de qualidade da biblicidade.

— Deixe-me falar um pouco sobre cada uma delas.

SEGUINDO O MODELO BIOGRÁFICO

A elaboração de uma prédica biográfica terá como base a vida de Jesus, destacando o assunto proposto: paz. Naturalmente, não será só a exposição de um texto, mas continuará uma prédica bíblica sobre Jesus e a paz que ele oferece. A identificação de textos bíblicos relacionados à personagem e ao assunto ajudará no desenvolvimento da mensagem. Os principais textos sobre paz estão no Novo Testamento. No livro de Isaías (especialmente nos cap. 9, 53, 54 e 60) também há textos que podem ser utilizados, em um modelo biográfico sobre Jesus, destacando o foco da paz.[2] Para essa pesquisa, utilizamos textos dos Evangelhos e do livro de Atos.

Nas cartas de Paulo e nas epístolas gerais, há várias passagens pertinentes a essa pesquisa. Depois de agrupados, os versículos serão estudados e utilizados à medida que se tornarem necessários para compor a narrativa. A ênfase maior nesse formato é na personagem. Por essa razão, provavelmente os elementos da pesquisa como ICT (ideia central do texto), TESE e PE (propósito específico) recebam nova redação. No caso dos tópicos, precisamos considerar que, mesmo a pesquisa não tendo mais um único texto para lhes servir de base, ainda assim não se trata de um modelo temático, uma vez que a ênfase não se origina do assunto, mas da personagem: os principais textos que norteiam a história da personagem se tornaram determinantes. “Quanto mais conhecimento da personagem adquirimos, tanto mais motivação temos para seguir e utilizar essa história de vida na pregação.”[3]

LANÇANDO MÃO DA FORMA SEGMENTADA

Desde os anos 1980, prego sermões segmentados e compartilho essa possibilidade com os alunos, especialmente nas classes de pós-graduação e mestrado. Trabalhar palavras e músicas como parte de um todo é uma boa experiência; é um meio de atrair a atenção e transformar simples ouvintes em participantes. O método é simples e exige do pregador conhecimento de hinos e cânticos entoados na igreja.[4] Podemos pregar desde um expositivo segmentado até um monólogo ou diálogo segmentado. Que tal segmentarmos a nossa pesquisa em João 14.27, sobre a paz?

Texto bíblico: João 14.27	“Deixo a paz a vocês; a minha paz do
Introdução	De que modo a paz é uma realidade n
Frase de transição para o cântico	É isso que nos dá condições de cantar
Cântico: Esta paz que sinto em minh’alma	Esta paz que sinto em minh’alma não

A conexão entre as palavras e a música deve ser completa. Esse princípio é básico para garantir a unidade. O cântico Esta paz que sinto em minh'alma uniu a introdução ao primeiro tópico: a música é bastante conhecida e tem sua letra ligada ao conteúdo comunicado. Vejamos a próxima fase.[5]

Transição após o cântico	Essa alegria que nos
1o tópico	Inigualável em sua c
Transição para o cântico	Jesus cumpre suas pr
Hino 327, HCC: Se teu coração estiver em paz (1a estrofe)	Vindo sombras escur

As palavras do pregador começam e terminam com uma frase de transição: a primeira depois de entoada a primeira música. A sugestão objetiva liga o cântico ao conteúdo do primeiro tópico. A seguir, vem a segunda frase de transição, encerrando o tópico e preparando para o hino a ser cantado, 327 do Hinário para o culto cristão. A prédica prossegue com o segundo segmento:

Frase de transição	Só mesmo a paz de Jesus p
2o tópico	Inigualável em sua distinçã
Transição para o cântico	Vivenciamos a inigualável
Hino 202, HCC: Ele é meu e teu Senhor (3a estrofe)	Como é bom caminhar nest

A frase de transição aqui aparece já para finalizar essa etapa, com o objetivo de inserir a música na unidade. O hino sugerido não é tão conhecido quanto as sugestões anteriores. Você pode desistir da indicação e encontrar outra música mais conhecida do seu povo; pode manter a sugestão e achar alguém para cantá-la; pode antecipadamente ensinar o povo a cantar a música ou simplesmente suprimir juntando esse bloco e o próximo.

Passemos ao próximo bloco, que é o último nessa mensagem.

Transição após o cântico	Jesus é Senhor. Devemos nos aproximar de
3o tópico	A paz de Jesus é um novo estilo de vida; pa
Conclusão	O que nos cabe fazer? Horatio Spafford foi
Hino 329, HCC: Sou feliz com Jesus	Se paz a mais doce eu puder desfrutar, se d

Não foi necessário utilizar uma frase de transição entre a ilustração final e o hino por ser a ilustração a história do hino. Após o cântico dessa primeira estrofe, o pregador pode fazer um convite evangelístico ou pastoral, dando oportunidade às pessoas de confessar Jesus como Senhor ou fortalecer a fé nele. Sermões segmentados constituem um excelente recurso nesta época de praticidade e pressa. Mesmo que o tempo no púlpito seja maior que em outras formas sermônicas, a ordem do culto pode ser abreviada, uma vez que a prédica será de palavra e música.

ADOTANDO A LINHA NARRATIVA

A prédica narrativa dispensa a preocupação com os tópicos, mas não deve ser vista como fuga para nos livrarmos das divisões. Os pregadores bíblicos, no Antigo e Novo Testamentos, lançaram mão de narrativas em sua pregação. Na qualidade de pregadores da Palavra, devemos aprender a contar histórias com arte e vida: “Quando contamos histórias, criamos imagens que servem não apenas para entrar no mundo significativo do ouvinte, mas, de igual modo, para oferecer respostas às mais variadas questões”.[6]

Alguns passos que nos ajudam na utilização da forma narrativa: apresentar a ideia inicial (falar da paz que só Jesus pode oferecer e ler o texto bíblico, João 14.27); firmar-se na tese (somente em Jesus temos paz inigualável que nos faz viver sem medo); estabelecer um propósito específico (encorajar os ouvintes a conhecer e receber a paz que só Jesus oferece); e firmar o título (Paz, inigualável paz!).

A narrativa deve considerar que os elementos mencionados são basilares para uma comunicação objetiva que nos possibilita comunicar mais em menos palavras. Deve considerar também a riqueza do contexto histórico: as palavras de despedida de Jesus, preparando os discípulos para enfrentar o momento

angustiante, quando ele seria condenado e crucificado.

A mensagem pode começar focalizando a tristeza das despedidas e a dor da separação. A partir dessa mistura de situação real com a realidade do contexto, a verdade do texto é facilmente inserida — lembrando que, quanto mais vida, expressão e veracidade, maior será o alcance.

A preocupação com tópicos desaparece; mas é necessário encontrar o melhor na arte de narrar o conteúdo, colocando-o diante dos ouvintes, com base sólida no texto e com o firme objetivo de apresentar os desafios propostos, alcançando o PE (propósito específico). A sugestão, na maioria das vezes, é seguir a própria narrativa do texto.

Enquanto elabora e prega o sermão narrativo, faça perguntas que possam ser respondidas pelo texto e seu contexto. Nesta pesquisa, por exemplo: por que Jesus tratou desse assunto naquela ocasião? O que ele quis dizer ao afirmar que oferecia sua paz? Em que a paz dele era diferente da paz oferecida pelo mundo? Até que ponto essa realidade fortalece a nossa fé?

Estude o máximo possível suas anotações, procurando internalizar a verdade principal e os desafios. Quanto mais os ouvintes sentirem que a história faz parte da sua vida, mais força e alcance a sua prédica terá; experiências de segunda mão não causam o mesmo impacto.

APRESENTANDO UM MONÓLOGO

O sermão narrativo e o monólogo têm em comum o fato de o pregador ser um contador de histórias em ambos; a diferença é que, no primeiro, o pregador narra

a história de alguém e, no segundo, fala como se estivesse contando sua própria história. Transpondo o tempo e o espaço, o pregador (apresentador) fala na primeira pessoa, como se fosse realmente o protagonista da história que narra. O método é uma mescla de pregação e drama, unindo às vezes a veracidade dos fatos com a criatividade do pregador: “Mesmo sendo o monólogo uma forma literária que permite aliar realidade e ficção, a parte ficcional em um monólogo bíblico não pode invadir o espaço da veracidade — assim, a qualidade é mantida”.[7] A linha entre a veracidade e a ficção deve ser tratada com sabedoria: não importa a forma utilizada, a pregação tem um selo de qualidade definido: é o relato do Deus que deixou sua glória e veio a este mundo para dar a própria vida por nós.

Quando um monólogo é apresentado no púlpito, uma linha ficcional aparece bem clara: alguém se apresenta como personagem principal da história, falando como se estivesse vivendo na atualidade — o conteúdo da mensagem é real, mas o tempo em que a personagem fala é ficcional. Neste sentido, é preciso haver cuidado especial na construção do discurso a ser transmitido. O escritor pode e deve criar; no entanto, todo processo criativo deve ser responsável.[8]

Para elaborar um monólogo nesse texto, minha opção seria fazer João contar o momento vivido no qual Jesus proferiu as palavras mencionadas em João 14.27. Sendo a narrativa bíblica joanina, não seria difícil seguir essa linha. Tenho dificuldade de apresentar um monólogo com o pregador se apresentando como Jesus.

EXPERIMENTANDO UM DIÁLOGO

O diálogo segue as mesmas orientações do monólogo, mas é apresentado por dois pregadores, numa representação teatral. No caso específico de João 14.7, eu não vejo o diálogo — nem mesmo o monólogo — como a melhor forma de apresentação.

— Mas o senhor prepararia um sermão em diálogo nesse texto, ou desaconselharia completamente?

— Os textos bíblicos mais convidativos para o diálogo no púlpito são preferencialmente os que apresentam personagens já em diálogo: Jetro e Moisés (Êxodo 18.13-27); Davi e Abisai, (2Samuel 16.5-14); Jó e um dos amigos que foram visitá-lo; e tantos outros.

Partindo daí, ampliou sua explicação...

Sobre a utilização de novas formas sermônicas e o sábio uso do tempo no púlpito, devemos considerar:

• Nenhuma razão justifica uma biblicidade fraca. Formas sermônicas não alimentam: somos alimentados pela Palavra (2Timóteo 2.15).

• Novas formas são um recurso a ser utilizado esporadicamente: pregar um sermão segmentado a cada trimestre, um monólogo ou diálogo uma ou duas vezes por ano. A forma por excelência é a expositiva.

• Há mais facilidade em pregar um monólogo ou diálogo na igreja onde o pregador é o pastor. E é necessário informar ao povo que se trata de pregação e drama.

A utilização de uma nova forma sermônica não deve significar abertura para pregar sermões quilométricos. No sermão segmentado, de acordo com o que tenho mencionado, o pregador pode gastar um pouco mais de tempo em razão das músicas nele inseridas.

[1] Moraes, Homilética: do ouvinte à prática, p. 169.

[2] O auxílio de uma concordância ou chave bíblica facilita a tarefa. Obviamente, cada versículo escolhido precisa ser estudado à luz de seu contexto, para aferirmos a conexão entre ele e a personagem.

[3] MORAES, Homilética: do ouvinte à prática, p. 189.

[4] Conceitos e exemplos de sermões segmentados. In: MORAES, Púlpito: pregação e música.

[5] Disponível em: <https://www.letras.mus.br/igreja-crista-maranata/esta-paz-que-sinto-em-minhalma/>. Acesso em: 21 ago. 2019.

[6] MORAES, Homilética: do púlpito ao ouvinte, p. 227.

[7] MORAES, Restaurado por Jesus, p. 9.

[8] Ibidem.

Capítulo 12

A missão será cumprida

A brevidade só tem sentido quando pregadores falam pouco porque sabem que a pregação só se efetiva com ouvintes atentos: e eles atentam às prédicas capazes de dizer muito em poucas palavras que, de tão precisas, são também valiosas.

Quem viaja a negócios, tem sempre uma missão a cumprir. Gosto de pensar na responsabilidade das pessoas que trabalham na entrega. As pessoas enviam encomendas com a promessa de que serão entregues sem atraso. Assim é também com o pregador. Quando comunicamos, temos uma missão a cumprir: uma entrega a ser feita com hora marcada.

— O senhor fala em "hora marcada", mas, às vezes, a hora marcada é só para começar, nunca para terminar...

— Infelizmente, tem sido assim: nem sempre há um tempo certo para terminar. Mas o pregador sabe que precisa "entregar o recado", cumprir a missão que lhe foi confiada. E os ouvintes estão prontos, à espera do amém final.

O DESAFIO DE APROVEITAR O TEMPO

A brevidade na pregação nem sempre tem sido considerada uma virtude. Muitas vezes, é rejeitada por algumas pessoas que a veem como sinônimo de trabalho

negligente, apressado e incompleto. Tanto que Prócoro Velasques Filho, mencionando as marcas que, segundo a tradição evangélica, fazem a boa prédica, afirmou: “Um bom sermão não deve ser muito breve. Deve durar entre trinta e cinquenta minutos. Uma duração menor é interpretada como falta de entusiasmo, de preparo ou de convicção por parte do pregador, o que pode lhe custar caro”.[1] Precisamos considerar que essa afirmação de Velasques Filho foi feita há vinte e cinco anos,[2] e esse quarto de século marca a época de maior avanço na comunicação: as pessoas hoje não têm condições de ficar diante de um pregador por tanto tempo, a não ser em ocasiões especiais e tratando-se de um comunicador excepcional.

Algumas pessoas querem enquadrar quem prega sermões breves com quem serve relaxadamente (Jeremias 48.10a). A maldição, no entanto, não deve recair sobre quem prega menos, mas sobre os pregadores que pregam mais por haver se preparado menos.

A fábula de Esopo “A tartaruga e a lebre” conta de uma aposta entre as duas personagens. A lebre, sendo muito mais ligeira, distancia-se velozmente: por mais que a tartaruga se esforce para avançar vagorosamente, a distância entre elas é grande. Tão grande que a lebre, convencida de que jamais seria vencida pela tartaruga, resolve tirar uma soneca; deita-se e dorme tanto que a tartaruga consegue ultrapassá-la. Quando a lebre acorda e cruza a linha de chegada, é surpreendida ao ver que a tartaruga chegara antes e ganhara a corrida. Poscente, lançando mão dessa fábula, extrai algumas lições importantes: a lebre não perde por ser mais rápida, e a tartaruga não vence por sua lentidão. A lebre perde pela irresponsabilidade e arrogância de contar vitória antes do final da corrida; e a tartaruga vence pela sua persistência, não se abatendo com as improbabilidades que a ameaçavam; vence pelo seu esforço e por não se desviar do foco.[3] As lições de Poscente nos fazem pensar na batalha: brevidade versus lentidão na comunicação sacra.

• Um sermão não será melhor simplesmente por ser longo. Da mesma forma, não terá mais qualidade unicamente por ser breve.

• Se pela brevidade o pregador não conquistar o auditório, muito menos o conquistará pela abundância de palavras.

• A lebre, ao desviar-se do alvo, perdeu a corrida; o orador que se desvia do foco perde o troféu da atenção dos ouvintes.

• Enquanto na fábula a lebre perdeu por dormir, o pregador perde por embalar o sono dos ouvintes.

• O pregador somente cumpre seu papel ao persistir em sua missão de comunicador.

• O desafio no púlpito é unir profundidade a uma comunicação atraente, que resulte em qualidade, sem desperdício de tempo.

• A lebre deitou-se e dormiu em meio à disputa; não dá para dormir em meio ao labor sermônico: precisamos cumprir nossa missão.

A GRANDE PERGUNTA — O QUE FAZER?

Comunicar a Palavra é a mais árdua e exigente tarefa no ministério pastoral. Nesse sentido, Wayne McDill afirma ser a comunicação oral a mais importante responsabilidade para o pastor, a que requer mais tempo e atenção.[4] Qualquer pregador, antes da utilização de princípios e técnicas capazes de tornar suas prédicas mais sintéticas, precisa primeiramente reconhecer a importância da brevidade do discurso. E esse processo passa por três estágios:

• A convicção de que falamos em nome de Deus e que esse é o mais glorioso trabalho que o ser humano pode realizar. Tal sentimento nos motiva a buscar o melhor preparo.

• A cautela de reconhecer que a capacidade de atenção é limitada; dificilmente as pessoas continuam atentas por mais de quinze a vinte minutos. Uma vez que precisamos da atenção delas todo o tempo, nada mais sensato que parar de falar

enquanto elas ainda são capazes de escutar.

• A sabedoria de perceber que menos tempo no púlpito requer mais tempo no gabinete: menos tempo na apresentação, mais tempo na elaboração.

David Fetzer, ao apresentar sugestões para não entediar os ouvintes, menciona algumas informações resultantes de um estudo feito pelos consultores Thom e Joani Schultz com frequentadores das igrejas:

• Apenas 12% deles dizem lembrar-se da mensagem.

• Quase nove entre dez (87%) afirmam que seus pensamentos divagam durante o sermão.

• Uma entre três pessoas que frequentam alguma igreja (35%) afirma que os sermões são muito longos.

• 11% das mulheres e 5% dos homens consideram o sermão sua principal fonte de conhecimento de Deus.[5]

A maior necessidade da pregação hoje é de pregadores comprometidos com a Bíblia. A erudição é importante, mas só tem validade no púlpito se acompanhada da piedade. A sabedoria sem misericórdia é vazia.

Os fiéis não reclamam somente de sermões longos; eles não suportam sermões áridos, procedentes do que pretende ser a sabedoria do pregador. Chega de sermões vazios que falam de autoajuda, mas são incapazes de partilhar a ajuda do alto; sermões que produzem barulho, mas não têm o alcance de chegar ao mais íntimo das pessoas que precisam de Jesus.

A missão será cumprida, não importa a extensão do sermão. Isso é secundário. O cumprimento dessa tarefa depende da fidelidade do pregador.

PARA QUE PREGAMOS?

Enquanto nos doamos ao ministério da Palavra, deparamos com essa indagação. A mensagem é do Senhor, mas é proclamada por um ser humano. À semelhança de Jeremias, às vezes ficamos desolados e questionamos o nosso labor: “SENHOR, tu me enganaste, e eu fui enganado; foste mais forte do que eu e prevaleceste. Sou ridicularizado o dia inteiro; todos zombam de mim” (Jeremias 20.7).

A dor do profeta era tamanha que ele chegou a pensar em se calar. “Mas quando digo: Não quero ser mensageiro do Senhor e não falarei mais do seu nome”[6], ou:

“Mas se digo: Esqueça, não vou mais falar nada que venha do Eterno! As palavras queimam como um fogo no meu coração, incendeiam meus ossos. Estou exausto, tentando segurá-las dentro de mim. Já não aguento mais”.[7-8]

A pregação autêntica exerce impacto na vida do pregador. A convicção do profeta, apesar da desilusão, firmava-se na certeza da presença do Senhor: “Mas o SENHOR está comigo, como um forte guerreiro! Portanto, aqueles que me perseguem tropeçarão e não prevalecerão” (Jeremias 20.11).

Só mesmo a fé no Eterno nos dá forças para continuar a pregar, mesmo em tempos difíceis. É a fé nele que nos faz compreender a grandiosidade da tarefa e realça o valor do trabalho que realizamos.

Pregar é algo que nos faz temer e tremer. Joseph Stowell declara: “A boa

pregação consiste na arte de glorificar a Deus ao transmitir a palavra dele ao seu povo de maneira que lhes fale no exato lugar em que se encontram naquele momento e os conduza ao lugar para onde Deus quer levá-los”.[9] O cumprimento da missão independe do comprimento do sermão. Não se trata de dimensão, mas de grandeza! A boa prédica não é medida pela extensão, mas pela profundidade.

O QUE REALIZA O PREGADOR?

O fato de sermos porta-vozes do Altíssimo é a maior realização. Apesar disso, encontramos ex-pregadores, pessoas que, mesmo havendo falado que Deus as chamou a pregar, terminam distantes do púlpito. O que nos dá realização é poder colocar-nos diante dos ouvintes, falando-lhes em nome do Eterno. Pode haver maior privilégio? As palavras que lhes comunicamos são verdade e vida, a fim de apresentar a chance de uma completa mudança comportamental.

Precisamos considerar que o ministério da pregação é exigente. Nunca é demais repetir que não falamos de nós mesmos; buscamos comunicar as palavras que Deus põe nos nossos lábios. Isso ele prometeu a Moisés quando o chamou a pregar: “[Eu] estarei com você, ensinando-lhe o que dizer” (Êxodo 4.12). Estar diante dos ouvintes é importante e indispensável para o cumprimento da nossa missão, mas só é possível estar com eles quando primeiramente vivemos com aquele que nos tem chamado a pregar.

A mensagem que mais penetra não é a que tem mais palavras, mas a que tem mais da Palavra. É o conteúdo da prédica que faz a diferença! Não é no volume que está seu diferencial: ela é singular por ser um discurso que não é nosso, como pregadores, mas daquele que nos chama a pregar. O pregador autêntico pede a Deus e faz a parte que lhe cabe para conduzir pessoas ao arrependimento.

A palavra que pregamos é única, e a melhor aferição de sua validade está na

capacidade de transformar vidas. Sentimo-nos realizados ao participar desse projeto salvífico de Deus. “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que creem por meio da loucura da pregação.” (1Coríntios 1.21.)

O pregador cumpre sua missão diante do Senhor ao envidar o melhor de seus esforços para que a mensagem não somente alcance corações, mas fique gravada e produza resultados.

---

[1] Apud MORAES, Homilética: do púlpito ao ouvinte, p. 350.

[2] Introdução ao protestantismo no Brasil, 1990.

[3] A era da velocidade, p. 35.

[4] The Moment of Truth, p. 58.

[5] Agora, transmita a mensagem! In: KOESSLER, Manual de pregação, p. 371.

[6] Tradução Interconfessional.

[7] A Mensagem.

[8] MORAES, Auxílio homilético, proclamar libertação, p. 220.

[9] Apud MORAES, Homilética: do ouvinte à prática, p. 240.

Capítulo 13

Freando no tempo certo

Os freios precisam ser utilizados em tempo hábil para que a viagem não se torne insuportável. No púlpito, é melhor que o pregador finalize a mensagem antes que os ouvintes percam a capacidade de ouvi-la.

Estávamos prontos para aterrissar. O voo havia transcorrido sem turbulências nem sustos. Os procedimentos de descida pareciam os mais naturais. A aeronave aos poucos preparava-se para pousar. De onde estávamos, até já podíamos ver a pista. Apesar de tudo, quando pensávamos que logo o avião pousaria, fomos surpreendidos pelo movimento contrário. Utilizando toda a potência, o piloto arremeteu e subiu velozmente em direção às nuvens. O susto foi geral.

— E o que isso ensinou ao senhor sobre pregação?

— Lembrou-me de que, assim como nas viagens aéreas, o final da prédica não deve ser brusco. O orador precisa se manter na rota da objetividade. Não deve parecer perdido; suas palavras devem ter rumo e sentido; não dar voltas sem fim e não assustar os ouvintes.

A conclusão é a parte na qual os pregadores têm mais dificuldade. Se o orador não tiver cuidado, acabará perdido. Você não pode ficar atrapalhado, sem saber terminar sua fala. Manlio Sodi lembra que temos de desvincular o vocábulo “prédica” de “coisa longa” e enfadonha.

“Num período cultural em que a brevidade e o imediato são elementos constantes, também o âmbito da pregação não pode deixar de levar isso em consideração, sobretudo para não violentar a paciência do fiel.”[1]

Parafraseando o apóstolo Paulo, podemos afirmar:

O pregador que insiste em falar quando os ouvintes perderam a capacidade de escutar é como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ele pode ter o dom da proclamação, saber todos os mistérios e possuir todo o conhecimento, e ter uma fé capaz de mover montanhas, mas, se não for capaz de parar antes de perder a atenção de seus ouvintes, nada será [...]. (Paráfrase de 1Coríntios 13)[2]

A IMPORTÂNCIA DA CONCISÃO

A síntese, importante em todas as partes da prédica, não deve ser negligenciada na conclusão. A parcela de tempo ideal para essa parte, como já foi mencionado, não deve ultrapassar 10% do tempo total despendido.

1.1. Revisar sem martelar

Um recurso bastante utilizado é trabalhar um sumário. Apesar de ser um dos modelos mais utilizados, seu emprego requer cuidado para não se transformar em maçante repetição do que já foi apresentado. Utilizando esse método, podemos mencionar os tópicos e enfatizar a lição maior para que o PE (propósito específico) seja alcançado.

2.2. Ilustrar sem perambular

Sabemos que as ilustrações devem ser precisas e preciosas. Algumas conclusões se tornam enfadonhas porque o pregador tanto se empolga na ilustração que finda fugindo do assunto. Exibem o superficial com exagero de detalhes e ocultam o essencial. Qualquer ilustração utilizada na conclusão deve ser breve e capaz de tornar mais claro o foco e, de modo especial, o PE (propósito específico).

3.3. Repetir sem agredir

A repetição tem sentido quando é utilizada de modo didático. O pregador espera com ela tornar ainda mais enfático o foco de sua prédica. Mas o abuso de repetição para adolescentes, jovens e adultos soa como agressão. Pessoas inteligentes não querem perder tempo ouvindo os mesmos argumentos.

4.4. Embelezar sem alongar

Lançar mão da linguagem poética não significa apresentar uma longa poesia por mais bela e adequada que seja. Às vezes, o que desejamos destacar não requer a leitura do poema como um todo. Ao pregar sobre o papel da mãe na sociedade, um recurso pode ser a apresentação do poema “Dia das Mães”, de Giuseppe Ghiaroni,[3] com 482 palavras, em 12 estrofes. Isso acrescentaria alguns minutos à prédica; no entanto, dependendo do PE (propósito específico), você poderia reduzir sua leitura à última estrofe, com 41 palavras, e baixar a menos de 10% o seu tempo de apresentação. O material a ser utilizado pode ser reduzido às três últimas linhas, com 22 palavras:

Por mais que o homem seja um mesquinho,

enquanto a mãe cantar junto a um bercinho,

cantará a esperança para o mundo!

A utilidade da síntese vai até o ponto em que a concisão não prejudica o propósito da prédica. Nesse caso, as 22 palavras preservadas expressam bem o desafio de realçar o papel da mãe na sociedade. Quanto mais o pregador tem facilidade de alongar, mais o ouvinte tem dificuldade de se concentrar.

5.5. Esclarecer sem estender

No púlpito, a elucidação deve estar presente: esse é um dos pré-requisitos para a boa comunicação. Pregar é começar com a explanação, explicar na sequência e concluir com as últimas pinceladas para tornar ainda mais claro o assunto apresentado. Apesar disso, nenhum pregador, em nome dessa necessidade, deve alongar sua apresentação. Às vezes, já na conclusão, o orador traz um material que claramente foi extraído de outro sermão. O texto, o assunto ou a personagem é o mesmo, mas o foco é diferente. E ele entra com novos argumentos. Com o intuito de esclarecer, obscurece, dificulta a compreensão, quebra a linha reta até a aplicação e estende o tempo de sua fala.

6.6. Aplicar sem ampliar

Temos visto que a aplicação nos dias de hoje deve acontecer ao longo de todo o sermão. Ainda assim, não podemos nos descuidar de que a conclusão seja o lugar da aplicação final. O cuidado é trabalhar a aplicação de tal modo que não

torne o sermão longo e cansativo. Os desafios devem ser enfatizados de maneira que os ouvintes fiquem convictos da diferença que produzirão se os aceitar.

Imagine que você esteja finalizando a sua prédica, com o foco na COMUNHÃO COM DEUS (Mateus 26.36-46). A tese foi: Em comunhão, na solidão e em oração, devemos nos dispor a fazer a vontade de Deus. Depois de explanar, ilustrar e aplicar, chegou o momento de finalizar. O melhor em explanação e ilustração já foi exposto. Você decidiu lançar mão de algumas indagações para trazer o desafio da mensagem à vida de cada ouvinte. A mensagem caminha para o final:

Qual é o plano de Deus para a minha vida? Qual é o plano de Deus para a sua vida? Qual é a diferença entre o plano de Deus e os nossos planos? Qual é a distância entre a vontade de Deus e a minha vontade?

O desafio é adotar a vontade de Deus como estilo de vida; buscar conhecer o plano dele para nós, conhecer a diferença entre o que ele nos indica e o que nós queremos. O desafio é seguir sempre a vontade dele.

Alguns pregadores, depois de trabalhar a aplicação, cedem à tentação de inserir uma ilustração. Contam os detalhes de alguém que desobedeceu ou obedeceu e das consequências advindas. Mas, depois de uma aplicação final clara e objetiva, não há por que alongar; o máximo a apresentar será um desfecho.

Aprendamos com Jesus: aproveitemos a comunhão, atravessemos a solidão e vivamos em oração para fazer a vontade de Deus. Só assim poderemos dizer: “Seja feita a tua vontade, Senhor!”.

7.7. Terminar sem acrescentar

Toda exposição já foi oferecida, a tese foi defendida, agora é tempo de terminar, não há mais nada a adicionar. Às vezes, alguns pregadores perguntam: “E se o Espírito Santo me disser que eu devo acrescentar?”. Isso pode até acontecer; todavia, quanto mais buscarmos a direção divina no gabinete, menos surpresas teremos no púlpito. O Deus Eterno que nos assiste enquanto comunicamos a prédica é quem nos orienta quando a elaboramos. Jerry Key afirma: “A conclusão deve ser breve e proporcional. O pregador nunca deve ser exagerado na conclusão”.[4] Ele lembra que “no Sermão do Monte a conclusão ocupa apenas quatro dos 104 versículos (v. Mateus 7.24-27)”.[5]

8.8. Apelar sem amolar

Há sermões que se tornam longos pela abundância do apelo. Quando a prédica é relevante, o melhor que o pregador tem a fazer, além de convidar os ouvintes a receber a verdade proclamada, é concluir. Não adianta forçar o ouvinte a decidir; o compromisso é pessoal e intransferível. Nós somos simples instrumentos. É o Espírito Santo quem convence (João 16.8).

Precisamos considerar que não é o apelo mais extenso o mais eficaz. Pedro pregou no Pentecoste e, antes de terminar, as pessoas já estavam prontas para tomar uma decisão. Não podemos nos esquecer de que ele tinha um alvo definido.

O fato de ter um propósito firme possibilitou Pedro a pregar com objetividade. Ele não perdeu tempo com rodeios, sua comunicação caminhou em linha reta [...]. Ele quis com a sua palavra não apenas que os seus ouvintes fossem informados sobre Jesus, mas vê-los transformados pelo poder de Jesus.[6]

Sabemos o resultado: diante da verdade apresentada, o povo reagiu: “Irmãos, que faremos?”(Atos 2.37). Antes que houvesse qualquer convite para que as pessoas firmassem um compromisso com Jesus, elas estavam interessadas em saber o que fazer. A prédica foi tão convincente que não deixou dúvida de que Jesus era o Filho de Deus. O que o pregador fez foi responder à indagação dos ouvintes: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo” (Atos 2.38). Só a partir daí, Pedro entrou mais no apelo:

“Com muitas outras palavras os advertia e insistia com eles: ‘Salvem-se desta geração corrompida!’ Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas” (Atos 2.40,41).

Para fortalecer sua opção preferencial por sermões mais longos, Paulo insistiu:

— Qual sermão que mais fica gravado na mente do ouvinte? — perguntou e logo respondeu:

— Penso que seja o mais longo. Quanto mais conteúdo, mais lições, mais retenção. Não é mesmo?

O velho pastor respondeu lembrando um relato histórico.

DISCURSO BREVE OU LONGO?

Um dos maiores exemplos da importância da síntese que a história registra é o famoso discurso de Lincoln em Gettysburg. Aquela localidade havia sido palco de uma das mais duras batalhas da Guerra Civil Americana. Naquele dia, no cemitério, em homenagem aos heróis, falou, por mais de duas horas, o grande orador Edward Everett. Depois, Lincoln apresentou, em menos de dez minutos, sua profunda mensagem.[7] Hoje, quase ninguém mais menciona o longo discurso de Everett; entretanto, o breve discurso de Lincoln tornou-se inesquecível.

Outro registro histórico tem a ver com William Harrison. Ele fez o mais longo discurso de posse na presidência dos Estados Unidos para o mandato mais curto da História: morreu um mês depois de ser empossado.[8] Obviamente, a pneumonia que o abateu não tem a ver com os excessos de seu discurso.

Antes de se despedirem, o velho pastor Êutico apresentou algumas razões que tornam a prédica enfadonha, utilizando as experiências de pregadores e ouvintes sobre estes assuntos.[9]

O QUE FAZ A PRÉDICA TORNAR-SE EXTENSA DEMAIS?

Proponho recordar aqui as ideias que vimos traçando ao longo do livro, para que o leitor as tenha à mão:

• Apego à tradição de sermões longos.

• Comunicação dissociada da realidade.

• Desconhecimento do texto.

• Fuga do propósito a ser alcançado.

• Desconsideração ao tempo do ouvinte.

• Dissonância entre a mensagem do texto e a ideia.

• Entrave na comunicação: o pregador perdido entre o texto e o foco.

• Falta de clareza e objetividade.

• A comunicação não segue em linha reta.

• Falta de habilidade na utilização de recursos audiovisuais.

• Inadequação da comunicação à realidade dos ouvintes.

• Inserção de informações desnecessárias: detalhes alheios ao texto.

• Interpretação equivocada do texto básico.

• Repetições desnecessárias: o pregador fala muito.

• Utilização de vocabulário elevado que requer o uso de sinônimos.

O QUE FAZ A PRÉDICA TORNAR-SE ENFADONHA?

• Apatia: nada atraente acontece e o interesse do ouvinte desaparece.

• Ausência de base bíblica: a palavra é do pregador, não do Senhor.

• Autodeificação do pregador: ele apresenta suas glórias pessoais.

• Carência da centralidade em Cristo: o poder de Jesus não é apresentado.

• Comportamento impróprio: o orador fala mal de pessoas e instituições.

• Desarrumação: a prédica sem começo, meio e fim.

• Desperdício: o tempo é gasto com assuntos alheios ao texto bíblico.

• Descumprimento de missão: o orador não se interessa por transformação.

• Discrepância entre discurso e práxis: a vida não condiz com as palavras.

• Distanciamento: as palavras estão dissociadas da realidade dos ouvintes.

• Divergência: os argumentos do pregador divergem do que diz a Bíblia.

• Incapacidade de frear — o orador já disse tudo, mas continua a falar.

• Irresponsabilidade: o pregador apresenta pouco ou nenhum conteúdo.

• Irreverência: o orador sabe fazer graça, mas sua prédica não tem graça.

• Insensibilidade: sem identificação, o orador segue alheio e distante.

• Pane no púlpito: o orador não sabe de onde saiu, nem aonde chegará.

• Promessa quebrada: o orador diz que vai parar, mas segue sem acabar.

• Rebeldia: a mensagem termina, e o pregador começa a inventar histórias.

• Excessos no falar por causa de divagações: o orador fala em círculos intermináveis.

Enquanto ouvia, Paulo fazia anotações no seu tablet. Quando o último fator causador dos excessos na prédica foi apresentado, ele olhou para o velho colega e fez uma inesperada revelação:

— Não lhe falei nada, mas, nos últimos domingos, desde que começamos a conversar, tenho diminuído gradativamente o tempo de duração dos meus sermões.

— Fico feliz — reagiu o pastor Êutico.

O jovem pastor respondeu: — Não vale a pena seguir por uma estrada obsoleta simplesmente porque os meus antepassados viajaram por ela; há estradas mais diretas e mais confortáveis; por elas viajarei.

Vale a pena refletir nas palavras de Paulo Baxter: “Um sermão curto e ruim é imperdoável. Um sermão longo e ruim é imperdoável. Um sermão longo e bom é perdoável. [...] Um sermão curto e bom é memorável (levante-se, fale e cale-se)”.[10]

---

[1] Tempo dedicado à pregação hoje. In: SODI, M. Dicionário de homilética, p. 1635.

[2] MORAES, O clamor da igreja, p. 150.

[3] Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gghiar07.html>. Acesso em: 21 ago. 2019.

[4] O preparo e a pregação do sermão, p. 209.

[5] Ibidem.

[6] MORAES, Jilton. Pedro: o pregador (trabalho inédito, digitalizado).

[7] SODRÉ. Apud MORAES, Homilética: do púlpito ao ouvinte, p. 337.

[8] Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/William_Henry_Harrison>. Acesso em: 21 ago. 2019.

[9] Registro minha palavra de gratidão aos respondentes que participaram desta pesquisa.

[10] BAXTER, Paulo, Ten Commandments of Preaching. Apud BENNETT, Thirty Minutes to Raise the Dead, p. 183.

Conclusão

Pregação é a suprema arte inacabada e sempre pode ser aprimorada [...]. Ao pregar, nunca temos a sensação que terminamos de fato.[1]

A questão crucial para a qual não é fácil formular resposta é: Quanto tempo deve durar um sermão? No livro Homilética: do púlpito ao ouvinte , menciono o pensamento de Broadus: “Há assuntos que podem ser muito interessantes e instrutivos por uns vinte minutos, mas para ocupar 30 ou 40 seria necessário introduzir matéria realmente estranha”. [2] Se há quase cento e cinquenta anos [3] já havia impaciência dos ouvintes diante de sermões e cultos longos, o que podemos esperar em pleno século XXI? Broadus falou que o tempo médio ideal para a duração de sermões nas cidades deve ser de vinte e cinco a trinta e cinco minutos, sendo sua preferência a marca dos vinte e cinco minutos.

No trato desse assunto, Blackwood declarou: “Os ouvintes não se importam que o pastor fale vinte e cinco minutos, desde que tenha algo para dizer e saiba como dizê-lo com eficácia”.[4] Já Lutero aconselhou: “Procurem trazer de modo simples e breve o teor principal da prédica, e depois deixem-na por conta de Deus, nosso Senhor”.[5]

Os pregadores bíblicos não pregavam longos sermões. O único sermão extenso do qual tomamos conhecimento foi pregado por Paulo (Atos 20.7). A ocasião era especial: a despedida do apóstolo e, como iria viajar de madrugada, ele prolongou seu sermão até a meia-noite. Quantos minutos terá ele pregado? A história não menciona, mas a narrativa mostra que o modelo não serve de exemplo. O jovem Êutico, que estava sentado na janela, dormiu, caiu e morreu. Mesmo que Paulo o tenha devolvido vivo àquela congregação, não há muito estímulo para se imitar o modelo de Atos 20.[6]

Para Raymond Bailey, a linguagem do pregador deve ser viva e vigorosa, com palavras que animem e levem à ação imediata. Um recurso útil aqui é a brevidade; ela requer que o pregador use uma linguagem concreta, em termos de experiência humana, para comunicar sua ideia mais fácil e rapidamente.[7]

Blackwood preocupou-se com o tempo de duração da prédica, ao dizer: “É certo que o ritmo de vida hoje é mais rápido que no tempo dos “Peregrinos”, mas, mesmo assim, continua a ser um problema saber até que ponto o púlpito deve ceder ao espírito do século”.[8] O tempo referido por Blackwood já passara havia mais de meio século.[9] Embora ele não fosse um defensor da brevidade, deixou claro que a pregação enfrentava certo declínio, com a reação dos ouvintes contra o exagero:

“Por que os leigos protestam contra sermões muito longos? Não por causa do comprimento, mas por causa do tédio. Protestam contra a monotonia e a falta de interesse. Não podem gostar de sermões em que não há faíscas”.[10]

Não é unicamente pelo fato de a prédica ser breve que as pessoas são atraídas a ouvi-la — elas querem menos palavras com mais conteúdo. Como disse certo entrevistado: “Não sou motivado a ouvir um pregador que não considera o tempo dos ouvintes. Ele não sabe terminar mesmo não tendo muito mais a acrescentar”. Sabemos que não é pelo volume de palavras que os ouvintes irão praticar as verdades proferidas no púlpito.[11]

Que o Senhor da pregação nos capacite a dizer mais com menos palavras e nos ajude a viver em comunhão de tal modo com ele que até no silêncio os ouvintes saibam que ele nos transforma e santifica.

[1] STOWELL, Joseph M. Por que amo pregar. In: KOESSLER, Manual de pregação, p. 54.

[2] Apud MORAES, Homilética: do púlpito ao ouvinte, p. 336.

[3] A primeira edição desse livro de John Broadus foi publicada em 1870.

[4] A preparação de sermões, p. 244.

[5] LUTERO, Martinho. Apud KIRST, Rudimentos de homilética, p. 189.

[6] MORAES, O valor da brevidade para a relevância da pregação, p. 36.

[7] Bailey, Jesus, The Preacher, p. 112.

[8] Blackwood, A preparação de sermões, p. 243.

[9] A primeira edição de A preparação de sermões foi publicada em 1948.

[10] Ibidem, p. 243.

[11] MORAES, Homilética: do ouvinte à prática, p. 145.

Referências bibliográficas

BAILEY, Raymond. Jesus, The Preacher. Nashville: Broadman Press, 1990.

BENNETT, Bill. Thirty Minutes to Raise the Dead. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1991.

BLACKWOOD, A. W. A preparação de sermões. São Paulo/Rio de Janeiro: Aste/Juerp, 1982.

BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de comunicação escrita. São Paulo: Ática, 1988.

BROADUS, John. O preparo e entrega de sermões. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.

FASOL, Al. A Guide to Self-Improvement in Sermon Delivery. Grand Rapids: Baker Book House, 1991.

HINÁRIO ADVENTISTA. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1966.

HINÁRIO PARA O CULTO CRISTÃO. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.

HUNTER, James C. O monge e o executivo: uma história sobre liderança. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

JOWETT, John Henry. O pregador, sua vida e sua obra. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1969.

KEY, Jerry Stanley. O preparo e a pregação do sermão. Rio de Janeiro: Juerp, 2001.

KIRST, Nelson. Rudimentos de homilética. São Paulo/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal, 1985.

KOLLER, Charles. Pregação expositiva sem anotações. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

KOESSLER, John (Org.). Manual de pregação. São Paulo: Vida Nova, 2010.

LLOYD-JONES, D. Martyn. Pregação e pregadores. São Paulo: Fiel, 1984.

SODI, Manlio; TRIACCA, M. Achille (Orgs). Dicionário de homilética. São Paulo: Paulus/Loyola, 2010.

LARSEN, David. Anatomia da pregação. São Paulo: Vida, 2005.

MARCEL, Pierre Ch. The Relevance of Preaching. Grand Rapids: Baker Book House, 1977.

MCDILL, Wayne V. The Moment of Truth: A Guide to Effective Sermon Delivery. Nashville: B&H Academic, 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990.

MOHLER, Albert. Deus não está em silêncio. São Paulo: Fiel, 2011.

MORAES, Jilton. Homilética: do ouvinte à prática. São Paulo: Vida, 2013.

_____. Aventuras de um pregador iniciante. São Paulo: Vida, 2012.

_____. O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

_____. Restaurado por Jesus: histórias bíblicas, prédicas, monólogos. São Paulo: Reflexão, 2012.

_____. Púlpito, pregação e música. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

_____. Homilética: do púlpito ao ouvinte. São Paulo: Vida, 2008.

_____. Homilética: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, 2005.

_____. O valor da brevidade para a relevância da pregação. Orientador: Jerry Stanley Key. Recife: STBNB, 1993. Tese de doutorado.

MULHOLLAND, Edith Brock (Comp.). Hinário para o culto cristão: notas históricas. Rio de Janeiro: Juerp, 2001.

POSCENTE, Vince. A era da velocidade: aprendendo a prosperar em um universo mais-rápido-já. São Paulo: DVS, 2008.

POWELL, John; BRADY, Loretta. Arrancar máscaras! Abandonar papéis! São Paulo: Loyola, 1997.

ROBINSON, Haddon W.; LARSON, Brian Craig. A arte e o ofício da pregação bíblica. São Paulo: Shedd, 2009.

SODi, Manlio; TRIACCA, Achille (Orgs.). Dicionário de homilética. São Paulo: Paulus/Loyola, 2010.

WISEMAN, Neil B. (Comp.) Biblical Preaching for Contemporary Man. Grand Rapid: Baker Book House, 1970.

REVISTAS

Tear On-line. São Leopoldo: EST, v. 2, n. 1, 2013.

Louvor. Rio de janeiro: Juerp, v. 2, ano 119, 2o trim. 2009.

THE PREACHER’S MAGAZINE, Sep./Nov., 1991.

Sobre o autor

Alagoano de Maceió, Jilton Moraes de Castro é pastor, professor, poeta e escritor. Casado com Ester, é pai de Lídia, Lílian, David e Daniel, e avô de Anália, Henrique, Guilherme, Gabrielle, Rafael, Mateus e Enzo. Exerce atividades pastorais há quarenta e cinco anos, havendo dirigido igrejas em Fortaleza, Belém, Teresina e Recife.

Doutor em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (Recife, PE), Jilton Moraes recebeu, em 2013, da Escola Superior de Teologia — EST (São Leopoldo, RS), o título de Notório Saber em Teologia, sendo o primeiro teólogo protestante brasileiro a receber tal distinção no Brasil. Esse reconhecimento foi concedido após apresentação e defesa de tese, em banca de doutorado. Leciona matérias na área de teologia pastoral há mais de quarenta anos, além de sua atuação como professor em seminários e escolas teológicas, e em estudos na área da pregação em diferentes níveis.

É autor dos livros: A riqueza maior (ficção brasileira); Há um menino na rua (contos); Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões; Homilética: da pesquisa ao púlpito; Homilética: do púlpito ao ouvinte; Homilética: do ouvinte à prática; Aventuras de um pregador iniciante; O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito; Púlpito, pregação e música; Restaurados por Jesus (coletânea de monólogos); Viver com Deus é uma bênção (em parceria com Ester Moraes); Casamento é uma bênção (em parceria com Ester Moraes); Aventuras de um novo cristão (em parceria com David Moraes); Além da caminhada (ficção); Ana, Lia e seus amigos — ficção (em parceria com Ester Moraes).

Recebeu por sete vezes da Associação dos Editores Cristãos (ASEC) o Prêmio Areté, que tem como objetivo incentivar a busca da excelência na publicação de títulos evangélicos no Brasil. Jilton reside em Brasília.

Aqui está um texto ímpar: *Pregue mais em menos tempo*, livro valioso que disponibiliza um assunto quase sempre velado na área da Homilética: o tempo de duração do sermão. A ideia do autor não é defender sermões breves, mas chamar a nossa atenção para a necessidade de melhor aproveitamento do tempo no púlpito e no culto. O desafio tem a ver com a qualidade, com o desenvolvimento de técnicas que nos ensinam a aproveitar melhor o tempo.

Sobre o tempo de duração do sermão, o pastor Ricardo Arakaki declarou: "Já faz algum tempo que sinto Deus direcionando-me no preparo de sermões mais breves, com a percepção de que uma pregação bíblica e eficaz não precisa, necessariamente, ser longa". Após ler os originais deste livro, ele afirmou: "A leitura de *Pregue mais em menos tempo* foi para mim uma confirmação. Por meio de diálogos entre o experiente pastor Êutico e o jovem pastor Paulo, é apresentado o caminho para um sermão que, sem rodeios, alcança o seu objetivo: o coração do ouvinte. Após a leitura desta obra, o leitor também desejará tomar um café com o pastor Êutico".

> "*Pegue mais em menos tempo*, escrito em estilo agradável, certamente agradará aos pregadores, comunicadores e ouvintes. Tem uma narrativa interessante e dinâmica, aliada à uma análise profunda do assunto. A meu ver, é um texto completo sobre a síntese. Não discute apenas a duração do tempo do sermão no culto, mas apresenta alternativas para alcançar a brevidade na construção da prédica e sua inserção na dinâmica do culto cristão."
>
> — PROF. WELLINGTON BARBOSA

Vida ACADÊMICA
www.editoravida.com.br

eBook disponível

ISBN: 978-85-383-0414-2

Categoria: FORMAÇÃO TEOLÓGICA
Área prática pastoral/Homilética/Sermão